

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

# O FILHO DO BABY DOLL



São 20 contos, uns inéditos, outros reproduzidos de livros esgotados.

O FILHO DO BABY DOLL é uma impressionante lição de abalariado psicólogo para as mulheres casadas ou que vão casar. Um belo tratado de relacionamento ideal entre esposa e marido.

RESPEITO é a história de um cachorro prodígio, que praticou incríveis façanhas em vida e, depois da morte, operava até milagres. Do folclore paranaense.

O PEQUENO MARGINAL de Lagoa Vermelha, RS, ia se transformando em tremendo bandido, quando foi recolhido à Casa do Menor e se recuperou sendo hoje empresário em Caxias do Sul, casado com uma professora.

A NORMALISTA da Escola Rainha da Paz, por estar grávida, foi expulsa e, abandonada pela família, foi parar na casa de prostituição, de onde o professor Biavatti a retirou, reintegrando-a na sociedade, sendo hoje professora em Vacaria, RS.

O PINHEIRO era uma gigantesca araucária em missão decorativa às margens da BR-285 no município de Lagoa Vermelha e foi criminosamente derrubada.

TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO foi encontrado no município de Barracão, RS, e fez de um pobre rico agropecuarista.

O NHANDU é uma enciclopédia da erva de nossos campos, numa linda história de Valentim Rodegheri, o querido e saudoso Frei Brás, de Lagoa Vermelha.

O NEGRINHO DO PASTOREIO – linda versão da mais linda história do folclore gaúcho.

O ÉBRIO, viciado no alcoolismo, não podendo recuperar-se, internou-se num colégio de freiras e se recupera por milagre.

Fidélis Dalcin Barbosa

## O Filho do Baby Doll



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Fidélis Dalcin Barbosa

## **O Filho do Baby Doll**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Contos. -Lagoa Vermelha: Ed. La Salle 1992. 112p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/09/2013

B238f Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

O filho do baby doll [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin  
Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-026-4

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

1 – O FILHO DO BABY DOLL .....	9
2 – RESPEITO .....	20
3 – O PEQUENO MARGINAL.....	30
4 – A NORMALISTA .....	48
5 – O PINHEIRO .....	58
6 – O TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO .....	64
7 – O NHANDU .....	74
8 – O NEGRINHO DO PASTOREIO.....	85
9 – O ÉBRIO .....	90
10 – PERSEGUIDO DE MULHERES .....	105
11 – O HOTELEIRO.....	111
12 – ARLETE .....	124
13 – PESCADOR DE CORUJA .....	135
14 – PESCARIA A DINAMITE .....	139
15 – LAGOA VERMELHA – 110 ANOS.....	148
16 – QUINZOTE .....	153
17 – OS GUADAGNIN .....	160
18 – O COMBATE DA ENCRUZILHADA.....	170
19 – GRANJEIRO MODELO.....	178
20 – GRANJA TRÊS PINHEIROS .....	184





## **1 – O FILHO DO BABY DOLL**

Tarde morna de outono. Sentadas no alpendre, olhando a rua, as duas comadres falam da vida alheia. Quando falta assunto, vão buscá-lo nos transeuntes.

- Olhe ali, comadre. Veja quem está passando.

- Quem é? Parece a mulher do Prefeito.

- É ela mesma, em carne e osso. A D. Adriana, a primeira dama da cidade.

- Que horror, D. Nicota! Andando na rua sozinha, correndo, feito não sei o quê!

- Tão mal vestida! Mal penteada, desfigurada!

- Parece um fantasma, não é?

- Quem a viu e quem a vê! Quem diria que aquela moça tão distinta, tão rica, tão bonita, fosse acabar dessa maneira? Logo agora que é esposa do Prefeito!

- É verdade, comadre. Lembro-me do casamento. Foi o mais concorrido e elegante da cidade Linda ela e lindo ele, o Dr. Pacheco. Ele mais bonito do que ela.

- Aí está a desgraça dela, D. Nicota. O Dr. Pacheco, um broto tão bacana, o advogado mais temido da comuna. Criou fama, candidatou-se a Prefeito. Ganhou bonito. Depois. Ah, depois, arranjou uma amante e aí está a coitada da D. Adriana. Sabe que tenho pena dela, pobrezinha! Vê, não adianta a mulher ser bonita, ter dinheiro, cultura, ser esposa do Prefeito. Esses homens são todos uns demônios!

- Mas, D. Chicota, parece que a culpa é dela.

- Coitada! Não fale assim, comadre! Imagine só. Ela é uma santa. Ninguém vê ela conversando com outros homens. Não vai a festas. Não vai a nada. Quem vai com ele é a amante. Pouca vergonha!

- Isso é verdade. Mas, sabe, D. Chicota, eu tenho cá minhas dúvidas. Como é que ela anda desse jeito, tão mal vestida? Então ela não é a mulher do Prefeito? Procedendo assim, ela só podia perder a confiança do marido.

- Mas eu acho que é ele que não a deixa andar bem vestida. Por causa da amante.

- Não é, comadre. É tudo ela que provoca. É muito estúpida. Faz loucuras. Um dia tentou até matar o Dr. Pacheco. Depois ela quis tomar veneno.

- Pode ser que eu me engane, comadre. Eu, por mim, acho que o culpado é ele.

- E eu digo que é ela.

\*\*

\*

O caso era notório. Todo mundo comentava. Um escândalo. Uns diziam que o Dr. Pacheco era um carrasco para a esposa. Outros culpavam D. Adriana.

Os primeiros anos de casados, foram de felicidade. Beleza, honra, dinheiro. Depois, o Dr. Pacheco, Prefeito de importante cidade, entretido demais com seu absorvente cargo deu de esfriar no amor. Tornou-se infiel.

A esposa sentiu tremendo baque. Não soube agir. Não soube escolher as armas para debelar a crise e vencer a batalha.

O ciúme estendeu a nuvem da cegueira. E o inferno foi morar naquele palacete onde antes reinava a felicidade do paraíso.

Brigas quase diárias. O Dr. Pacheco começou a implicar com o traje da esposa, que gostava de andar bem vestida.

-Pra que toda essa extravagância, mulher? Esse luxo? Esse baton! Esses decotes! Quer exibir-se para os outros? Então você não é minha esposa? Eu não preciso dessas coisas, ouviu? Pára com isso.

Ela zangava-se: Ah, é assim? Quando eu era sua namorada, quando era noiva, você achava que ficava bem. Gostava de me ver bem vestida. Achava bonito. Agora... Agora não adianta mais. É todos os dias com essa troça, com esses deboches.

Briga feia. Ululante vendaval. Todos os dias. Nunca mais se entenderam. Nunca mais tiveram relações matrimoniais. Ela foi decaindo e emagrecendo a olhos vistos. Desleixou o vestido, a roupa íntima. O calçado. O penteado. Tudo. Ficou magra e feia. Um fantasma ambulante, pelas ruas, impressionando as duas comadres e todo mundo.

\*\*

\*

Lá, um dia, o Dr. Vilhena de Moraes apareceu na cidade para dar um curso de relações humanas na vida conjugal. Lições estupefacentes, empolgando a comunidade. Nunca mestre algum falou assim. Fabuloso!

D. Adriana já perdera a esperança de reabilitar-se e de reconquistar o marido. Mas lá compareceu, por mera curiosidade.

Escutou com a máxima atenção. A princípio, à luz daqueles ensinamentos, ela transferia as culpas todas para o marido. Ele e não eu é que devia estar aqui escutando.

Depois, entretanto, foi se impressionando com certas verdades surpreendentes. Aquela maravilhosa psicologia. Aquela longa experiência do conferencista. A citação de tantos casos desesperados e resolvidos de modo fantástico...

<< As mulheres – dizia ele – não estão sabendo usar de sua feminilidade. A mulher, muitas vezes, funciona apenas como mãe e como esposa, esquecida de que também é mulher.

Outras vezes – prosseguia o Dr. Vilhena – outras vezes torna-se agressiva. Pregadora de sermão. Não sabe pedir com feminilidade. Não sabe usar as lágrimas. Não possui a técnica de chorar. Não chora com sinceridade. Não sabe usar a arma da fraqueza, essa arma poderosa que Deus lhe deu. Já sai berrando, feito touro: Comigo é assim!

É preciso usar a franqueza no pedir. É preciso saber pedir. – Está bem, meu amor. Eu compreendo. Não compra, não. Desculpe. Eu só falei porque tinha uma vontade muito grande de que você me comprasse, mas não precisa comprar... Aí o coitado vai e compra.

Quantas vezes – continuava o conferencista – ouço os maridos falar assim: Doutor, estou esperando, e com os olhos no céu, um momento em que me sinta marido... Tenho quatro filhos e ainda não me senti marido. Minha mulher nunca me pediu nada assim com jeitinho de mulher, de esposa. Ela já pede como quem diz: Dá mesmo senão vai sair barulho... Eu queria que ela me pedisse de maneira que eu pudesse dar, que eu pudesse ceder, que eu pudesse me considerar como aquele marido que, não tendo obrigação de dar, no entanto dá. Nós somos muito vaidosos nesse ponto... >>

\*\*

\*

O que mais empolgou a D. Adriana, entretanto, foi o assunto da vestimenta. Como foi bem tratado pelo Dr. Vilhena!

<< Se Deus vos fez formosas, - dizia ele – a culpa não é de vocês. E a mulher que se veste bem, de forma a realçar suas qualidades, está se utilizando daquilo que Deus lhe deu. Inclusive quando anda com segurança e com graça.

Os homens partilham das glórias e das alegrias de suas esposas. Ela saiu muito bem vestida, discretamente. Atraiu atenções, gestos cavalheirescos. Vai, chega em casa e diz ao marido: Meu bem, hoje ao sair senti o olhar respeitoso de admiração de algumas pessoas que me acharam bonita. Toma este beijo. Sou tua mulher. Metade de minhas alegrias e de minhas glórias são tuas, meu amor!

A mulher bem vestida e notada, sente-se sempre com o marido ao lado. Ela recolhe admiração para compartilhar com o marido. Faz parte da mulher sentir-se bem vestida. Através do vestido, procura ter consciência de si mesma.

Se o marido pergunta: Para que você precisa de outros? Para ser vista e admirada, basta a mim. Você casou comigo e não com os outros. Aí a mulher responde: Meu bem, para que eu possa ser tua esposa equilibrada, verdadeiramente tua, eu necessito ter consciência do que eu represento para os outros, ter consciência de que estou dando algo ao meu marido...

Uma pessoa bonita que se veste bem, faz ato de caridade para todos os outros. Anima os outros a viver mais >>.

\*\*



\*

A esta altura, D. Adriana não resistiu. Esse doutor me entende. Parece que sabe toda a minha vida. Parece que está olhando para mim e está lendo na minha alma. Vou falar com ele.

Foi. Narrou toda a sua dolorosa história. Aquela vida de infelicidade do marido. Aquela sua brutalidade...

- Doutor, no começo eu reagi. Briguei. Saí de casa. Tudo em vão. Não adiantou nada, nada. Voltei e continuei brigando em casa. Passei a ameaçá-lo. Cheguei a tentar o suicídio, doutor. Nada. Mudei de atitude. Caí de joelhos, supliquei por amor de Deus. Não adiantou. Agora estou na fase da quietude. Não falo mais nada. Fico quieta. Emagreço e envelheço. Não digo mais uma palavra. Dou a comida dele, sirvo-o bem, mas também não adianta nada. Como vê, doutor, esgotei os recursos. Agora não tem mais jeito...

O Dr. Vilhena esboçou um sorriso e respondeu:

- Tem jeito, sim, minha senhora. Eu vejo na senhora muita coisa que se aproveite. Muita coisa.

- O quê, doutor?

- Vejo muita coisa. A senhora, apesar de magra e abatida, continua a ser mulher bonita e jovem. A mulher bonita e jovem que impressionou o seu marido. Sob o ponto-de-vista estético e ainda das qualidades morais. Estas continuam todas na senhora.

- Ah, doutor, será que ainda posso esperar este milagre?

- A senhora passe aqui no consultório todos os dias. Vamos conversar apenas dez minutos. Vou indicar-lhe o remédio.

\*\*

\*

Então, agora, D. Adriana ia todos os dias ao consultório. Recebia as instruções, que seguia à risca.

De acordo com essas instruções, principiou comprando um lindo vestido, o mais lindo vestido, do gosto antigo do marido. Depois, os sapatos. Sapatos à última moda.

No primeiro dia, o Dr. Pacheco chegou em casa. Viu a mulher naquele traje elegante e explodiu:

- Agora sim! Era só o que me faltava! Uma princesa em minha casa!

Ela fez cara triste e respondeu:

- É, meu bem, desculpe, o outro vestido rasgou. Não tive outro jeito. Comprei este novo. Quer café, meu amor?

Continuando a pôr em prática os conselhos daquele admirável especialista das doenças do espírito, D. Adriana comprou novos trajes íntimos. Trajes leves e lindos, capazes de tornar mais amena a vida íntima.

Vestindo as finíssimas Valisère, recordava os primeiros anos de casada. Sentia-se outra. Uma sensação de bem-estar e uma grande esperança de reaver a felicidade perdida.

Na primeira noite, o Dr. Pacheco fez cara feia:

- Que assombração é essa? Minha filha, sinto muito, mas não me impressiona, não.

E ela, com muito jeito:

- Olhe, meu bem, desculpe. O pijama rasgou e eu tive de comprar isto.

E não falou mais. Foi dormir.

A boa apresentação da esposa era o calcanhar-de-aquiles do marido. Desde o dia em que surgiu aquela amante, revoltou-se contra a elegância do vestir da esposa. Não podia vê-la bem trajada. Era um perigo...

Mas, D. Adriana vinha muito bem instruída pelo experiente psicólogo. Continuou seguindo fielmente o programa traçado.

Agora é a vez do penteado.

O Prefeito quase não parava em casa. Almoçava e saía. Voltava de tarde para o jantar. Vinha correndo. Tratava-a brutalmente.

Agora, D. Adriana preparava um ótimo jantar. E quando ele ia chegando, encontrava-a diante do espelho, fazendo a toalete. Penteando seus longos e lindos cabelos, com toda a poesia, com todo o vagar, conversando com a escova.

- Que é isso? Decerto a rainha do mundo vai hoje ao baile! Decerto!

- Desculpe, meu bem, é que eu estava tão abatida... Olha, já vou buscar o jantar. Está prontinho. Um momentinho só.

E continuava a pentear-se com toda a elegância.

Todos os dias, absolutamente todos, àquela mesma hora, quando ele chegava para o jantar, lá encontrava a esposa diante do espelho, penteando a longa e linda cabeleira de seda...

Um dia, não agüentou. Era demais. Virou bicho. Avançou para ela, furioso. Arrancou-lhe a escova. Partiu-a. Jogou-lha no rosto. Espatifou o espelho, berrando impropérios:

- Toma, bruxa do inferno!

\*\*

\*



No outro dia, no consultório do psiquiatra:

- Doutor, eu disse que o meu caso não tem cura.
- Não tem cura, por quê?
- Estou desesperada, doutor.

E contou a cena.

- Minha senhora, - respondeu o Dr. Vilhena – se é assim, a coisa vai bem, vai muito bem. Vai de bem a melhor. Compre outro espelho, outra escova e prossiga. Prossiga sem desanimar. Não se zangue. Não diga palavra. A batalha é dura, mas a vitória é certa.

D. Adriana obedeceu. Estava contente. Engordou. Ficou bonita, com cara de gente... Vai senão quando, surge outro incidente.

- Doutor, estou outra vez desanimada.
- Por quê? Você está ficando tão bonita, satisfeita, tão forte!

- É, doutor, a sua receita não está resolvendo. Ele agora não se importa mais comigo. Não me critica mais. Está na fase da indiferença.

- Mas ele olha para a senhora, D. Adriana?
- Olha assim com o rabo do olho.
- Então o negócio está melhorando. Insista na dose. Prossiga, prossiga sem parar.

Ela prosseguiu, sempre calma, sem zanga, sem dizer palavra, sempre caprichando no trajar, no penteado, nos perfumes, nas roupas íntimas, na pintura...

Vai até que um dia o Dr. Pacheco chega em casa no horário habitual, para o jantar. Vem correndo. Bate à porta com

mais força que de costume. Ela assusta-se, mas continua diante do espelho, penteando-se, simulando serenidade. Ele dirige-se para ela e fala:

- Chega, minha filha. Não me maltrates mais.

Toma-a nos braços e leva-a para o leito nupcial.

- Meu bem, ganhaste esta batalha. A maior de todas as batalhas. Com a funda da tua escova, deitaste por terra o mais temível gigante. O segredo do teu cabelo penteado foi a força de Sansão que me prostrou...

E ali, sobre o leito perfumado, misturando as lágrimas com as lágrimas da esposa, o Dr. Pacheco disse as coisas mais lindas, tão lindas como nunca dissera no fogo do noivado e no dia do casamento. Disse tudo quanto não dissera em vinte anos de matrimônio...

O sol que inunda a terra do Brasil inteiro, não tem o calor daqueles beijos, no êxtase do amor. Os pássaros jamais cantaram como cantava naquele instante a felicidade daqueles dois corações, que se abraçavam depois de tão longa e agoniada ausência. As flores de todos os jardins brasileiros não têm a beleza da poesia daquela relação, a mais poética e linda relação da vida...

No dia seguinte, o caminhão da Prefeitura Municipal transportava para outra cidade os trastes da amante. A miserável ia feliz, à procura do dinheiro de outro coitado, para a desgraça de outro lar...

Volvidos dez meses, o Dr. Vilhena de Moraes recebe carta de D. Adriana:

Luís Carlos nasceu, Dr. Vilhena, Luís Carlos, o FILHO DO BABY DOLL.

\*\*



\*

## **2 – RESPEITO**

Era de unha perdida. Cachorro de unha perdida. Você já viu algum? É o melhor cachorro do mundo. Mas são raríssimos. O pai levou um tempão procurando um.

Lá um dia, o Seu Ernesto chega em nossa casa. Chega de cara alegre, como quem traz uma radiante notícia.

- Compadre, - diz ele, abrindo um largo sorriso. – Já temos o cachorro que você tanto procura.

- Não diga, compadre. De unha perdida?

- Exatamente, de unha perdida. A Diana deu cria e no meio da ninhada de filhotes, encontrei um de unha perdida.

- Beleza, compadre! O cachorrinho é meu, custe o que custar.

- Não, compadre, não custa nada.

Volvido uns dias, o Seu Ernesto chegou com o cachorrinho.

- Olhe aqui a unha dele, compadre. Bem no alto, quase na metade da perna.

Lindo bichinho, preto, bem preto como carvão. O pai deu-lhe o nome de RESPEITO, na certeza de que, crescendo, daria um cachorro de respeito.

Nós, as crianças, fomos criando com todo o carinho, tratando-o, a princípio, com leite, e, a seguir, com carne. Em poucos meses, ficou um enorme cachorro de meter medo.

O pai ia ensinando. Ensinando a cuidar da casa, da propriedade, da criação e a caçar. Respeito aprendia tudo quanto lhe ensinasse. Aprendia com a maior facilidade.

Quando o pai saía a viajar, recomendava:

- Respeito, eu vou viajar. Tu fica cuidando da casa, sim?

Respeito obedecia. Nos dias da ausência do pai, não saía de perto da casa. Não saía nem para procurar comida. E não deixava que alguém se aproximasse sem a presença de uma pessoa da casa. Nem gente nem bicho. Dia e noite.

Quando, após alguns dias, o pai vinha chegando de volta, o cachorro sabia mesmo sem ver o pai. Só pelo pateado do cavalo ao cruzar pelo capão. Fosse outra pessoa, não dava demonstração. Não confundia nunca o pateado do cavalo baio do pai com o pateado de outro cavalo. Começava a pular, a fazer festa. Aí nós dizíamos: O pai vem chegando. Nunca nos decepcionou.

\*\*

\*

O pai ensinou a caçar. Nossa casa era na boca do sertão. Principiava ali, a menos de cem metros, um matão sem fim, povoado de bicharada bravia. Até onça havia naquela imensa floresta.

Respeito caçava veado, tatedo, porco-do-mato, mão-pelada, guará, graxaim, paca, cutia, tatu e cobra-cascavel. Interessante! Para cada bicho, ele tinha um latido diferente, distinto. Então, o pai, pelo latido, sabia que bicho Respeito perseguia.

Muitas vezes, à noite, o pai dizia: Respeito, eu hoje quero um tatu. Pronto, o cachorro saía à bala e afundava no mataréu. Daí a pouco, lá vinha o latido característico da presença de um tatu. Então, o pai ia lá e trazia a caça para a casa. O pai queria colaborar.

Numa dessas caçadas de tatu, Respeito foi infeliz. A única vez. De repente fez ouvir o latido. Mas era um latido diferente, estranho, nunca visto. Bicho desconhecido.

O pai ficou desconfiado. Armou-se de facão e archote e foi tirar a limpo aquela inquietante situação. Inacreditável o que o pai viu então. O cachorro, rijamente abraçado por um enorme tamanduá-bandeira, ia rolando morro abaixo, abrindo estradão, em meio de bambus, samambaias e arbustos.

Sem a menor preocupação consigo mesmo, o pai precipita-se em defesa do chão. Foi um desastre! O tamanduá, vendo ali o dono do cachorro, não teve dúvidas. Largou a este para abraçar o pai. Abraçou tão fortemente, neutralizando-lhe qualquer meio de defesa.

Vendo-se perdido, o pai gritou: Respeito! O cachorro, então, num pulo elétrico, agarra o tamanduá pelo focinho e, com dois violentos safanões, o estraçalha...

Agora, retornando para casa, Respeito vinha choramingando. Choramingava por haver entrado numa fria. Por haver-se deixado agarrar por um tamanduá vagabundo. Logo ele, o mais valente cachorro do mundo. E, pior ainda, por haver permitido que seu dono fosse preso!...

\*\*

\*

Foi a única vez. Nunca mais bicho algum lhe faltou de respeito. Mais tarde, haveria, não bicho, mas um homem mesquinho, que lhe faltará de respeito.

Mas antes disso, o nosso cachorro praticou muita bravura. Era o amigo fiel de todas as horas. Acompanhava-nos à roça, fazendo de cavalo. Transportava a mala-de-pano com as provisões e o pequeno Mário, o caçula da casa.

Acompanhava-nos também na reza. Sim senhores, na reza como se fosse gente. Nós tínhamos o costume de rezar o terço à noite, antes de deitar. Todos ajoelhados na sala grande.

Então Respeito entrava. Ajoelhava-se sobre as patas dianteiras, num canto da sala. Respondia às orações da melhor forma possível, o coitado. Fazia uma força danada, movimentando as mandíbulas... O pai até disse um dia: Nunca a palavra em bicho fez tanta falta.

Terminada a recitação do rosário, levantava-se, saía pulando, fazendo festa. A hora do recolhimento, da oração, havia chegado ao final.

Respeito aprendeu ainda a ir ao armazém fazer compras. Nós colocávamos dentro de uma cesta o dinheiro e um bilhete para o dono da venda. Respeito agarrava a cesta nos dentes, ia lá e trazia açúcar, sal, café...

Ensinamos a trazer do potreiro a vaca de leite. O pai dizia:

- Respeito, a Boneca.

O cachorro saía correndo. Procurava a Boneca e vinha tocando para a estrebaria. Quando o pai queria trazer o touro, dizia:

- Respeito, o Capitão.

Pronto, o cachorro ia logo e tocava para casa o nosso touro.



Nós estávamos felizes com um cachorro destes, tão amigo, tão prestativo. Se um dia Respeito viesse a nos faltar, sem era bom imaginar a sombra negra de tristeza que tombaria sobre nossa casa.

Pois esse dia chegou, desgraçadamente. Respeito teria lá seus três anos apenas. Uma tarde, ele matou o cachorro do vizinho. O cachorro que penetrara em nosso potreiro e perseguia as vacas. Era um cachorro de estimação. E sabem o que fez o dono desse cachorro? Deu bola de vidro. Deram bola de vidro ao nosso cachorro.

O pai, percebendo, ministrou-lhe um vidro de óleo de ricino, salvando-o de morrer na hora. Mas Respeito não prestou mais. Perdeu toda aquela vivacidade. Perdeu a vontade de caçar. Deixou de fazer festa. Deixou de entrar na sala para rezar o rosário. Foi definhando, definhando, até que morreu.

O pai, de tão indignado e revoltado, esteve a ponto de matar o vizinho. Não o fez, porque o vizinho jurava que não fora ele o malvado que deu bola de vidro para matar o nosso cachorro.

Ninguém pode imaginar a dor, a tristeza, a desolação, que tomou conta de todos nós. Era como se houvesse morrido um membro da família. O que choramos!

A fim de mitigar um pouco a nossa dor, resolvemos prestar uma homenagem de amor e gratidão para o incomparável amigo que tanta alegria nos havia proporcionado, que tanta serventia nos havia prestado.

Organizamos um velório na sala onde Respeito costumava nos acompanhar na reza. Um funeral solene. Lindo caixão, coberto de flores. Num campestre que havia no meio do mato, um campinho onde nós jogávamos futebol, foi aberta a cova. A seguir, em grande silêncio, rezando, em religioso cortejo, transportamos para lá o nosso querido defunto. Eu ia na frente levando a cruz.



Uma pausa para reflexão e lágrimas. E o ataúde desceu à sepultura, auxiliado por duas cordas. Depois, de acordo com o costume da época, cada um de nós agarrou um punhado de terra e jogou na cova, fazendo ruído no caixão.

Completamos a piedosa tarefa com a pá. Ajeitamos a terra caprichosamente, dando-lhe forma de sepultura humana. À cabeceira, cravamos a pequena cruz de madeira, abraçada por uma grande e linda coroa de flores. Espalhamos rosas e cravos sobre a sepultura. Ficamos lá mais alguns minutos, recolhidamente, em nossa grande dor.

Seguiram-se dias e semanas de pesado luto e profunda desolação em nossa casa. Passado algum tempo, o pai, como que aborrecido com a desgraça, resolveu transferir-se para outro Estado. Vendeu a terra para seu irmão, o qual, entretanto, nunca foi morar ali.

Aquilo tudo virou tapera. Os vizinhos também, um após o outro, foram se mudando, imitando o exemplo do pai, que descobrira umas terras fertilíssimas no Oeste do Paraná.

O mato foi tomando conta de todo aquele rincão. Dentro de poucos anos, um grosso matagal veio juntar-se àquela floresta sem fim, habitada por feras.

\*\*

\*

O tempo foi passando. O mato crescendo. Um dia, velho caçador, conhecido apenas pelo nome de Resto-de-onça, vagando por aquele sertão, acabou perdendo-se.

Extraviado, quanto mais buscava o caminho de casa, mais dela se afastava, afundando cada vez mais na mata. Dia e noite



andando à toa, dando voltas inúteis, sem jeito de descobrir o fio da meada.

No dia seguinte prosseguiu, trôpego, mal arrastando as pernas, já sem esperança de se salvar. De repente, um raio de luz. Uma claridade. Correu para lá e descobriu um campestre, um belo campinho gramado.

Aquela bendita claridade, para quem passara dias na sombra negra da selva, era algo tombado do céu. Mas não parou aí a alegre surpresa de Resto-de-onça. Viu ali, a um canto, uma velha sepultura, presidida por tosca cruz de madeira, coberta de musgo.

Criou alma nova. Suspirou fundo. E não vacilou. Caiu de joelhos. Avidamente. Ergueu as mãos para o alto e rezou, com o maior fervor deste mundo: Senhor, por alma deste defunto, fazei que eu me salve, que encontre o caminho para sair deste sertão.

Palavras não eram ditas, surge, ali perto, saindo do mato e atravessando o campinho, o vulto negro de um enorme cachorro preto.

Estou salvo – pensou Resto-de-onça. – É só seguir este cachorro, que me levará seguramente à casa de seu dono.

E tratou de acompanhar o providencial animal, que, por sorte, como sabendo de sua nobre missão, caminhava devagar, para dar chance aos trôpegos passos do cansado caçador.

Andaram, um atrás do outro, cerca de um quilômetro, quando o cachorro desapareceu, mas já à vista de um rancho de caboclos. Resto-de-onça aproximou-se com sofreguidão. Quando viu a figura pálida do sertanejo assomado à porta da humilde habitação, caiu de joelhos, causando surpresa. Com dificuldade, mal podendo falar, com voz trêmula e fraca, levantando as mãos, exclamou:

- Muito obrigado, amigo!

- Obrigado por quê, vizinho? – perguntou o cabloco, de olhos arregalados.

- O seu cachorro. O seu cachorro me salvou a vida.

- Que cachorro, homem? Eu não tenho cachorro.

\*\*

\*

A notícia da existência daquela milagrosa sepultura correu mundo, chamando atenção para os doentes e necessitados de graças do céu. Não tardou que um doente, vítima de câncer incurável, visitasse com fé a misteriosa sepultura. Orou pela alma daquele defunto ali sepultado. E, milagre, curou-se logo, completamente.

Um paraplégico lá deixou suas muletas e saiu andando sobre seus pés. Um tropeiro, que perdera seu cavalo, foi levar àquela sepultura uma dúzia de velas, e não é que encontrou ali, amarrado a uma árvore, o seu cavalo!

A romaria de devotos foi crescendo. Crescendo extraordinariamente. Não faltou quem montasse ali uma tenda, para venda de velas, mantimentos, bebidas. Foi construída uma casinha. Mais outra. Foi ficando um povoado.

Tratou-se então da construção de uma capela, para nela entronizar os restos mortais daquele defunto, que era um santo, que fazia tantos milagres.

Construída a capela, com donativos dos romeiros, marcou-se a data da sua inauguração. Uma grande festa. Tão numerosa foi a afluência de pessoas, que foram sacrificadas dez reses para alimentar a todos.

Antes da inauguração da igreja, procedeu-se à exumação dos ossos do misterioso defunto. Todo mundo queria ver. Todos curiosos por conhecer de perto aquilo que provocava tantos prodígios, tantas curas, tantas graças.

O Pe. Firmino, pároco da freguesia mais próxima, procedeu ao cerimonial. Principiou com a recitação de uma dezena do rosário, seguida de um cântico, entoado por um grupo de jovens. A seguir, o Vigário deu ordem para abrir a sepultura.

Dois operários, armados de pá e cavadeira, em poucos instantes, diante da enorme expectativa geral, descobriram as tábuas podres do ataúde. A seguir, apareceu um osso pequeno, como de criança. Mais outro. Um punhado de ossos miúdos, e, oh espanto, uma caveira canina.

A multidão não se conteve e rompeu numa exclamação imensa. Não faltou até algum riso sacrílego, logo abafado. No mesmo instante, todos os olhares se voltaram para o padre, interrogativamente, como a pedir explicação. Como quem diz: E agora, Vigário?

O Pe. Firmino, sem demonstrar a menor admiração, a mínima surpresa, olhou atentamente para toda aquela gente atônita. Fez uma pausa impressionante e falou:

- Pois é, meus filhos. Cachorro também é criatura de Deus. Nosso Senhor, como aconteceu tantas vezes na História da Igreja, pode muito bem servir-se dos animais irracionais para manifestar seu infinito poder e fazer algum bem à pobre humanidade. Por que não? O que vale é a nossa fé.

\*\*

\*



### **3 – O PEQUENO MARGINAL**

Gáucho de Lagoa Vermelha, eu fui um pequeno marginal. Pequeno mas tremendo marginal. Fui ladrão, assaltante, e estive a pique de me transformar num perigoso assassino. Uma dezena de vezes, revólver roubado em punho, fiz pontaria para matar.

Mas lá um dia, no tenebroso caminho que eu trilhava, brilhou um raio de luz. No meio deste raio de luz, surgiu uma mão poderosa e amiga. Mão poderosa e amiga que me conduziu do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu...

Recuperei-me. Agora, inteiramente recuperado, sinto prazer em narrar a minha história. A minha dramática história, que já foi transformada em peça teatral, magistralmente levada em cena pelas normalistas da Escola Rainha da Paz, de minha cidade natal.

\*\*

\*

Sou filho de uma prostituta. Prostituta com sangue africano. É claro, se dependesse de mim, eu escolheria outra mulher para mãe, em que pese o elogio de Cristo, que a muita gente-bem faz preceder as prostitutas à entrada do reino de Deus (Mt. 21, 31).

Filho da zona do meretrício, criado sem pai e sem padrinho, comecei a gatinhar entre marginais. Vida bruta. Ambiente sombrio de vício e miséria.

Vivia de esmolas, passando fome e sofrendo os rigores do inverno sulino, por falta de roupa e coberta, num barraco miserável. Roupa minguada, rasgada, suja e fedorenta.

Com oito anos, saía pelas ruas de minha cidade, junto com alguns companheiros de infortúnio, a bater de porta em porta, mendigando ajuda.

Nestes peditórios, em geral, era bem sucedido. Ganhava hoje um prato de comida; amanhã, um pedaço de pão; depois de amanhã, algum dinheiro.

\*\*

\*

Um dia, nessas minhas andanças, sofri uma decepção. A maior decepção de minha vida de marginal. Um tombo feio. Um tombo que seria o começo de uma série de trambolhões.

Bati à porta de bela moradia de um dos maiores empresários da cidade. A esposa deste empresário costumava me atender muito bem, dando-me sempre alguma ajuda. Infelizmente, nesse dia, quem me recebeu foi o seu marido, o Seu Alfredo, que era uma fera para os pequenos marginais.

Quando o Seu Alfredo abriu a porta e me viu, levantou a voz, esbravejando blasfêmias na língua dos gringos: **Brutti negri, maledetti!** Vão trabalhar, vagabundos!

Eu saí correndo, mas uma pedra me acertou nas costas, e logo, duas balas de revólver passaram assobiando perto de meus pés, sobre o calçamento da rua.

A violenta pedrada me deixou a marca nas costas. Marca que até hoje conservo e que irá comigo à sepultura.

Qualquer pessoa, por mais educada e cristã que fosse, se revoltaria, diante de um gesto de tanta selvageria. Imaginem então eu, um pequeno marginal, criado na escola dos marginais, vivendo a filosofia dos marginais.

\*\*

\*

Pois o demônio tomou conta de mim. Fiquei um demônio. Um diabinho. Jurei vingança. Vingança diabólica, infernal. Jurei que haveria de matar aquele bruto. Fiz promessa. Promessa solene. Fiz promessa de matá-lo. De matá-lo com a mesma arma com que ele acabava de me atirar.

Na execução do meu plano diabólico, eu tive sorte. Tive a proteção, não do céu. Tive a proteção do demônio. O demônio que nesta empreitada me abençoou escandalosamente.

O que me parecia quase impossível, tornou-se a coisa mais fácil do mundo. Entrar na casa do Seu Alfredo sem ser visto e sair dela com o revólver, foi uma façanha espetacular, de que até hoje me admiro.

Não tive mais sossego. Não pensei mais em nada. Eu só queria entrar na casa do Seu Alfredo e sair dela com o seu revólver. O revólver com que ele me havia atirado duas vezes. Com esse revólver eu haveria de matá-lo.

Durante alguns dias, às escondidas, nas proximidades da suntuosa casa, estive espreitando um oportunidade. Ao cabo de uma semana, fiquei sabendo que de manhã o Seu Alfredo saía para a sua empresa, os filhos iam à escola, ficando em casa apenas a D. Ernesta, com o filho menor e a empregada.





Um dia, por volta das dez horas da manhã, escondido por trás das árvores da avenida, vi com alegria a D. Ernesta sair de casa junto com o filho menor e empregada, deixando a casa deserta.

A casa ficou deserta, mas fechada à chave e, nos fundos, bem guardada por enorme cachorro policial. Um cachorrão medonho, capaz de estraçalhar um adulto, não apenas uma criança como eu.

Mas eu ignorava a presença do perigoso animal. Fui penetrando afoitamente pela garagem, aos fundos. Num pulo passei da garagem à cozinha, sem que o cachorro desse por mim. Devia com certeza estar dormindo, providencialmente.

\*\*

\*

Atravessei duas salas ricamente atapetadas e mobiliadas. Andei por um corredor, de onde avistei a cama de casal, coberta com colcha doirada. Penetrei no belíssimo quarto, carpetado e perfumado. Abri uma gaveta da cômoda. Fiquei radiante. Lá estava o revólver. Um revólver pequeno, de cano curto, calibre 22. Fácil de levar escondido no bolso das calças.

Estava carregado. Ao lado, uma caixa de balas. Agarrei a arma e a caixa de balas. Enfiei nos bolsos.

Minha alegria não parou aí. Na mesma gaveta estava uma faca prateada, com bainha floreada. Vendo aquela faca, tive uma idéia. Uma idéia ingênua, infantil. Uma idéia absurda, diabólica, infernal.

Com o revólver eu mataria o Seu Alfredo. Em seguida, com a faca, lhe abriria o peito, para verificar se ele tinha coração...



Meti a faca na cintura, por baixo das calças, o cabo encoberto pela camisa. E saí, triunfalmente. Num pulo, estava na garagem. O cachorro, amarrado por longa corrente, disparou atrás de mim, sem conseguir pegar-me. Levei um susto, do qual me refiz em seguida, porque eu acabava de realizar uma façanha espetacular.

\*\*

\*

De posse do revólver, eu vibrava, prelibando uma segunda façanha, que era derrubar o Seu Alfredo com a sua própria arma, a arma com a qual ele me havia disparado dois tiros.

Eu cuidava que matar o Seu Alfredo seria fácil, mais fácil do que entrar em sua casa e furtar-lhe o revólver, a caixa de balas e a faca. Mas eu estava enganado, redondamente enganado. Matar o Seu Alfredo seria para mim a empreitada mais difícil do mundo. Empreitada impossível de realizar.

Sabia eu que o Seu Alfredo, aos sábados e domingos, à noite, ia ao cinema, no Cine-Teatro Guairacá, de Dileta Cunha e filhos, hoje desativado, estando o prédio ocupado pelo Banco Meridional e pelas Lojas Volpato. Na frente do cinema, na Avenida Afonso Pena, árvores frondosas ofereciam ambiente favorável para me ocultar, horas mortas da noite, e dali disparar a arma sem ser visto.

No primeiro sábado, fiquei mais de uma hora zanzando por ali, à espera do final da sessão cinematográfica. Por volta das 11 horas, o altofalante abriu a goela, transmitindo forte a música <<Granada>> , com a qual era dado sinal de começo e final do espetáculo.



Fiquei vibrando. Sufocando a emoção e o nervosismo, postei-me, revólver em punho, atrás de uma palmeira, na qual me escorei para fazer pontaria.

Sem demora, reconheci o Seu Alfredo no meio da multidão, trajando um terno claro, axadrezado. Vinha saindo do cinema conversando com os amigos. Levantei a arma e fiz pontaria.

Aguardei que ele se afastasse dos companheiros, que eu poderia atingir com uma bala, sem querer. Mas ele foi andando sempre ao lado de outras pessoas.

\*\*

\*

Desapontado, fiquei aguardando o dia seguinte, domingo. Outra decepção. Tudo correu como no sábado. O Seu Alfredo, sempre perto de amigos, saiu da casa de espetáculos e foi seguindo para o café ao lado.

No outro sábado e no outro domingo, repetiu-se a minha frustração, sempre pelo mesmo motivo. Foram cerca de dez tentativas, sempre em vão.

Resolvi mudar de lugar de espera. Coloquei-me na primeira esquina, diante da loja do Seu Amadeo Scalabrin, escondido no meio da profusão de árvores da avenida. O Seu Alfredo, que nunca faltava ao cinema, veio saindo e descendo a rua, acompanhado de sua esposa.

Fiz pontaria. Não sei por que, a mão começou a tremer. Assim a tremer, eu poderia atingir a esposa, coisa que de maneira alguma poderia consentir, pois D. Ernesta foi sempre muito atenciosa e generosa para mim. Mais um fracasso.

\*\*

\*

Ainda com o pensamento em buscar novos meios de atingir meu objetivo, naquela mesma semana sobreveio um fato decisivo nos rumos de minha vida. Fui recolhido à Casa do Menor Abandonado.

Fui para lá, mas não perdi a esperança de assassinar o Seu Alfredo. Por isso, levei comigo o revólver, as balas e a faca. No dia seguinte, temendo a vir ser descoberto com aquele pequeno arsenal, tratei de escondê-lo no mato próximo, pertencente àquela instituição.

Lá no mato, descobri um oco de árvore e nele encafei minhas armas. Cada semana eu ia lá ver se não tinham desaparecido. De vez em quando, eu lubrificava o revólver e a faca com óleo das oficinas mecânicas, para que não enferrujassem.

Fazia uma semana que eu me encontrava internado na Casa do Menor, quando assumiu a direção o professor Idílio Biavatti. Era um jovem, solteiro, baixinho, forte, extremamente simpático e apaixonado por menores carentes.

No primeiro dia, ao vê-lo chegar, nós até ficamos com algum receio dele. Mas chegou sorrindo e distribuindo balas e frutas para nós. Todos ficamos logo gostando do professor Idílio.

Formado em Técnicas Agrícolas, tratou imediatamente de tratar o vasto terreno da Casa do Menor numa lavoura imensa. Plantou árvores frutíferas, figueiras, laranjeiras, macieiras, pessegueiros e um vinhedo.



A horta, que jazia abandonada, transfigurou-se numa sementeira em flor. Com os produtos hortigranjeiros dela, nós abastecíamos os supermercados da cidade.

A seguir, organizou um aviário, com centenas de galinhas poedeiras e de corte. Então, para nós, era aquela fartura de ovos e carne de frango. Três vacas de leite. Um chiqueirão com dezenas de porcos da raça Duroc. Cada três meses, abatíamos um porco de 300 quilos, que nos fornecia carne, linguiça, salame, banha e dinheiro.

De toda essa abundância de produtos da lavoura, do aviário, das vacas e da porcada, nós é que aproveitávamos. Uma fartura colossal! Coisa que nunca ninguém vira antes da chegada deste novo administrador.

\*\*

\*

Depois das aulas, o professor nos acompanhava nos trabalhos da terra, ensinava-nos a plantar, a colher milho, batatas, feijão...

Um dia estávamos nós lá na lavoura junto com o professor Idílio, quando chegaram duas distintas senhoras da direção da FEBEM ( Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor ), de Porto Alegre. Vendo ali o professor, trabalhando na terra, com as mãos sujas, cuidaram que se tratava de um empregado qualquer.

- Escute, moço – disseram elas – por favor, pode nos chamar o diretor?

- Pois não – respondeu o professor. – Vamos entrar.

Elas entraram, sentaram na sala, enquanto o professor ia lavar as mãos, para, em seguida, se apresentar.



- Mas e o diretor? – insistiram as duas senhoras.

- O diretor – respondeu humildemente o professor – o diretor sou eu mesmo. Desculpem.

Elas confessaram depois, que ficaram muito bem impressionadas, por ver um diretor, de mãos sujas trabalhando na lavoura.

Nós ficamos querendo muito bem ao professor Idílio. Era o nosso grande amigo. O nosso pai. A nossa mãe. Era tudo pra nós. Mas não deixava de ser exigente. Não tolerava abusos e desordens. Depois de um malfeito nosso, vinha logo o castigo, que nós aceitávamos com agrado.

Uma noite, depois de nos acomodar no dormitório, o professor foi visitar o pai, que aniversariava naquele dia. Nós, então, aproveitamos a sua ausência para nos divertir. Quando ele retornou, o dormitório estava virado num campo de batalha, cujas balas, de grosso calibre, eram os travesseiros.

O professor não gostou. Chamou-nos para fora. Mandou que ficássemos só de calção, todos em fila. E, agarrando um balde de água, nos deu um banho, naquela noite fria de inverno.

A seguir, ordenou: E agora, todos lá no mato a carregar para aqui aquela árvore que o temporal derrubou. Amanhã vocês vão transformá-la em lenha.

Lá fomos nós, de noite, uns resmungando: Mas, professor! Na escuridão da noite, a árvore parecia uma enorme folha carregada por formigas, movimentando-se lentamente.

\*\*

\*



Uma série de episódios interessantes, ocorridos na Casa do Menor com o professor Idílio, durante o tempo em que lá permaneci, mereceriam registro. Vai apenas um.

As normalistas da Escola Rainha da Paz costumavam visitar a nossa casa, a fim de prestar alguma ajuda, nas aulas, na catequese. Pois, uma dessas estudantes, aos poucos, foi se apaixonando pelo professor Idílio, que naquele tempo continuava solteiro.

Vai até que um dia ela não se contém e larga na cara dele uma declaração de amor:

- Professor, eu gosto muito de você; mas não suporto vê-lo aqui entre os marginais.

-O professor não gostou da segunda parte dessa declaração de amor. E protestou com veemência:

- O quê? Marginais? Marginais coisa nenhuma, minha filha! Então você não sabe que estes meninos são filhos da alta sociedade? Sim, senhora, filhos da alta sociedade, embora nascidos quase todos na zona de meretrício! Você quer ver uma coisa?

O professor foi para perto dos garotos, que jogavam bola, e gritou:

- Flávio, venha cá.

O rapazinho, a cabeleira desgrenhada, suando dos pés à cabeça, chegou correndo e parou diante do professor, ao lado da normalista.

- Minha filha, - olhou o professor – está vendo esse <<marginal>>? Olhe bem para a cara dele. Veja os traços fisionômicos. Não é parecido com você? Pois este marginal, minha filha, é teu irmão.

- Que horror, professor! – exclamou a normalista.

- Sim, senhora, é teu irmão. O pai dele é o teu pai. O teu pai em carne e osso, embora a mãe seja uma prostituta.

- Ai, professor, não diga uma coisa dessas! – tornou ela, começando a chorar.

Era a pura verdade. Verdade nua e crua. Mais tarde fiquei sabendo que o professor não estava mentindo... Naquele momento eu fiquei com pena dela. Aquela distinta normalista sofria ali, diante de nós, a mais arrasadora humilhação.

No dia seguinte, ela retornou à Casa do Menor. Veio sozinha, de automóvel. Trazia um enorme embrulho, que entregou ao diretor. Era uma coleção de finíssimos lençóis. Uma dúzia de lençóis, que ela oferecia para nós, os pequenos marginais, um dos quais era seu irmão.

\*\*

\*

O professor Idílio gostava muito de nós. Gostava tanto daquele seu cargo, gostava tanto da Casa do Menor que, um dia, correndo boato de que a casa poderia cerrar suas portas por falta de recursos e de colaboração da sociedade, declarou para o presidente da entidade mantenedora:

- Se a sociedade não quiser colaborar, não será por minha causa que esta casa vai fechar. Venderei meu carro e uns terrenos que tenho, para sustentá-la.

O professor dispunha de uma camioneta <<Brasília>> . Era de sua propriedade. Com ela, em várias viagens, nos levava ao centro da cidade. Levava-nos a festas. Levava-nos à missa. Por vezes, levava-nos junto de uma casa em construção para descarregar tijolos dos caminhões.





Fazia todas essas viagens por conta própria. Nunca pedia à entidade mantenedora dinheiro para o combustível. Tudo corria por conta do seu mingüado salário de professor.

\*\*

\*

Decorrido algum tempo, eu ainda vinha alimentando a esperança de matar o Seu Alfredo. Voltra e meia, ia examinar minhas armasm escondidas no oco da árvore. Elas lá continuavam bem guardadas, à revelia do professor, à revelia de todo mundo. Nunca falei nada à ninguém acerca do meu plano sinistro e acerca do revólver.

Certo dia, como fazia quase sempre aos domingos, o professor nos levou à missa da Matriz de Santo Antônio. Pois essa missa foi o começo de minha salvação, da minha conversão.

Durante a homilia, o Vigário, Frei Mateus Dolzan, da ilustre família Dolzan, da terra, falou a respeito de um assunto que muito me interessou. Falou do valor da vida humana. Falou da preciosidade da nossa personalidade. Disse que ninguém pode tirar a vida de ninguém. A gente não pode tirar a vida de si mesmo e nem tirar a vida dos outros. Esse direito pertence a Deus, exclusivamente a Deus.

Fiquei pensativo. Pensativo e preocupado: Então, eu não posso tirar a vida do Seu Alfredo. Não posso, embora ele tenha tentado tirar a minha vida.

Naquela noite quase não dormi. Não tive mais sossego. Resolvi tirar aquele peso que me esmagava a alma. Resolvi abrir-me para o professor Idílio. Foi o que fiz naquela segunda-feira. Uma segunda-feira histórica:



- Professor, - falei – eu tenho uma coisa muito importante para lhe contar. Mas estou com medo.

- Com medo de quem, Roberto? Então tu não tens confiança no teu diretor?

- Eu tenho, professor. Mas estou com medo de que aquilo que vou contar chegue aos ouvidos de outras pessoas. Gostaria que o professor guardasse segredo.

- Claro, meu filho. Eu tenho obrigação de guardar segredo profissional. Podes ficar descansado, Roberto.

\*\*

\*

Animei-me de coragem e fui desenrolando minha história. O professor foi ouvindo tudo atentamente. Por vezes, ele sorria e dizia: Está bem, e depois? Por fim, convidou-me:

- Roberto, vamos lá no mato, ver o revólver.

Fomos. Estava tudo em ordem. O revólver, a faca, as balas. O professor, querendo testar a arma, puxou o gatilho e pum! Saiu um tiro forte que me fez tremer. Olhei em redor. Não, não havia ninguém por perto.

- Roberto, - falou o professor – agora tu ficas rezando, que o professor vai fazer uma coisa muito importante.

- Professor, - exclamei assustado – o senhor não vai querer me denunciar?

- Nada disso, meu filho. Por amor de Deus! O professor nunca faria uma coisa tão absurda.



Mas, então, o que é que fez o professor? Pois na noite daquele mesmo dia, ele foi à casa do Seu Alfredo e contou toda a história.

O Seu Alfredo, ao tomar conhecimento do meu assalto, do roubo e da tentativa de homicídio contra ele, enfureceu-se e exclamou:

- Eu quero saber quem é esse bandido. Ele vai me pagar.

- Calma, Seu Alfredo, - disse o professor. – Calma. Esse moreninho pode ser teu filho. E, se você, por acaso não for o pai dele, seja pelo menos o seu padrinho.

- Nem falar, professor!

- Seu Alfredo, você deve dar graças a Deus por não estar morto. Por isso, você deve ajudar este guri a se recuperar. Eu vou trazê-lo aqui para lhe devolver o revólver.

Na noite seguinte, lá fomos nós, o professor e eu, à casa do Seu Alfredo. Eu ia com certo receio, em que pese toda a confiança que o professor me dava.

Entramos naquela casa de tantas recordações para mim, de tantos sobressaltos. Era a mesma casa, atapetada com os mesmos lindos tapetes floridos. A mesma mobília...

Sentamos na sala principal. O professor falava. Falava da sua obra. Falava de outros casos acontecidos com os garotos da Casa do Menor.

Eu, em silêncio, refletia nas voltas que o mundo dá. Nas surpresas que nos reserva. Que transformação a nossa! Éramos dois inimigos de morte, eu e o Seu Alfredo. Agora nos tornávamos amigos...

Eu refletia na radical mudança de minha mentalidade de marginal. Um marginal de revólver em punho, fazendo pontaria. E agora, um manso cordeiro...



O Seu Alfredo, outro valentão como eu, que antes dava tiros de revólver contra os moleques na rua... O Seu Alfredo era outro cordeiro. Um leão transformado em manso cordeiro.

Eu não falei nada. Não disse uma palavra. Por fim, chegando o momento de entregar o revólver, eu queria falar. Queria pedir perdão. Mas não pude abrir a boca. As lágrimas me saltaram aos borbotões e me sufocaram.

O Seu Alfredo, ao receber a arma e a caixa de balas de minhas mãos, deu-me um forte abraço e um beijo. Ele também não resistiu à emoção. Rompeu a chorar feito criança.

D. Ernesta abraçou-me ainda mais apertadamente, beijou-me sofregamente. Ela estava banhada num mar de lágrimas, ali diante do olhar satisfeito do professor.

Aquele foi o momento mais sublime de toda a minha vida. O momento do perdão e da reconciliação...

\*\*

\*

A seguir, o professor disse:

- A faca, Seu Alfredo, eu vou guardar. Vou guardar como recordação desta história, que está acabando tão lindamente.

- Está bem, professor. Pode ficar com ela. Devo-lhe muita obrigação.

Imediatamente, o Seu Alfredo puxou da carteira e me entregou dois mil cruzeiros. Dois mil cruzeiros que naquela época era muito dinheiro.

Dias depois, ele chegou na Casa do Menor e me entregou mais cinco mil cruzeiros. Fez mais. Levou-me um dia à casa



Renner e me comprou um bellissimo terno azul-claro. Nunca na vida eu havia vestido roupa tão bonita. Com ela no corpo eu me sentia gente.

Entretanto, para que eu pudesse me realizar plenamente na vida, o professor conseguiu que eu trabalhasse na agência local da Caixa Econômica Federal.

Estudava de manhã e de tarde trabalhava na Caixa. O gerente desta, instruído pelo professor, dava-me serviço de responsabilidade. Entregava-me dinheiro para transportar a outros bancos. Uma ocasião fui buscar no Banco do Brasil vários milhões de cruzeiros. Tão grande a confiança que em mim depositavam!

Esta escola, a Caixa Econômica, completava minha recuperação e minha formação, para as lides futuras. Formei minha personalidade. Tornei-me responsável.

\*\*

\*

Estava recuperado. Eu já era um marginal recuperado. Estudei mais alguns anos, depois deixei a Casa do Menor em Lagoa Vermelha. Fui a Farroupilha, uma cidade altamente industrializada, com centenas de fábricas de calçados. Fiz concurso e fui aprovado.

Mas não parei aqui. Dois anos mais tarde, novo concurso numa importante empresa de Caxias do Sul. Fui aprovado com louvor. Empreguei-me nesta firma. Fui subindo de posição até chegar ao posto de subgerente e sócio.

Casei com uma professora, descendente de imigrantes italianos, os bravos pioneiros que desbravaram este sertão alpestre e levantaram esta bela metrópole do trabalho e da indústria.



Construí minha casa, uma pequena mansão. Ao lado, mandei erguer uma casinha para moradia de minha mãe. Desde que eu comecei a trabalhar na Caixa Econômica Federal, passei a ajudar minha mãe. Fui ajudando, até que consegui retirá-la do inferno da prostituição. Então, como aconteceu comigo, fui levando-a do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu, onde vive feliz graças ao seu filho que de marginal se transformou num pequeno empresário.

\*\*

\*

Mas a minha história não acaba aqui. Falta um detalhe importante, que vai deixar todo mundo de boca aberta. Não posso deixar de contar.

Quando o Seu Alfredo me ofereceu aquele belíssimo terno da casa Renner, fui um domingo visitar minha mãe. Mui bem trajado, com aquela finíssima roupa, presente do Seu Alfredo.

A mãe ficou muito contente ao ver-me tão bem vestido. Mas, como eu ainda não trabalhava na Caixa Econômica Federal, quero dizer, ainda não ganhava ordenado algum, ela ficou estranhando e quis saber a origem daquele terno.

Até aí eu havia ocultado tudo à minha mãe. Ela ignorava inteiramente o incidente da casa do Seu Alfredo. Ignorava a pedrada que recebi nas costas. Ignorava os tiros de revólver do Seu Alfredo contra mim. Ignorava o furto do revólver. Ignorava tudo, tudo.

Agora, está claro, fui obrigado a contar toda a história. Pois a mãe, que ouvia atentamente, fazendo exclamações de horror, quando falei no nome do Seu Alfredo, ficou perturbadíssima. E começou a chorar.



- Mãe, não chore – disse eu. – Eu estou recuperado. Eu já me penitenciei. Pedi perdão.

- Não, meu filho, não é por isso que estou chorando.

- Por quê então, mãe?

- Por causa do Seu Alfredo.

- O que tem o Seu Alfredo, mãe?

- Pois você sabe, Roberto, quem é o Seu Alfredo?

- Agora ele é meu padrinho.

- Não, Roberto. O Seu Alfredo é teu pai. Juro por Deus, ele é teu pai...

## **4 – A NORMALISTA**

O professor Idílio Biavatti, ex-aluno do autor deste livro, ex-diretor da Casa do Menor Abandonado da cidade gaúcha de Lagoa Vermelha, e, atualmente (1991), atuando na Escola Agrícola <<Desidério Finamor>>, possui um repertório de façanhas por ele levadas a efeito à semelhança da recuperação do pequeno marginal, história narrada no capítulo anterior.

Diz ele: Sinto prazer em andar em busca da ovelha tresmalhada, do menor abandonado, do menino delinquente, da moça transviada... Para afastar alguém da beira do abismo, sou capaz de correr todos os riscos, de fazer as maiores despesas...

Hoje vou contar o caso da normalista que esteve às portas do inferno da prostituição, e consegui arrancá-la das garras do demônio.

Foi assim: Entrei um dia no bar do Seu Moreira, ali defronte da Escola Normal Rainha da Paz, perto da antiga Estação Rodoviária da família Bigarella. Sentados à mesa, tomando cerveja, três rapazes conversavam animadamente, planejando um programa para a noite. Prestei atenção e escutei:

- Hoje de noite, nós vamos faturá-la. É a primeira noite dela no cabaré. Não podemos perder aquela linda flor do campo.

Percebi logo que falavam da Ana, a normalista que acabava de ser expulsa da escola, por sua conduta irregular. Inexperiente da vida, a coitada acabou nos laços traiçoeiros do demônio.

A conversa da pequena cidade agora era o triste destino da infeliz normalista – a prostituição. Aquela seria a sua primeira noite de inferno.





Ela não merecia tamanho castigo, destinada que estava a ser uma excelente professora. Flor de garota. Loira. Linda. Filha de colonos de origem italiana. Pensei comigo: Não posso perder tão bela oportunidade de praticar uma boa obra, salvando esta menina. Eu vou lá. Custe o que custar. Vou arrancá-la das garras do demônio. Vou tirá-la da boca do inferno.

De noite, tomei o táxi do Seu Fausto e me mandei para a zona. Cheguei na hora exata. Na hora H. Ana acabava de entrar naquele meretrício, que era uma casa de madeira, pintada de vermelho, à beira da BR-285. As paredes exibiam furos de bala e talhos de facão.

A garota encontrava-se ainda na sala de recepção, à espera de ser conduzida para o aposento. Eu já a conhecia. Aproximei-me. Perguntei por que estava lá. Ela, ao ver-me, sentiu-se como envergonhada. Ruborizou-se e começou a chorar. Abafando os soluços, principiou a falar:

- Professor, eu não tive outro jeito. Eu amava e ainda amo o Otávio. Mas ele me desprezou. Aproveitou-se de mim. Naquele dia, ele me convidou a beber. Bebi demais. Fiquei transtornada. Perdi a cabeça. E ele não teve pena de mim.

Abafou um gemido e prosseguiu: Estou grávida há três meses. As freiras me expulsaram da escola. Os pais me expulsaram de casa. Os pais de Otávio são contrários ao nosso casamento. Otávio, por fim, me jogou na rua da amargura. Professor, eu não queria vir parar aqui. Mas não tenho para onde ir. Sou obrigada.

- Ana, - falei – você não vai ficar aqui. Nem falar. Por amor de Deus. Isto aqui é o inferno. Você não pode ficar aqui nem mais um minuto. Eu vou levar-te e darei um jeito para te colocar em casa de meus parentes. Depois vamos tratar da tua recuperação. Você tem um futuro brilhante, Ana. Não pode perder-se nesta casa imunda, lugar de crimes e pecados.



Fui falar com D. Tanara, a proprietária do cabaré. Mulher gorda, alta, possante, de olhar feroz, de vestido extremamente decotado.

- D. Tanara, - menti – esta moça é minha prima. Não posso permitir que fique parando aqui.

- Professor, - respondeu, arrogante, - A Ana é minha. Você não vai meter a mão nela, ouviu? Era só o que faltava, agora que a primeira normalista entra nesta casa.

- Vou, sim, D. Tanara, - respondi. – E é já.

Agarrei a moça pela mão. Aí, a dona do cabaré, de faca em punho, avançou contra mim, feito uma fera, berrando impropérios. Passei a mão na primeira cadeira à vista e com um golpe violento amontoei-a num canto da sala.

Enquanto ela se refazia do tombo, agarrei a Ana com uma mão. Com a outra peguei sua mala. E ambos voamos porta afora, onde o Seu Fausto nos aguardava com o táxi.

- Toca depressa, Fausto. – gritei, enquanto D. Tanara tentava abrir a porta do carro, aos berros.

O motorista achou muita graça e falou:

- Professor Idílio, mas você hoje está de malandragem, não é?

- Estou sim, Seu Fausto. Esta é minha. Esta eu não vou perder.

\*\*

\*



Fui direto para a pensão do Seu Moisés Maschio, ali perto do Posto Texaco. Vendo-me com aquela linda garota, ele também pensou bobagem a meu respeito.

- Moisés, quero falar com tua mãe. Assunto importante. A sós com D. Emília, narrei o drama da normalista e a minha tentativa de salvá-la. Ela ouviu atentamente, comoveu-se e chorou, dizendo:

- Professor, pode contar comigo. Deixe aqui a moça.

- É só por uns dias, D. Emília, - concluí.

No dia seguinte, viajei para Vacaria, distante 75 quilômetros. Lá eu tenho uma tia materna. Entrei logo no assunto:

- Tia, é o seguinte. – E narrei a história, solicitando compreensão e ajuda. A tia também se comoveu com a triste história. Chorou e disse:

- Meu querido sobrinho Idílio, pode contar comigo. Nós estamos sozinhos. Precisamos de alguém que nos acompanhe e ajude. E se a criança nascer, nós a criaremos, com todo o carinho, com todo o amor, com muito prazer. Para nós será uma grande alegria, uma festa, agora que nossos filhos casaram todos e se dispersaram pelo mundo.

Ana passou, então, a morar com meus tios, a quem ajudava na lida da casa. Decorridos seis meses, nasceu um lindo menino, que foi um presente do céu para eles.

Por conta dos tios, Ana reencetou os estudos na Escola Normal São José.

\*\*

\*



A situação de viver o resto da vida na condição de mãe solteira, além de constrangedora para Ana, não estava nos meus planos. Minha missão não estava encerrada. Como Ana continuasse disposta a casar com o Otávio, fiz das tripas coração. Queimei todos os cartuchos. Durante vários dias, sem me importar com o tempo e com o dinheiro, tratei do assunto.

Viajei pelo interior do município de São José do Ouro, à procura dos pais de Otávio. Moravam na colônia, numa bela propriedade rural. Um vasto prédio de madeira, estilo típico da zona colonial italiana do Rio Grande do Sul.

Um vasto pomar de figueiras, pereiras, laranjeiras, macieiras, bergamoteiras, prolongava-se até o vinhedo. À sombra tão acolhedora, estacionei meu jipe. E tratei logo de saber do Otávio.

- O Otávio está na roça colhendo abóboras – informaram.
- Posso ir lá falar com ele?
- Pode, sim. Mas por quê?
- Assunto particular.

O Otávio não me conhecia. Ao vê-lo, exclamei:

- Boa pinta, rapaz! Pelo jeito, você, embora morando na colônia, deve ser um bom conquistador. Você é como eu. Já conquistei muita garota bacana.

O rapaz foi na conversa. Assim não foi difícil chegar até onde eu queria.

- Escute, Otávio, você está sabendo que é pai de um lindo garoto, que é a tua cara, sem tirar nem pôr? A coisa mais linda do mundo! Você não pode desprezar um filho tão lindo, Otávio. Sabe que tanto ele como sua mãe encontram-se sob a minha responsabilidade. Mas você precisa colaborar, rapaz. Você deve casar com a Ana.

- Nem falar. Meus pais não querem.

- eu vou falar com eles.

Deixei meu endereço ao moço, dizendo:

- Fico te esperando, Otávio. Não me decepcione. Você vai ser feliz. Você vai ser grande na vida. Vou te tirar da colônia. Você vai deixar dessa vida dura e obscura, embora honrosa. Eu vou te ajudar.

A seguir, falei com os pais do rapaz, que declararam logo serem contrários ao casamento do filho com a Ana.

- Vocês têm um neto que é um amor! – esclareci. – Um neto que será o vosso orgulho um dia. E ele não pode continuar vivendo como filho de mãe solteira. Vocês que são católicos devem fazer o possível para que se regularize a situação do vosso filho e do vosso neto.

Continuei falando durante mais de meia hora com aquele pai de família, um forte agricultor de mãos calejadas e rosto queimado. Prometi que arranjaría um bom emprego para o filho na cidade. Por fim, repeti: Vosso neto será doutor um dia.

Os pais disseram que iriam pensar, para depois resolver.

\*\*

\*

A batalha mais dura, a batalha mais renhida, foi com os pais de Ana, que também residiam no interior do município de São José do Ouro. Fortes agricultores, pertenciam á leva de imigrante das velhas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Imigrantes que desbravaram o sertão da serra do rio Forquilha, afluente do Uruguai.

Os pais de Ana estavam furiosos com a filha. O pai esbravejava:

- Não queremos saber desta filha ingrata, que desonrou nossa família.

- Meus amigos, - falei – o que aconteceu com vossa filha, poderia ter acontecido com vocês.

- Não. Nós somos gente de igreja. Rezamos o terço todos os dias. Vamos à missa todos os domingos.

- Não importa. Se Deus quiser provar alguém, não adiantam terços e missas. O que aconteceu com a Ana, pode ter sido mesmo um meio de promovê-la. Os caminhos do Senhor são cheios de curvas, de pedras e de espinhos.

Continuei falando, argumentando, até que chegou a hora do almoço e fui convidado a sentar à mesa. Família numerosa. Uma filharada linda, sadia, gorducha. Rapazes e meninas. Em número de nove. Com a Ana seriam dez.

Mesa comprida, na vasta sala. O patrã sentou na ponta. No centro da mesa fumegava uma enorme e cheirosa polenta. Mesa farta. Uma canja gostosa. Depois, carne de galinha, de porco. Massa, arroz, verduras e um bom vinho tinto, fabricado em casa.

- Vosso neto – falei – será grande. Será doutor. Já imaginaram ter um neto doutor? Ele, o Robertinho, não pode continuar como filho de mãe solteira. Não pode. Então vamos legitimar a situação. Para vocês será uma honra. Desonra é deixar como está.

Os pais estavam calados. A mãe, volta e meia, enxugava uma lágrima. Eu continuei:

- O Otávio está de acordo em casar. Os pais dele também.

- Verdade? – perguntou o pai, desconfiado.

- A pura verdade.



- Escute, professor. E a nossa filha Ana, como vai? – perguntou a mãe.

- A vossa filha estava indo pro brejo, numa casa de prostituição.

- Que horror! Verdade, professor?

- Apura verdade. Mas eu ainda consegui salvá-la, arriscando a vida. Retirei a muque a Ana do cabaré e a coloquei em casa de meus tios em Vacaria. Lá ela está cursando a escola normal e, a seguir, vai graduar-se em Pedagogia. Ela será professora. Será doutora.

- É mesmo? – perguntou o pai, arregalando os olhos.

- Pois é. A dura provação servirá para promovê-la.

- Ficamos muito agradecidos ao professor. E se é mesmo assim, que nossa filha seja feliz. Ela terá o nosso perdão e a nossa bênção. Por nós, ela está livre. Pode casar com o Otávio.

- Muito bem. Fiquem rezando. Eu preciso que Deus me ajude nesta empreitada em que me meti. Desejo concluir esplendidamente a minha missão.

\*\*

\*

Decorridas algumas semanas, quando eu lecionava na escola Pizzamilho, chega lá um dia o Otávio.

- Professor, - disse ele, soltando um fundo suspiro.

- Estou resolvido a casar com a Ana.

- Muito bem, Otávio. Então vamos lá, sem perder tempo.

Confiei os meus alunos aos cuidados da diretora da escola e me mandei para Vacaria, levando o Otávio no jipe.

Chegando diante da casa dos tios, falei:

- Otávio, dá licença. Vou entrar um pouco aqui nesta casa.

Entrei. Conversei com a tia em particular. Depois mandei entrar o rapaz, que sentou no sofá na sala. Fui à cozinha, onde a Ana lidava com o fogão, e o Robertinho, sentado no chão, brincava com carrinhos.

- Ana, - disse eu – faça o favor de levar um copo de água para uma visita na sala.

Enquanto ela levava a água numa bandeja, eu e a tia ficamos espiando por trás da cortina, curiosos.

Quando ela deu com os olhos no Otávio, levou um choque tão forte, que deixou cair bandeja, copo, água, tudo. O rapaz ficou ali teso por um instante. Depois os dois se abraçaram e se beijaram...

Otávio teve, então, ocasião de ver seu filho. Tomou-o nos braços, cobrindo-o de beijos.

Tratou-se imediatamente da realização do casamento, que aconteceu dentro de algumas semanas, na Catedral de Vacaria.

Otávio, com apoio de meus tios, arranjou logo um bom emprego na cidade. Ana, concluído o curso universitário, principiou a destacar-se no magistério e na sociedade local, sendo, atualmente, um dos elementos mais estimados e atuantes da comunidade. Roberto cresceu, matriculou-se no Colégio São Francisco dos Irmãos Maristas, onde ocupa sempre as primeiras classificações.

De vez em quando, em Lagoa Vermelha, tenho a satisfação de receber a visita deste casal amigo. Visita de gratidão, de estima...



Otávio e Ana, agora com três filhos, constituem um dos casais mais felizes que eu conheço.

## **5 – O PINHEIRO**

Era um pinheiro belíssimo, o estípite reto, torneado a capricho, sem nenhum galho perdido ao longo do tronco, a sombrinha da copa airosamente aberta, redonda, no alto.

Imponente pinheiro-araucária, erguia-se, altivo, soberano, ali, a 150 metros da BR-285, bem no topo da coxilha, como de encomenda, em missão decorativa.

Posto ali sozinho, no alto da colina, sem outro vulto arbóreo, na imensa desolação dos campos, era uma epopéia estonteante, em meio à paisagem deserta.

A coxilha, bem redonda, redonda como um seio, romanticamente revestida do verde veludo da grama nativa.

Não havia passante que não se empolgasse diante daquele poema bucólico, diante daquele atordoante deleite, daquele pinheiro solitário, sozinho no régio isolamento, derramando poesia na amplidão da campina.

\*\*

\*

Fora plantado ali, certamente, por uma gralha azul, quem sabe há quantos anos, cem talvez. A ave, obedecendo a um instinto natural, enterrara ali o pinhão, para comê-lo um dia, depois da safra.

Mas esqueceu o lugar. O pinhão, passado o inverno, germinou. O pinheirinho cresceu humilde, escondido, no meio da

grama, para, aos poucos, transformar-se num lírico ornamento da paisagem, daquela paisagem órfã de vegetação arbórea.

Abençoado esquecimento! Providencial esquecimento! Prodigioso capricho da natureza! A gralha, esquecendo o lugar do esconderijo, cumpria uma nobre missão em benefício de centenas de outras galhas, suas descendentes remotas de futuras gerações.

Acontece que por trás da coxilha, longe negrejava um viçoso capão, dominado por outros altos pinheiros, fazendo sombra a um olho d'água cristalina e refrescante.

Era ali, ao redor daquela edênica fonte, no chão limpinho, sobre um tapete de folhas secas, que o caçador, vindo em busca de água, costumava descansar.

Pois daqueles pinheiros, durante a primavera, partia, voando nas asas do vento, o pólen fecundante que fazia frutificar o solitário pinheiro, no alto da coxilha, à beira da estrada.

Então, no inverno, era aquela fartura de pinhão. Um pinhão enorme, de meio palmo de comprimento. Agora, as galhas, aos pares, fazendo algazarra, vinham se banquetear nos galhos do pinheiro, plantado há tantos anos por outra gralha azul. Pra ver, no que deu aquele esquecimento.

Gralhas vinham aos pares, poucas; mas os papagaios chegavam em bando. Devoravam o pinhão, debulhavam a pinha, deixando cair punhados de pinhões, para um pequeno rebanho de bovinos, que todas as tardes se congregavam ali, redor do tronco, aproveitando a substanciosa ração.

\*\*

\*



A rodovia, de ambos os sentidos, corria reta, bem na direção do pinheiro, antes de formar a curva que contornava a colina.

Então, qualquer transeunte, mesmo o mais insensível, mesmo sem querer, recebia nos olhos aquele tremendo chicotão de poesia, que era uma mensagem de otimismo, de beleza, de esplendor.

Uma tarde eu retornava para casa rumo do poente. Vinha cansado, entediado e adoentado. O sol descambava fulgurante por trás dos coxilhões, incendiando o horizonte.

O pinheiro, naquele momento, recortava-se romântico, sublime, como uma cruz em T, contra o ocaso em chamas, num espetáculo apoteótico que me transformou fisicamente, espiritualmente, deixando-me num maravilhoso estado de higidez.

Quis, então, levar uma recordação daquele instante de bem-estar supremo e de soberba majestade. Estacionei o carro e colhi, numa foto colorida, aquela emocionante epopéia de esplendor.

Em seguida, observo que um lindo carro azul, com placa do Rio de Janeiro, estaciona ali no acostamento. Dele salta, festivo e radiante, um jovem casal. O marido, de filmadora em punho, coloca a esposa em cena, contra aquele fundo esplêndido. Faz rodar a máquina e grava um emocionante capítulo da história de sua viagem de lua-de-mel.

Outros passantes, muitos passantes, diante daquela irresistível fascinação, paravam à beira do caminho, para fotografar ou filmar o impressionante espetáculo daquele monumento da natureza.

\*\*

\*

Aquela maravilha da natureza, à beira da estrada, merecia continuar ali a deleitar os olhos dos transeuntes, com sua régia presença no meio da desolação da campina. Todos, mas sobretudo o proprietário da fazenda, deveriam zelar com carinho pela conservação daquele inédito enfeite da paisagem deserta, que tanto comovia os viajantes da BR-285, nos campos gaúchos de Cima da Serra.

Entretanto, um dia, passando por lá, senti no peito um tremenda coraçoadada. O lindo pinheiro solitário havia desaparecido. Desaparecera da noite para o dia, misteriosamente, aquele incomparável quadro bucólico, que tão pitorescamente engalanava as margens da rodovia deserta, com sua majestosa presença no alto da coxilha.

Agora, sempre qu passo por lá, densa tristeza toma conta de mim, ao contemplar a coxilha deserta, tragicamente despida de sua finíssima jóia. A indignação, a revolta ruge, então, dentro de mim, contra o crime praticado. Uma raiva terrível contra o autor de tamanha maldade.

\*\*

\*

Numa de minhas viagens ulteriores, cruzando por ali, avistei, desde o extremo da rodovia, avistei junto daquele capão, o capão do olho de água cristalina, uma casinha nova, de madeira, coberta de tabuinhas.

Fiquei sabendo, ao depois, que o filho do capataz da fazenda, resolvendo casar, fora quem deitara por terra aquele enorme e lindo pinheiro, para, com sua madeira, edificar o palácio encantado do seu amor.



Com as tábuas de primeira classe, erguera as paredes, distendera o telhado, repartira a cozinha, a sala, os quartos. Com a madeira de segunda, fabricara a mobília, a pequena mesa da cozinha, a mesa do jantar, a cama, o guarda-roupa, o guarda-louça, os bancos, as prateleiras. Com a madeira de terceira, ainda construía um pequeno galpão, o galinheiro e o chiqueiro.

Para a construção do palácio do Bonifácio, havia naquela grande e enorme fazenda muitos outros pinheiros. Havia milhares de pinheiros. Mas não havia nenhum tão bonito como aquele plantado pela gralha azul no topo da coxilha, à beira da estrada.

Então, por que o Bonifácio fora logo derrubar o pinheiro que se erguia, altivo e soberano, às margens da rodovia, em missão decorativa, para deleite de milhões de transeuntes da rodovia federal?

Lá fui um dia, disposto a desabafar minha revolta, despejando uma torrente de desacatos contra o Bonifácio, por haver praticado o crime de destruir o maravilhoso pinheiro que fazia o encanto de tanta gente.

Cheguei lá e encontrei o capataz com a Maria muito felizes, bem instalados no palacete construído com a madeira do lindo pinheiro, que durante tantos anos, erguido no topo da coxilha deserta, saudava festivamente a todos quantos cruzassem por lá.

Vendo a felicidade do jovem casal de moradores da casinha, edificada com a madeira do majestoso pinheiro da beira da estrada, esqueci-me da ladainha de desaforos que havia preparado, para atirar ferozmente na cara do capataz. Esqueci-me porque naquele instante passei a partilhar da alegria daquele jovem, vivendo com a sua Maria, no conforto macio daquele ninho quente, que ainda exalava o perfume da resina.

Pois é, plantado por uma gralha azul no topo da coxilha deserta, depois de festejar tantos viajantes, depois de alimentar gerações de gralhas, papagaios e bovinos, depois de morto,

tombado no seu campo de luta, em que enfrentara de peito aberto as fúrias do minuano, cumpria outra bela missão, dando abrigo carinhoso ao jovem casal e, daqui a algum tempo, a seus filhos.

\*\*

\*

Volvidos dois meses, no topo da coxilha deserta, que durante anos fora o verde pedestal daquele monumento vivo da natureza, começou a crescer um vulto arbóreo diferente. Um eucalipto.

Crescendo igualmente sozinho, sem companheiro algum, estendera galhos desordenados por todos os lados, revestindo o tronco de cima a baixo, sem outra beleza a não ser a beleza natural de todas as árvores.

Nem galhas, nem papagaios, nem pássaro algum, vinham pousar em seus galhos. Nem bovino em busca de seus frutos.

Era uma planta exótica. Uma planta infrutífera, incapaz de substituir a nobre missão do pinheiro. Uma árvore que nenhuma galha azul plantaria em solo brasileiro.

## **6 – O TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO**

O rapaz era pobre. Descendente dos tropeiros paulistas que povoaram os campos de Vacaria e os campos de Passo Fundo, podia ser um abastado pecuarista, senhor de milhões de léguas de campo e de milhares de cabeças de gado. Todavia, como ocorreu com a maioria desses descendentes, Gumercindo Vieira acabou marginalizando-se.

Sentia prazer em recordar a nobreza de sua origem. Não escondia que ele poderia ser rico, como foram seus antepassados. Dizia-se que alguns dos primeiros povoadores de Lagoa Vermelha e Barracão. Simões Lopes de Esitlista, sogro de Francisco Ferreira Bueno, assim como Felipe de Souza e Pedro Vieira Gonçalves haviam sido seus ancestrais.

Morava no atual município gaúcho do Barracão. Proximidades da reserva florestal do Espigão Alto. O pai tinha lá sua pequena propriedade rural, uma rocinha, umas vaquinhas, um cavalo, porcos e galinhas.

Com a idade de 16 anos, Gomercindo empregou-se na serraria de Ilário Kohl, que era natural de Carazinho. O alemão chegara aqui com 15 anos. Chegava sem nada e quase analfabeto. Começou a trabalhar na serraria de Alcides Provenzi, hoje residente em Santo Antônio da Patrulha. Conquistou logo a simpatia do patrão, por ser correto e ser esforçado. Passado dois anos, assumia ele a gerência de uma serraria da família Provenzi.

Com a idade de 20 anos, o Ilário estabelecia-se com indústria madeireira própria. Hoje tem várias serrarias, é pecuarista, é granjeiro, comerciante e dono de uma frota de caminhões. Estudou por correspondência, podendo, com esta instrução, e por seu poder econômico se tornar um líder da



comunidade local. Elegeu-se vereador, tendo sido até indicado para candidato à prefeito municipal.

\*\*

\*

Gomercindo, trabalhando na indústria madeireira do Seu Ilário, começou a invejar a espantosa evolução progressiva do seu patrão. Ele também fora pobre, tendo enfrentado rudes batalhas para atingir a privilegiada situação atual.

Dominado por espírito de emulação, Gomercindo sonhava seguir o idêntico rumo de vida, ladeira acima, subindo, sempre subindo, até ficar rico. Era um sonhador. De tanto sonhar em riqueza, uma noite sonhou de verdade. Sonhou que ficara rico da noite para o dia. Sonhou com uma panela de dinheiro enterrada à beira de um banhado, perto da reserva Florestal do Pontão.

A Reserva do Pontão era uma ponta de serra que vinha da costa do Rio Pelotas e avançava pelo campo, colocando uma mancha negra em meio ao verde da campina. Um enorme pinhalão, que durante longos anos foi preservado como reserva estadual de pinho-araucária.

Os tropeiros paulistas, quando chegaram aqui, batizaram o lugar com o nome de Pontão, por causa dessa ponta de mato. Até o atual Passo do Barracão era conhecido por Passo do Pontão, no caminho das tropas.

No ano de 1948, o governo provincial mandou construir aqui um quartel para os guardas encarregados da cobrança do empenho do gado que saía para São Paulo e outras províncias, e também para defesa dos moradores contra assalto dos índios Coroados, numerosos e extremamente ferozes.



O engenheiro Afonso Mabilde foi encarregado de aldear os indígenas e de alargar a estrada. A antiga estrada das tropas, aberta clandestinamente por volta de 1784, a fim de fugir da cobrança do imposto do Passo de Santa Vitória, no atual município gaúcho de Bom Jesus. Em 1818, o Major Atanagildo Pinto Martins, com sessenta exploradores, abriu oficialmente o caminho, hoje transformado em BR-470, com uma ponte gigantesca ligando Santa Catarina ao Rio Grande do Sul.

Ao lado do quartel foi construído uma Capela dedicado à Nossa Senhora das Dores. Principiou, então, a afluir gente, formando um povoado com o nome de Capela do Pontão. Entretanto, por causa do quartel, que era um enorme barracão de madeira, o povoado começou a ser conhecido pelo nome de Barracão, nome que acabou firmando-se definitivamente.

\*\*

\*

Perturbado por aquele estranho sonho, que lhe roubou a tranquilidade e o sossego, Gomercindo foi um dia para junto da Reserva do Pontão, na esperança de descobrir o banhado do sonho, o banhado do esconderijo da panela de dinheiro.

Com espantosa surpresa, deu logo com o banhado, o banhado do sonho. O mesmíssimo banhado, perto da reserva do pontão, banhado típico da região, no meio do campo, com alto macegão e muito caraguatá.

Ficou de perna mole o rapaz. Estaria ele realmente com sorte, prestes a se tornar rico, como por artes mágicas? Tornar-se dono, quem sabe, de uma fortuna. Excessivamente crédulo por natureza, convenceu-se que era rapaz privilegiado e digno de

tamanha bênção do céu, que seria de certo a recompensa de sua extrema ambição, de sua louca vontade de enriquecer.

Saiu logo à procura do proprietário do campo, convencido de que este, o Seu Anastácio, lhe venderia aquele banhado a preço de banana, pois naquele tempo campo e gado tinham pouco valor.

O fazendeiro espantou-se com a proposta do Gomercindo:

- Mas por que você quer comprar este banhado horrível, onde nem gado pode entrar? Que ideia é essa, rapaz?

- Sabe, Seu Anastácio, é que me deu na cabeça que ali está enterrado um cabedal, uma panela cheia de ouro.

Anastácio soltou uma gargalhada, sacudindo os vastos bigodes:

- Mas, Gomercindo, decerto você sonhou, não é?

- Sonhei, Seu Anastácio.

- E acredita no sonho?

- Acredito. É por isso que vim aqui. Desejo comprar o terreno. O banhado e um tira de campo ao redor.

- Pois olha, Gomercindo. Eu lhe vendo com prazer o banhado e um pedaço de campo e mato, aquele belo capão ao lado, com altos pinheiros.

- Obrigado, Seu Anastácio. Eu não disponho de muito dinheiro. Vou comprar apenas o banhado e um pedacinho de campo, mais tarde, quem sabe.

Realizado o negócio, ainda cegado pela ambição de enriquecer rapidamente, sem tanto esforço, tratou logo de abrir um valo perto do banhado, precisamente no local indicado pelo sonho.

Trabalhou afanosamente todo dia. Trabalhou no dia seguinte e no outro, sem que lhe surgisse menor sinal do enterro

do cabedal. Nem mesmo carvão, o carvão que os enterradores de dinheiro costumavam colocar para impedir o deterioramento do recipiente da panela.

No terceiro dia, resolveu construir ali um rancho, onde pudesse passar as noites, sem ter de retornar à casa, e , desta maneira, trabalhar sem perda de tempo.

Sábado de tarde, o Anastácio, sempre incrédulo e rindo da ingenuidade do rapaz, foi lá vê-lo a trabalhar naquela lida extenuante.

- Mas, então, Gomercindo, que dê a panela de dinheiro? – perguntou, fingindo seriedade.

- Pois é, Seu Anastácio, aqui não existe sinal de enterro algum. Estou desconfiado que esteja mais para cá, mais para perto do capão. Se tivesse dinheiro, eu lhe compraria este capão. Estou até com vontade de retornar ao meu emprego na serraria a fim de ganhar o dinheiro necessário para o negócio.

- E então, por que não vai?

- Sim, senhor, eu vou.

E Gomercindo voltou a trabalhar na serraria do seu Ilário. Passados dois meses, com o dinheiro do ordenado e um pequeno empréstimo, efetuou a compra do capão e mais uma tira de campo ao redor. Capão lindo, com aqueles altos pinheiros, em cujos galhos os bugios e os papagaios faziam um barulhão infernal.

Instalou-se no velho rancho que ainda permanecia de pé. E, agora, desde o clarear do dia até o anoitecer, foi abrindo um valo atrás do outro, deixando um montão de terra vermelha sobre a grama do campo. Parava apenas ao meio dia para comer seu feijão de marmitta.

Lá um dia, já um tanto desanimado, vendo aquele terreno esplêndido, beira de banhado e de mato, terreno excelente para

uma lavoura, levantou um cercado e fez uma roça. Plantou milho, feijão, aipim, batata doce, e abóboras.

Em pouco tempo farfalhava ali uma bela seara, exuberante e promissora, no meio da paisagem agreste, como flor em pleno deserto. Havia sempre o festivo canto de muitos pássaros. Sabiás, pombas e a branca araponga, com aquela frenética martelada em bigorna. Perdizes e perdigões piando durante todo o dia. Veados pastando, passeando perto, mansinhos. Ao entardecer, o bando de curucacas voltava do campo, cacarejando, para empoleirar-se nos galhos do pinheiro.

Recanto belíssimo aquele para moradia. O rapaz, com seu espírito de ambição e criatividade, pensou até em ficar morando ali o resto da vida.

Aumentou o cercado e plantou mais milho e feijão. Reformou o rancho e construiu ao lado uma pequena mangueira, com vistas numa vaquinha de leite.

Dono daquele capão de altos e grossos pinheiros, decidiu vender alguns ao Seu Ilário. O patrão foi lá, mandou cortar os pinheiros e felicitou o rapaz pela escolha de lugar tão lindo para morar.

Colhido o milho, Gomercindo, com o dinheiro da venda dos pinheiros, comprou uma vaca, umas galinhas e um porquinho. Vendeu mais alguns pinheiros, e, com o fruto da venda, adquiriu outro pedaço de campo, aumentando assim a sua pequena propriedade rural.

Tratou, então, de construir uma casa confortável, aproveitando a madeira dos pinheiros, que o Seu Ilário serrou de graça para o seu antigo empregado. Além da casa, construiu o galpão, o chiqueiro e galinheiro.

Tudo correu tão depressa e favoravelmente que, quando se deu conta, já estava casado com a Maria Eugênia, uma ex-

colega da escola, pela qual sempre andou apaixonado desde os tempos de menino.

Quando nasceu o segundo filho, ampliou outra vez a sua propriedade, adquirindo mais alguns alqueires, com os frutos da sua lavoura e da criação. Dispunha agora de mais de meio milhão de metros quadrados de terra, entre campo, mato e banhado.

A jovem esposa era forte e trabalhadeira. Com sua ajuda, aumentou a lavoura, aumentou o rebanho, as galinhas, realizando sempre gordos negócios, com a venda de cereais, de queijo, ovos, porcos e aves.

\*\*

\*

O tempo foi passando. Nasceram mais três filhos. Eram agora três rapazes. E duas meninas. Filharada linda, sadia, disposta, criada naquela fartura de leite, ovos, carne de frango, num ambiente saudável, respirando o ar puro da serra.

Os filhos, em seu devido tempo, foram recebendo instrução em escolas municipais e particulares. Quando o filho mais velho atingia a idade de dezesseis anos, iniciava-se na região a era da lavoura mecanizada. A pecuária, pouco lucrativa naquele tempo, sedia lugar à agricultura.

Não poucos criadores transformaram, então seus campos de pastagens nativas em granjas de trigo, que ofereciam aquele sublime espetáculo de um oceano de ouro. Ondulando ao sopro da brisa, ao sabor das coxilhas.

Gomercindo vinha irresistivelmente fascinado pela agricultura. Por isso, aderiu agora ao revolucionário movimento renovador da paisagem pampeana. Com empréstimo bancário, na



época muito favorável, comprou um possante trator. Auxiliado pelos filhos, igualmente apaixonados pela mecanização da lavoura, que era uma extraordinária novidade, lavrou o campo de sua propriedade e mais uma parte do vizinho, por arrendamento.

Ao cabo de algumas semanas a manobrar o trator, cujo ronco rompia o silêncio daquele sertão, em lugar do verde das pastagens, surgiu um poema vermelho de terra lavrada, enfeitado, aqui e acolá, por airosos capões de pinheiros, guamirins e aroeiras.

Lançada semente à terra, as planícies e as coxilhas tornaram a vestir-se de verde, m verde uniforme, obedecendo a simetria das carreiras formadas pela máquina semeadeira, dando a impressão de versos paralelos de um poema.

\*\*

\*

No mês de novembro, Gomercindo obteve emprestada a colheitadeira do Seu Hilário, a este tempo já forte granjeiro, e realizou o grande sonho: a primeira safra de trigo. Safra abundante, que lhe rendeu milhões, com os quais pôde saldar a dívida do banco, comprar uma camioneta Ford, levantar um galpão para garagem e armazém.

Quando, no próximo ano, o trigo lourejava em nova promessa de fatura, Gomercindo sentiu-se na obrigação de agradecer ao Senhor o inestimável dom daquela safra de trigo, que nunca sofreu os insultos das intempéries e que colocava a ele, caboclo humilde e pobre, entre a classe dos abastados granjeiros do município.

Organizou uma festa. Carneou um boi gordo. Fez um grande churrasco, para o qual convidou os pais, os irmãos, os parentes, as autoridades, o Seu Hilário, o Seu Alcides Provenzi, os



vizinhos e os amigos. Convidou o Pe. Alexandre, o vigário, para celebrar a missa de ação de graças.

A missa e o churrasco tiveram lugar à sombra aprazível de um capão, no meio da granja. Depois da missa, enquanto o churrasco assava, impregnando o ar de apetitoso odor, a comitiva saiu para o alto da granja, de onde se descortinava, em toda a sua vastidão, em toda a sua beleza, em todo o seu esplendor, aquele oceano de ouro.

O trigal cobria toda a extensão do campo nativo, sendo, aos fundos, moldurado pela mancha negra da reserva do Pontão, oferecendo aquele contraste surpreendente e extasiante. O trigal bem louro, ondulando, e lá longe o pretume do grosso pinhalão.

Todos estavam encantados diante daquela maravilha estonteante. Todos felicitavam o proprietário, naquele dia bem trajado como um gaúcho. Bombachas luxuosas, botas reluzentes, lenço encarnado no pescoço, chapéu de aba larga, preso ao queixo por longo barbicacho.

Gomercindo, agradecendo as felicitações, contou, então, a curiosa história da origem daquela granja. A fantástica história do sonho, revelando o tesouro escondido no campo. Todos ficaram extremamente admirados e contentes.

Tomando então, a palavra, o sr. Vigário disse, com franco sorriso nos lábios:

- Amigo Gomercindo, feliz de você que acreditou no sonho. Você acreditou e fez o que diz Nossa Senhora no Evangelho. Você sabe, Gomercindo, o que diz o Evangelho?

- O quê, sr. Vigário? – perguntou ele esbugalhando os olhos, com incrível curiosidade.

- O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Você acreditou que neste campo jazia um tesouro escondido. Comprou o campo e, depois de algum trabalho,





descobriu o tesouro. Agora, enquanto vai desfrutando o tesouro, colabora na construção do reino de Deus, dando ao povo brasileiro o pão nosso de cada dia.

Todos bateram palmas e abraçaram o novo triticultor do Barracão, o qual, de tão comovido, chegou a derramar uma lágrima.

## **7 – O NHANDU**

Valentim soltou um suspiro de exultação. Pulou de contente. Até que enfim iria realizar o seu sonho, o grande sonho de caçador. Uma caçada de veado no campo. Quantos anos esperando, hem? Tudo porque o pai não ia com caçadas de guri. Caçador, só gente grande.

Atílio Rodrigheri, o pai, fora um dos fundadores da cidade gaúcha de Marau, juntamente com a família Borella, a fundadora da importante indústria de óleo de soja, atualmente do grupo Perdigão. Moço ainda, Atílio imigrou de Veranópolis. Embrenhou-se nos matagais de Passo Fundo, em rocambolesca aventura, enfrentando perigos de toda sorte, dormindo ao relento, à mercê das feras, vivendo, muitas vezes, quase exclusivamente de caça e pesca, como bugre...

Foi o que lhe valeu trazer nas veias o sangue aventureiro dos caçadores... Até então vira apenas caça de mato: macucos, jacutinga, inhambu, pomba e muito bicho de pelo. Campo, caça de campo, só ouvira falar.

Marau é beira de campo. Campo de muita caça naqueles tempos. Atílio aprendeu logo a caçar perdiz, perdigão e veado. Em quatro paletadas, virou o maior caçador da paróquia. Difícil, quase impossível para ele, errar um tiro em perdiz.

E como sabia caprichar com as armas! Sua casa parecia um arsenal de guerra. Apesar disso, durante anos, naquela casa, quem tocava nelas, era apenas ele, o pai de família. Os filhos só podiam olhar para aqueles espingardões de dois canos. Olhar, sonhar, ficar com água na boca. Não adiantava insistir. O velho era mesmo irredutível. Guri não toca em arma.



Ao completar 17 anos, Valentim teve licença de dar o primeiro tiro. Tiro certo em perdigão. Ótima estreia venatória. O rapaz saía igual ao pai.

\*\*

\*

Então, naquele domingo, ia tomar parte na primeira corrida de veado. A turma levantou cedo. Missa, no convento dos capuchinhos, que a primeira da Matriz era tarde.

E a camioneta roncou, rumeando para as bandas do campo. Cinco caçadores e três cachorros veadeiros, estes sempre latindo, mortinhos por se atirar no rastro dos pardos e virás.

Valentim ia num alegrão infinito, falando muito, perguntando tanta coisa. Chegava a tremer, tão louco andava por encetar a aventura.

A caçada era no Tope, já na divisa com Soledade. Cruzaram o rio Taquari e meteram-se pelo campo, que abria entre grosso pinhalão.

No alto do primeiro coxilhão, meia dúzia de avestruzes, pastando, recortavam-se contra a claridade do horizonte, onde o sol acabava de assomar.

- Não se pode caçar avestruz, pai?

- Claro que não se pode. É proibido por lei. Por que matar esse bicho inocente? Depois, a carne não presta. Só pra fazer sabão. O nhandu limpra o campo. Mata cobras, come insetos, gafanhotos. Inimigo número um dos gafanhotos.



- Mas eu, qualquer dia, vou pegar um vivo para criar em casa – esclareceu Valentim. – Matar, a gente não pode, mas pegar vivo ninguém proíbe, não é?

- Você pegar avestruz vivo... é forte.

- Vai ver que algum dia vou laçar um bem grande. Vou pegar um casal pra fazer criação...

- E para tirar as penas – acrescentou o pai. – Penas de avestruz são preciosas. Servem para pôr nos chapéus das mulheres, fazer espanadores... Os índios enfeitam seus cocares, suas tangas.

Valentim calou-se. Ficou pensando em como poderia pegar um nhandu vivo. Se desse no jeito, pegaria ainda naquele dia.

O carro desceu o lançante. Cruzou a restinga. Bandeou a sanga e enfiou-se pelo corredor. Um corredor sem fim. Chanchãs piavam, assanhados, pulando de palanque em palanque. Na tronqueira, um ninho de joão-de-barro.

De repente, uma perdiz na estrada. Luís boleou a perna. Andou um pouco. Súbito, estoura a ave. Pum! Valentim, de um salto, passou o aramado e, todo importante, trouxe a caça, que foi destripando.

Um casal de seriemas, de bico erguido, fugindo. Quero-queros, dando seu grito de alerta. De repente, exclama o Valentim:

- Olhem um avestruz no corredor. Vamos pegá-lo. Toca, Pedro. Apura.

A camioneta acelerou. O nhandu gambeteava, zonzo. Tentou debalde passar a cerca de arame. Depois, aprumou o corpo e disparou num trotão galopeado, esparramando as asas. O velocímetro marcou 50 km à hora, quando a ema já se encontrava a dois passos do carro.

- Não mate, Pedro. Vamos cansá-lo. Depois pegamos vivo.

No percurso de dois quilômetros, o chofer manteve 50 à hora. A ave, sempre naquele trotão, bombeando para trás, de esquelha, a cabeça de cobra pra cá e pra lá, pra lá e pra cá.

- Não tem vergonha, bicho? – gritou-lhe o Valentim, vendo as pernas compridas e nuas do nhandu. – Parece essas meninas de saia curta, deixando à mostra as calcinhas.

Assim que a ema ouviu esta reprimenda, despeitada ou envergonhada, tratou de pôr-se ao fresco, atirando-se contra o alambrado. Forcejou, forcejou, e, por fim, passou, agarrando o campo, floreiro, nomais.

O carro parou, feito bobo, pois a ave já ia longe. Deixa estar, nhandu de uma figa. Qualquer dia eu te pego – disse Valentim.

\*\*

\*

Uma vez, nos Três Pinheiros – contou o pai – encontrei num corredor um avestruz com uma grande ninhada de filhotes. Uns vinte, pelo menos. Parei o carro. O Brás e o Egídio Ferronato apearam e se largaram de atrás. Queriam pegar um filhote vivo. Parecia fácil. Fácil nada. Os bichinhos se distanciaram. A mãe cruzou o alambrado e o bando se desguaritou pelo campo.

- Vinte filhotes, pai? – Não faz por menos?

- De vinte a trinta. Mas outra vez eu andava a cavalo no campo em Passo Fundo. Vi um avestruz com uns doze avestruzinhos, bem pequenos. Uns cinco dias de vida. Larguei o cavalo a correr de atrás. O avestruz grande se viu louco.

Esparramando as asas, corria de um lado para o outro. Naquilo, que é que eu vejo? Dois caranchos de penacho baixaram e pegaram dois nhanduzinhos.

- Não diga, pai!

- Pois é. O gavião de penacho persegue. Se o avestruz grande se descuidar, zás, pega e come seus filhotes.

- Eu preciso contar um caso muito interessante, que aconteceu com o comerciante Dionísio Slavieiro, ainda quando era motorista do caminhão do Ginásio Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha.

- Como foi, pai? Conte – pediu o Valentim.

- Pois um dia o Dionísio foi caçar pombas carijós na granja do Luís Tramontini, que é um poderoso agropecuarista de Lagoa Vermelha e da Bahia. Ele foi caçar junto com os padres do ginásio.

O Dionísio estava escondido dentro de uma casinha de galhos de árvores, à espera das pombas que sentavam perto da chama posta no meio da granja. De repente, ele ouve um barulho estranho. Vira a cabeça e vê, por entre a ramada, a cabeça de uma cobra enorme, pronta para dar o bote. Levou um susto e não teve dúvidas. Desferiu um tiro.

O bicho rolou, com aquele barulhão. O Dionísio sai da casinha e vai ver. Não era cobra nenhuma. Era uma ema. Matou por engano, pensando que era uma cobra.

- Essa não, pai. Verdade?

- Verdade. Mas, para não perder aquela enorme caça, o Dionísio e os padres resolveram pregar uma peça às Irmãs do Hospital São Paulo. Depenaram a ave, retirando os quartos. Levaram para casa e entregaram no hospital, declarando tratar-se de carne de veado, que deviam assar.



As cozinheiras assaram os dois quartos. E as Irmãs e todas as funcionárias comeram e acharam a carne muito saborosa. A Ir. Manoelita disse então ao Dionísio: Quando tiver mais carne de veado como esta, traga para nós, pois é muito gostosa.

Passado um mês, o Padre Leopoldo foi lá no hospital e disse para a Ir. Manoelita: Irmã, aquela carne de veado que comeram e acharam gostosa sabe de que era? Era carne de avestruz.

Pois a Ir. Manoelita contou que naquele instante, um mês depois, teve vontade de vomitar...

Acontece que ela achava que a carne de nhandu não presta para comer...

\*\*

\*

- Pai, - falou Valentim – é verdade que o nhandu come cobra?

- Ah, come! Uma vez eu vi um nhandu com uma baita jararaca deste tamanho. Pegou e saiu com ela de arrasto. Foi engolindo aquela enorme lingüiça.

- É por isso que a gente não deve matar. É um benfeitor dos campos.

- Mas o avestruz come de tudo. Tudo que brilha ele come. Pedra, caco de vidro, dinheiro, relógio. Em Esmeralda, encontrei um dia o esqueleto de uma ema. Lá estava uma pedra. Ia digerindo no estômago. No Capão Bonito me contaram que um avestruz engoliu em relógio de bolso.

- E digere?

- Digere tudo. Relógio, libra esterlina, anéis. E sabe que é perigoso criar avestruz em casa?

- Por quê?

- Ele chega perto da gente, arranca os botões da roupa e mete o bico nos olhos das crianças.

- E o Valentim ainda quer pegar um vivo.

- Ah, pegou! Mas eu cuidei bem dele. Deixo fechado na mangueira.

- Vocês já viram ninho de nhandu? – perguntou o Seu Atílio.

- Eu não. Como é? – perguntou Valentim.

- Faz o ninho numa cova de touro. Sem palha nem gravetos. Às vezes é mais de um avestruz que põe no mesmo ninho, como as galinhas. Já vi ninho com mais de vinte ovos. Um dia tirei um ovo. E sabe o que aconteceu? O avestruz esparramou com tudo. É só a gente tocar nos ovos, não precisa nem tirar. O bicho não quer mais nada.

- Que bobo, não é?

- Quando o nhandu está para pôr ou está chocando, solta uma espécie de resmungo assim como de rês atolada no banhado. E quando está chocando, não sai do ninho fácil. Quer dizer, ele sai para pastar durante o dia. Mas se a gente chega perto, não se mexe. Se a gente vai bulir com ele, a ave se atira de atrás, esparramando as asas, batendo o bico.

- Quanta coisa a gente aprende, não é, pai?

- É também muito interessante como o avestruz arranja comida para os filhotes logo depois de descascar. Deixa um ovo fora do ninho. Quebra com o bico. Aí vem aquele mosquedo, que os nhanduzinhos vão comendo.



- Quantos dias os filhotes ficam no ninho, pai?
- Poucos. Uns dois ou três dias. Já saem pastando pelo campo.

\*\*

\*

Chegaram. Acamparam num lindo capão, onde um olho d'água borbulhava límpido e festivo. Descarregaram a bagagem, a carne para o churrasco. Amontoaram lenha e acenderam o fogo.

- Pedro, - explicou Atilio – você, enquanto prepara o churrasco, fica de espera por aqui. Quando a cachorrada der o sinal, já sabe, o veado vem aí. O lugar aqui é muito bom.

E, voltando-se para o Valentim:

- Você, que é recoluta, fica de espera lá no desfiladeiro. Eu vou até lá com você para mostrar onde é.

Saíram. Os cachorros, amarrados, inquietos, mortinhos por se verem soltos. Entre duas coxilhas de pedras, guamirins e aroeiras, abria-se o desfiladeiro. Uma garganta estreita, passagem obrigatória de veado corrido.

- Valentim, - diz o pai, chegando à boca do desfiladeiro. – Aqui é a sua espera. O pardo passa por aqui e você pode até pegá-lo a unha. Já sabe: Quando a cachorrada der de acoar, miúdo, ligeiro, meio chorado, é pardo ou virá, na certa. Você, metido nessa reboleira de guamirins, fica bombeando a boca do desfiladeiro. Deixe que o bicho se aproxime, ouviu? Ele é obrigado a cruzar por aqui. Entendeu?

- Entendido, pai. Pode deixar por minha conta. Hoje eu vou pegar o pardo a unha.



- Não faça muito alarde, rapaz, que você ainda é capaz de acabar caçado pelo pardo.

- Não tenha medo, papai.

- Vamos ver.

Largaram os cachorros, um aqui, outro acolá, e o terceiro longe, perto do banhado. Sumiram num instante, numa corrida louca, farejando pelo campo, pelas restingas, entre os caraguatás...

Não demorou muito e os latidos reboaram, festivamente. O coração de Valentim pôs-se aos pinotes. Destravou a espingarda. Colocou-se em posição estratégica. Agora, pode vir, pardeco de uma figa.

Dez minutos de irritante expectativa. Os latidos, amiudando, longe. Mas nada de pardo, nada de virá, nada de nada.

Já o rapaz resolvera, cansado e desiludido, deixar aquele local de espera, quando de repente nota um vulto correndo em direção do desfiladeiro. Não era veado, não. O que havia de ser, então? Ora, nada mais e nada menos que um enorme avestruz. O pobrezinho, acossado pelos cães, vinha gambeteando à toda.

Valentim falou com seus botões: Eu não disse que era hoje? Está pra mim. Como não? Aprumou-se. Dependurou a espingarda a tiracolo. Arregaçou as mangas. Pode vir. Vou te pegar a unha. Melhor nhandu vivo que pardo morto.

Dois minutos apenas. Um barulhão que parecia vendaval. Valentim priscou agílimo que nem cachorro. Caiu-lhe em cima de rijo. Atracou-se numa luta titânica. Passou-lhe a mão pelo pescoço e a outra pelo corpo lisinho de penas. Mas quem é que pode com a força maluca do nhandu, assim nomais? Fosse com laço vá lá.

Foi brincadeira. O avestruz deu um brusco prisco e levou o moço de arrasto como guaipeca grudado no focinho do touro.

Andou uns metros de rojo . depois, um violento safanão, e a bicha já estava desvencilhada das garras do caçador, e lá se foi a la cria, nomais, deixando o rapaz estendido no chão, apertando entre os dedos um punhado de penas, com cara de terneiro desmamado.

Ora veja, lá se foi o meu sonho! Todo o meu doirado sonho! Nhandu desgraçado!...

\*\*

\*

Mas isto não foi nada. O pior vem agora. Quando Valentim passou o braço em volta do pescoço da ema, caiu-lhe do ombro a espingarda, que se enfiou pela cabeça da ave, desceu pelo pescoço e se parou presa no corpo volumoso.

E agora? O moço levantou-se. Viu o nhandu fugindo na disparada com a espingarda a tiracolo. A princípio, esperou que a arma caísse. Cair nada. Encontrava-se muito bem presa que nem carrapato em lombo de boi.

Valentim saiu correndo, num desespero sem fim. Ai, a minha espingarda!... o nhandu agarrou o campo limpo. E o rapaz de atrás, correndo, soltando os bofes, coitado. Corre-que-corre, corre-que-corre. Depois, meteu a boca no mundo, gritando para os companheiros, feito louco:

- Socorro! Atirem, atirem, depressa. Fogo! Fogo!

Mas os companheiros, ao deparar com aquele gozadíssimo espetáculo, romperam à rir as bandeiras despregadas:

- Essa é muito boa! O nhandu fugindo com a espingarda a tiracolo, a espingarda do Valentim, quá, quá, quá!...



E o rapaz, fulo de raiva:

- Atirem, bocós. Levou a minha espingarda. Atirem. Fogooo...

O pai e os demais caçadores estavam deitados no chão, não podendo mais de tanto rir: Essa não! Essa ninguém imaginou ainda: quá, quá, quá!

Em quatro valentes gambeteadas, o avestruz ganhou o campo largo, muito à vontade, lampeiro, espingarda a tiracolo, como um grande caçador, fazendo figas ao Valentim.

- Pronto! Se foi a minha espingarda. Santo Antônio, valei-me. Valei-me, Santo Antônio.

A esta altura, já no alto do coxilhão, perto do alambrado, a ema ouviu a jaculatória do rapaz e jogou-se contra a cerca. Forcejou em vão para passar. A espingarda enroscou-se, trancando. Fez um supremo esforço, com tanta violência, que partiu a asa. E lá se foi o pobre do nhandu, com a asa de arrasto. Mas a espingarda caiu junto da cerca, para consolo do desesperado rapaz...



## **8 – O NEGRINHO DO PASTOREIO**

O minuano – vento gelado que sopra dos Andes – varria inclemente os pampas sem fim do Rio Grande do Sul. Medonho, aquele inverno! Feias chuvaradas encharcando os campos. Nevadas e geadas cobrindo as coxilhas de branco qual imenso lençol...

Domingo de sol. Domingo bonito mas frio demais para uma carreira. Um estancieiro, muito rico e muito mau, ia correr com um vizinho. O cavalo baio do primeiro tinha fama tanto como o cavalo mouro do adversário.

A parada era de mil onças de ouro. Deveriam ser distribuídas entre os pobres. Mas o estancieiro mau não concordou. Se ele ganhasse, o dinheiro seria todo dele, somente dele. Nunca ninguém viu um fazendeiro mais pão-duro como aquele.

Por causa da sua maldade e da sua avareza, ninguém gostava dele. Vivia quase sozinho, o miserável. Na sua casa, moravam com ele apenas um filho, impertinente como o pai, e um negrinho. Um negrinho muito bom, bonito, lustroso. Não tinha nome, não tinha pai, não tinha mãe e nem padrinho, o coitado. Por isso, Nossa Senhora era a sua madrinha.

O Negrinho cuidava dos cavalos do estancieiro cauíla e era ele que fazia de jóquei da carreira. Se porventura o baio perdesse, ninguém pode imaginar o que o malvado do estancieiro faria daquele pobre escravo. E não é que o estancieiro mau perdeu mesmo?

- Valha-me a Virgem madrinha Nossa Senhora! – gemeu o Negrinho.



É verdade, os pobres se alegraram porque o ganhador distribuiu logo todo o valor das mil onças. Mas o Negrinho, nem queiram saber.

O estancieiro voltou para casa com a alma em pedaços. Apeou do cavalo. Mandou amarrar o Negrinho a um palanque e deu-lhe uma tremenda surra de relho.

De madrugada saiu com o Negrinho pelo campo. Parou no alto de uma coxilha e falou:

- Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste. Trinta dias ficará aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos... O baio fica de piquete na sogá e tu ficarás de estaca!

Chorando, lá ficou o coitadinho dia e noite, passando fome, passando frio. Enfim, enfraquecido e cansado, caiu com a sogá do baio eleada no pulso. Deitou-se encostando a cabeça a um cupim.

De noite, vieram as corujas. Voaram em roda, paradas no ar, sem mover as asas, os olhos reluzentes, amarelos, olhando para o Negrinho.

Ele teve medo. Rezou à sua madrinha, Nossa Senhora, e adormeceu.

la alta a noite, quando chegou o guaraxaim. Farejou o Negrinho. Depois roeu a guasca da sogá, soltando o baio, que fugiu a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

Com o tropel, o negrinho acordou. O guaraxaim fugiu, esgançando. Os galos cantavam, longe.

De manhã, a cerração encobria os campos e o Negrinho não enxergava o pastoreio. Chorou, pensando no castigo que iria levar.

O filho do estancieiro, aquele menino mau, foi lá e voltou logo a contar ao pai que os cavalos não estavam...

Então, o Negrinho foi outra vez amarrado pelos pulsos ao palanque, tomando tremenda surra de relho.

Quando anoiteceu, o estancieiro ordenou que o Negrinho fosse campear a tropilha.

Rengueando e gemendo, o Negrinho saiu. Rezou à sua madrinha, Nossa Senhora. Foi ao oratório da casa. Tomou o toco de vela aceso em frente da imagem e andou pelo campo.

Foi andando, andando, pelas coxilhas e canhadas, pela beira dos lagões, paradeiros e restingas. E em toda a parte a vela ia pingando cera no chão. E de cada pingo nascia uma luz. Nasceu tanta luz, tanta luz, que clareava tudo.

Ogado ficou deitado. Os touros não escarvaram e as manadas xucras não dispararam. E os cavalos, vendo o Negrinho, relincharam todos juntos, contentes.

O Negrinho montou no baio e tocou a tropilha por diante, até o alto da coxilha. Deitou-se e no mesmo instante se apagaram todas as luzes. Dormiu, sonhando com a Virgem, sua madrinha.

E não apareceram as corujas, nem o guaraxaim. De manhã, o menino mau, o filho do estancieiro, foi e enxotou os cavalos, que dispararam campo afora, desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho. E o menino mau foi dizer ao pai que os cavalos não estavam lá...

\*\*

\*

Aí o estancieiro mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos ao palanque e deu-lhe tremenda surra de relho. Deu-lhe tanto, recortando as carnes, o sangue vivo escorrendo do corpo...

O Negrinho invocou sua madrinha, Nossa Senhora. Soltou um suspiro fundo e triste, parecendo morrer...

O estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho numa panela de formigueiro. Depois assanou bem as formigas.

Quando as formigas principiaram a trincar-lhe o corpo, o estancieiro foi embora sem olhar para trás.

Naquela noite, o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo mil vezes, que tinha mil filhos, mil negrinhos, mil cavalos dentro de um formigueiro pequeno...

Depois houve três dias de cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

\*\*

\*

A peonada correu o campo todo, mas ninguém viu a tropilha e nem o rastro.

O estancieiro foi ao formigueiro. Viu lá o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, são e salvo, a sacudir as formigas do corpo. Ao lado, o cavalo baio e junto a tropilha dos trinta tordilhos, e, em frente, fazendo guarda ao pobrezinho, viu a Virgem Nossa Senhora, sua madrinha. Quando viu aquilo, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, montou o baio em pêlo e sem rédeas, chupou o beíço e tocou a tropilha a galope...





Na mesma noite, os posteiros e andantes, que dormiam em ranchos e camas de macega, ao relento, os tropeiros e carreteiros, viram, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocados pelo Negrinho, gineteando em pêlo, em um cavalo baixo...

Hoje, nos campos do Rio Grande do Sul, quem perder uma coisa, o que for, acende uma vela à madrinha do Negrinho, Nossa Senhora, e então o Negrinho do Pastoreio campeia e acha...

## **9 – O ÉBRIO**

O namoro surgiu como de repente, sem preâmbulos, sem comentários. Namoro violento, prometendo casamento logo de saída.

Foi durante uma excursão de estudantes ao Taimbezinho, no Parque Nacional dos Aparados, no município gaúcho de Cambará do Sul. No ônibus sentaram, por acaso, na mesma poltrona, ele ao lado dela. Conversa animada. Aneodotas. Piadas. Cânticos, que toda a turma acompanhava, desafinada, numa algazarra infernal.

Os estudantes da simpática cidadezinha de Cambará do Sul, à noite, improvisaram um bailão no clube, em homenagem aos colegas visitantes. Todo mundo viu, então, a Lenita e o Pedrinho, agarradinhos, durante todo o baile.

A seguir, durante a visita à maravilha do Taimbezinho, naquele recanto poético, beirando o grande abismo no gramado coroado por lindos e altos pinheiros, ambos sempre de mão dada.

Ao voltar para casa, altas horas da noite, sempre juntinhos, agarradinhos, ocupando os mesmos lugares, saltava aos olhos de todos aquela violenta paixão.

A Otilia gostou. A Leni até ficou com ciúmes, ela sempre infeliz em todos os namoros e tentativas de casamento. Mas a Loreci rosnava: Esse namoro não presta. A Lenita, namorando aquele borracho... Se casar, será a mulher mais infeliz do mundo, vivendo com um bêbado...

Um dia brigaram. Alguns colegas ergueram as mãos para o céu: Graças a Deus! Que sorte tem a Lenita! Parecia mesmo que iria casar com aquele beberrão.

Mas as hostilidades duraram apenas duas semanas. E o namoro recomeçou ainda mais violento, trazendo decepção para a Loreci e muitas outras colegas.

Brigaram de novo. Depois, fizeram as pazes. Outra briga. Quantas vezes? Ninguém mais sabia ao certo. Eram tantas!

Afinal, que foi que aconteceu? Ora, que é que havia de acontecer? Noivaram. E tornaram a brigar. Mas a paz voltou e marcou-se o dia do casamento.

A Teresinha, da mesma turma da Lenita, falou sem reboços:

- Lenita do céu! Você pensou bem? Já imaginou o seu futuro vivendo ao lado de um bêbado? A vida inteira. Se eu fosse você, já teria acabado com tudo.

- Teresinha, o Pedrinho é igual a todos os moços da sua idade e de sua condição social. Todos bebem como ele. São coisas da idade. Ele já me prometeu. Depois do casamento, não beberá mais.

- E você acredita, Lenita?

- Acredito, em todo o caso, eu cuidarei dele. E você não tem nada de se meter com a vida alheia, tá legal?

- Escute, Lenita. Eu não desejo que um dia alguém lhe diga: Boba, quem mandou você casar com um borracho?

\*\*

\*

Casamento soleníssimo, o mais solene dos últimos anos. Mais de trezentos convidados. O prefeito, o delegado, o Juiz de



Direito. Toda a alta sociedade. Convite do Pedrinho, convite arrojado, concebido no fogo da bebedeira.

Ao meio-dia, o noivo já andava chumbeado, cambaleando. Ainda bem que durante a cerimônia religiosa na igreja se manteve firme em pé, porque no civil, foi uma autêntica palhaçada.

Mas o melhor aconteceu durante a festa, no Clube Comercial. A certa altura, o Pedro entrou a discursar, inflamado. Dizia besteiras contra dois padrinhos que não compareceram. Rogou-lhes pragas. Proclamou que preferia casar no mato ou ficar solteiro o resto da vida, trabalhando de engraxate ou vendedor de bananas.

Tinha rasgos de energúmeno. Gesticulava violentamente. Chorava. O diabo... A Lenita, envergonhada, envergonhadíssima, fugiu a esconder-se num quatinho, sacudida de soluços.

O prefeito municipal tentou salvar a situação, usando de sua palavra autorizada, para saudar o jovem casal. Mas, o Pedrinho, aparteando, interrompia-lhe o discurso a cada passo.

Os convidados, todos os convidados, foram debandando. A festa acabou cedo, deixando assunto obrigatório em toda a cidade por longas semanas.

\*\*

\*

Durante quinze dias, ninguém viu os dois recém-casados. Andavam por longe, escondidos, em sua viagem de núpcias, curtindo sua lua-de-mel.

Voltaram. Vexadíssimos, não ousavam aparecer em público. Findo o mês de férias de gala, Lenita, que já ingressara na

carreira do magistério, retomou a lida das aulas. O Pedrinho tornou ao balcão da loja.

Dava pena ver o constrangimento dos coitados. Aquele tremendo fiasco, no dia em que realizavam o sonho de sua felicidade, para toda a vida, jamais se apagará da lembrança dos moradores da pequena cidade serrana. O caso era tão lamentável, que pouca gente se atrevia a comentá-lo.

A Lenita não se conteve. Contou as verdades para o marido, que logo, no primeiro dia, faltava tão sacrilegamente ao juramento. Ameaçou divorciar-se.

Pedro não ligou às zangas e ralhos da esposa. Ele já a conhecia demais. Se hoje brigava, amanhã o adorava. Cobria-o de beijos, de carinhos. Segredava-lhe de palavras amáveis. Jurava não existir marido mais encantador do que ele...

Decorrido um mês de harmonia e felicidade, Pedro, até aí abastêmio, regressou uma noite, altas horas, fedendo a cachaça e vinho, cambaleante. Lenita não se conteve. Atirou-lhe na cara guincho aterrador, desabafando a insopitável indignação. Ora, quem diria? Logo agora que parecia regenerado.

Ele acobardou-se. Mansinho, carinhoso, aproximou-se da esposa. Tentou beijá-la. Lenita, enojada, assentou-lhe sonora bofetada na cara, que o miserável, já mole e sem equilíbrio, rolou pelo chão, num tombo espetacular, fazendo estremecer a casa.

- Toma, canalha! Tu fizeste promessa de não beber. E eu fiz promessa de te quebrar a cara. Toda a vez que voltares embriagado, levarás uma sova de criar bicho, ouviste bem? Se tu não sabes cumprir a promessa, eu sei.

Trabalho perdido. Lenita perdia seu tempo inutilmente. No dia seguinte, Pedro regressou de madrugada, ébrio como um bote. A mulher quis agredi-lo, mas ele se defendeu. Derrubou cadeiras, quebrou pratos, copos, tijelas. Fez o diabo.



Daí por diante, o inferno mudou-se para aquela casa. Todas as semanas, absolutamente todas, aos sábados e domingos, mugia o pandemônio.

Na rua, fazia Pedro o ridículo papel de palhaço. Às vezes caía e passava a noite dormindo na sarjeta, cozinhando a bebedeira. Outras, um companheiro de infortúnio o levava para casa, aos tombos. Na próxima oportunidade, Pedro, menos embriagado, retribuía o obeséquio conduzindo o benfeitor para sua casa.

A polícia já cansara de prender a infeliz vítima do alcoolismo. Agora nem mais se incomodava. Andar atrás de ébrios incorrigíveis era lavar burro com sabonete. Perde-se o tempo e o sabão.

O povo, sobretudo a gurizada, divertia-se à custa de Pedro. Suas extravagâncias já eram famosas. Alguns casos constituíam legítimas piadas de palco, podendo até enriquecer um anedotário.

Uma linda noite de lua cheia, Pedro ziguezagueava pelas ruas. Vai até que dá com outro companheiro de taberna. Fala-lhe, então:

- Escute, amigo, você pode me dizer uma coisa? Aquilo ali no céu é o sol ou a lua?

- Oh, compadre, - responde o outro bêbado – você me desculpe, eu não sou daqui. Não posso informar.

O guarda, uma noite, viu Pedro tentando em vão colocar a chave no buraco da fechadura da casa.

- Escute, - diz o policial – não quer que o ajude a enfiar a chave?

- Não – respondeu Pedro, - eu queria que você segurasse a casa que não pára quieta.

Numa ocasião, fora ele a cavalo a uma festa campeira no Capão do Cipó. Por volta da meia-noite, alguns gaiatos resolveram aplicar uma lição naquele borrachão, preparando-lhe uma cilada. Colocaram os pelegos do seu cavalo sobre a taipa de pedra que cercava o clube. Conduziram-no até perto e o obrigaram a montar. Pedro montou, meteu as esporas, vibrou o relho, e o <<cavalo>> ali, imóvel, insensível...

\*\*

\*

Infeliz esposa, que, além de agüentar o cruel martírio, sofria o oprobrioso vexame perante a sociedade. Muitas vezes pensou em separar-se do marido. Todavia, tinha personalidade. Recordava, com mágoas, o desprezo que dera aos conselhos das amigas, quando solteira,. Ia, por isso, suportando calada, agoniada, desbaratada. Já nem mais batia no marido embriagado, evitando, assim, maiores conseqüências.

Os anos foram rolando, lentos e amargos, trazendo ao fim de cada tarde o prenúncio de uma noite de agonia. Nasceram quatro filhos, todos com algum defeito ou tara – triste herança daquele vício.

Lancinava a alma o sofrimento da pobre mulher. Por fora de sua casinha do bairro, a natureza cantava, envolta na poesia de altivos pinheiros da pracinha. Ao cair da tarde, a terra sorria ao espetáculo do funeral do sol, morto como um justo, aureolado de fulgurações de ouro.

Os campos logo além, exalando hálitos de lilás e violetas, adormeciam ridentes em leito perfumado. As coxilhas, diluindo-se em manto opalino, evaporaram-se em sonhos, extasiados pela



lua... Nas casas, em todos os lares, a família sentava alegre à mesa farta. Nos salões, dançava-se alegremente...

Só na casa da professorinha, rondavam sombras sinistras. Ao jantar, os filhos mordiscavam côdeas de pão amassado de lágrimas. A perspectiva da noite de insônia e pancadaria anunciava terríveis sofrimentos...

Lenita perdera toda a esperança de recuperar o marido mediante recursos humanos. Voltou-se, então, para os céus, confiando-lhes o milagre da cura do Pedro. Orava, orava. Uma novena atrás da outra. Comunhão quase diária. Durante as Missões, pediu aos pregadores que martelassem contra o alcoolismo. A seu pedido, o Pe. Eliseu, famoso pregador, proferiu, então uma de suas melhores peças oratórias sobre o tema, chegando a arrancar lágrimas dos duros corações viris.

Longa exposição das cadentes verberações da bíblia, dos escritores sacros e profanos, contra execrando vício do álcool. Corroborou a lição com terrificantes exemplos de famílias infelizes, de lares desmantelados, de crimes hediondos, de acidentes de trânsito...

Os ouvintes prometeram, juraram fugir e combater a embriaguez com todos os meios possíveis. Pedro, entretanto, permanecia indiferente, frio, gelado.

Lenita viu, assim, frustrada mais esta bela oportunidade de converter o marido, que agora deu de beber todos os dias. Noites de martírio! Pedro, transformara-se em carrasco. Espancava a esposa e os filhos. Faltava com frequência ao serviço na loja. Até que, enfim, a firma o despediu definitivamente... Pior ainda. Pedro agora vivia na taberna...

Será que Deus não me atende? – chorava Lenita. – Será que tanta prece, tanto sofrimento, não merecem a conversão do meu marido?



Um dia, surge-lhe, de repente, uma idéia brilhante. Pediria socorro às freiras da vizinha cidade, no Colégio São José, cuja diretora fora sua mestra do curso normal. Expôs à Ir. Dulce Maria todo o seu terrível drama, a sua trágica situação, toda aquela incrível tragédia.

A religiosa comoveu-se e chegou a chorar, acompanhando as lágrimas de sua antiga aluna. Condoída, prometeu as orações de toda a sua comunidade.

- Irmã, - pediu Lenita – talvez a senhora possa, além das preces, apresentar algo de prático, urgente, para solução do meu problema. Gostaria que o Pedro ficasse internado aqui no colégio durante os dias, sob os cuidados das Irmãs.

- Pois não, Lenita. Nós podemos dar-lhe serviço. Trabalhar na horta, na carpintaria. Cuidaria das galinhas, dos coelhos... E nós o vigiaríamos cuidadosamente para que ele não saia à rua para beber.

- Oh, Irmã, seria uma graça muito grande para mim e para ele. Se ele concordasse... Reze, reze, Irmã, para que ele aceite vir parar aqui alguns dias.

- Deus dará um jeito, querida Lenita. Pode ficar descansada.

A professora voltou para casa radiante. Com muito jeito, falou ao marido acerca do convite da Ir. Dulce Maria. E ele – pasmem! – aceitou com muito prazer. Carecia trabalhar e ganhar algum dinheiro. Já andava apreensivo por falta de dinheiro. A taberna não fiava, e poucos eram os tragos oferecidos pelos companheiros.

Principiava agora nova vida para aquele incorrigível beberrão. Confinado naquele ambiente de paz, longe da taberna, Pedro trabalhava descansadamente na horta, na carpintaria, tratando as galinhas, os coelhos. Alimentava-se bem. Às refeições, as boas Irmãs serviam-lhe meia garrafa de vinho, que ele

escorropichava, lambendo-se, gulosamente. Aos sábados, recebia um dinheirinho, em pagamento de seus serviços.

Dormia num quartinho contíguo à sacristia. Um quarto pequeno e com pouca claridade. À noite, a superiora fechava a porta à chave, afastando para ele qualquer tentação de fuga rumo da taberna.

Pedro foi se acostumando à vida solitária do colégio. Lamentava apenas a falta da cachaça. Sentia uma saudade infinita. Passava o dia e horas da noite pensando na branquinha e nalgum meio de chegar a ela.

Às vezes, em meio aos violentos desejos de retornar a beber, refletia com seus botões: Era uma tirania, uma escravidão abominável! Coisa terrível, o vício! Nada mais triste do que um homem dominado pela paixão. Um tigre, um leão, miseravelmente arrastado por mesquinha cabrita...

Estas sadias reflexões, entretanto, desapareciam imediatamente, sem deixar rastro. Pedro voltava logo a pensar na pinga. Não tinha mais sossego. O canto da sereia o fascinava. A taberna o convidava sedutoramente, irresistivelmente.

Ao cabo de duas semanas, após contínuo matutar em busca de soluções, Pedro descobriu o caminho da tasca. Que alegria lhe trouxe a sensacional descoberta! Tardava-lhe o momento de chegar aos lábios ardentes o copo embriagador!

\*\*

\*

A parede do seu quarto, no lado da sacristia, decerrava no alto uma janelinha envidraçada, por onde se coava a claridade para iluminar o exíguo recinto. Por aquela estreita abertura, com

jeito, passaria um ladrão. Pedro passaria também. Por aquela janelinha, pularia para a sacristia e daí para a capela, cuja porta central para a rua ficava de noite trancada por dentro sem chave nem cadeado. Apenas uma grossa tranca, fácil de remover.

Não hesitou. Horas mortas da noite. As religiosas dormiam o sono dos justos. Profundo silêncio dominava o imenso casarão... o coração aos pulos, encostou a mesinha à parede, sobrepôs a cadeira, formando uma escada, cujos degraus, galgou nervoso. Com as mãos trêmulas, bem de mansinho, alçou a vidraça. Enfiou a cabeça pela janelinha aberta. Apoiou as mãos, os braços, e, a custo, arrastou o corpo. Foi se esgueirando, escorregando o ventre. Das calças saltou um botão que tiniu sobre a mesa. Descansou um bocado, ofegante. Recobrou ânimo. Mais alguma ginástica e pronto.

Na parede da sacristia, bem abaixo da janelinha, pendia enorme Cristo de madeira. Fortemente preso ao muro de alvenaria, estava ali aquela escada providencial para ele. Estava dando tudo certo – pensou. – colocou os pés sobre a cabeça da imagem, que resistia galhardamente ao peso. A seguir, firmando-se com os braços na beirada da janela, foi descendo de costas, as mãos no vértice da cruz. Seus pés, descendo, acabaram firmando-se sobre os pés da imagem de Nosso Senhor. Por fim, firmou os pés sobre o genuflexório apoiado à parede, sob o crucifixo. Fácil. Fácil a subida, fácil a descida. Tudo parecia convidá-lo para o bar. Até Cristo, com sua imagem, dava-lhe uma mão, com aquela escada posta ali como de encomenda.

Entretanto, forte arrepio perpassou-lhe pelo corpo todo ao pensar no sacrilégio que acabava de praticar, calcando aos pés a imagem de Cristo. Mas o escrúpulo foi logo abafado pelo pensamento da taberna. Da sacristia entrou na capela pelo presbitério. A lâmpada votiva do Santíssimo palpitava de dor derramando raios de sangue, tingindo o altar com tênue claridade. No ar, viciado, pairava perfume de flores, misturado com cheiro de cera queimada e azeite.



Pedro dobrou o joelho em rápida genuflexão mal feita, evitando levantar os olhos para o sacrário. Receava que um raio de luz ou alguma voz misteriosa lhe chamasse a atenção contra o pecado que ia cometer.

Atravessou o corredor entre as filas de bancos da nave central. Chegou-se à porta. Ergueu a tranca de ferro. Abriu sem ruído. E ganhou a rua num pulo, triunfalmente. No primeiro boteco, sorceu um copão de cachaça, sofregamente, gulosamente, lambendo-se.

Voltou embriado. Foi, por isso, dificultosa a escalada da parede, sempre calcando aos péssimos a sagrada imagem de Cristo, impregnando-a com a fedentina do álcool.

\*\*

\*

Agora, todas as noites, à mesma hora morta, no silêncio do casarão, repetia a aventura e o sacrilégio. Por vezes, sentia repugnância e remorso. Por fim, a consciência calejou. Descia tranqüilamente por aquela escada divina rumo à tasca como se andasse pela rua em direção à igreja. A alma e o coração a vibrar de alegria.

Vai senão quando, uma noite de sexta-feira, Pedro experimenta nervosa palpitação ao pisar sobre a imagem de Nosso Senhor. Depois, diante do altar, recrudescer a sensação. Tem medo. Treme. E – coisa estranha! – faz o que até então nunca fizera. Ajoelha e reza.

Dirige-se ao bar, inquieto. Beberica apenas um traguinho, às pressas. Volta cedo. Vago pressentimento anuvia-lhe a mente, e uma angústia infinita oprime-lhe o peito. Misterioso, aquilo! Estaria



sendo descoberto com a botija na boca? As freiras teriam notado alguma coisa?...

Na igreja, outra vez aquela ânsia, ânsia de orar, de pedir proteção ao céu. Ajoelha-se. Tenta balbuciar as palavras do Pai Nosso. As palavras trancam-se-lhe na garganta. Uma angústia estranha, esmagadora. Senta num banco. Apóia a cabeça às mãos. Vontade de chorar...

Não era possível. O coração não mentia. Algo de impressionante estaria para acontecer. Miserável! Desgraçado que sou! Infelicitei uma família. Tenho uma esposa que vive orando por mim. As freiras, todas as freiras orando pela minha recuperação. Estou aqui preso pela minha culpa, neste lugar sagrado, em casa dessas almas abençoadas, pertinho de Deus. Coitadinhas, em boa fé ao meu respeito! E, apesar de tanta solicitude, de tantos prodigiosos meios de me corrigir, de tantos avisos, de tantos exemplos, não consigo romper os laços que me acorrentam à este rochedo maldito da paixão, do vício e do pecado!...

Tentam ato de contrição, de arrenpendimento. Mas falta-lhe a coragem de formular um propósito firme. É duro, difícil, impossível, declarar guerra aberta, sem quartel, à gostosa bebida.

Só um milagre. Não há outro jeito, outro recurso. Deus precisa vibrar o golpe decisivo, o golpe mortal. Cortar sem piedade a cabeça do dragão. Só um milagre. Sim, um milagre.

\*\*

\*

Ajoelha-se, levanta a cabeça, os olhos, as mãos trêmulas em prece: Senhor, tende piedade de mim.

Ergue-se, aliviado. Na sacristia, coloca os pés sobre o genuflexório, posto aos pés do Cristo. Agarra-se à cruz. Pisa nos pés da imagem do crucificado. Ao tocar com as mãos os braços frios, duros, da imagem, súbito pensamento excêntrico fulmina-lhe a mente: E se, naquele instante, Cristo se animasse e, desprendendo as mãos da cruz, o abraçasse?!

Como um raio, o pensamento cristaliza-se em palpitante realidade. Os enormes e frios braços do crucificado soltam-se do madeiro e estreitam fortemente o corpo de Pedro, num abraço carinhoso e quente. Ao mesmo tempo, com acento de indizível ternura, com lágrimas na voz, os lábios divinos, exalando perfume de rosas, proferem esta atordoante expressão:

- Meu filho, até quando?!...

Depois disso, Pedro não viu nem ouviu mais nada. Lembra-se apenas de haver sentido o calor do abraço e percebido o hálito perfumado da voz de Nosso Senhor.

Quando acordou, jazia estatelado no assoalho da sacristia. Levanta-se, então, estremunhado e pergunta-se: Que foi? Estarei sonhando?

Acende a luz. Olha para a imagem de Cristo, que permanece imóvel, no seu lugar como sempre. Teria sido mesmo um sonho? Não, não pode ser. Estou sentindo um bem estar infinito, uma euforia incontrolável, não, não foi sonho. Foi milagre! O milagre que eu pedia. O milagre indispensável para minha recuperação.

Sem perder tempo, dirige-se à capela. Ajoelha-se no primeiro banco, diante do sacrário e da linda imagem do sagrado coração de Jesus. Apóia os cotovelos no banco, a cabeça entre as mãos. E, tomado de forte arrepio, mergulha num oceano de lágrimas, passa o resto da noite ali na igreja, rezando e chorando, chorando e rezando. Nunca chorou tanto na vida! Nunca rezou tanto na vida!...



\*\*

\*

De manhã, as freiras vão à capela para a oração e a missa. Vendo ali, ajoelhado, o Pedro, levam o maior susto. Como então? O que está acontecendo? Como é que ele está aqui na igreja? Como pôde abrir a porta do quarto sem ter chave?...

Ele levanta-se. Vai e abraça e beija as religiosas, e, a chorar, diz:

- Queridas irmãzinhas, estou convertido! Foi um milagre de Nosso Senhor!

E narra o incrível acontecimento, causando enorme surpresa. Por fim, acrescenta:

- Irmãzinhas do céu, agora estou convertido, mas preciso pedir perdão à Deus por meus desvarios. Quero me confessar. Uma confissão geral.

- Pois não, Pedro. Daqui a pouco vai chegar o nosso capelão. Você pode, então, aproveitar para se confessar.

Aos pés do Pe. Lauro, fez Pedro uma confissão da qual o sacerdote ficou admirado, diante de tantas lágrimas e de tantas promessas, pedindo mil desculpas por toda aquela sua vida de pecado. O sacrilégio, os maus tratos contra a esposa e os filhos, o escândalo dado à sociedade...

Durante a missa, Pedro comungou, ao lado de todas as freiras. A seguir, permaneceu longo tempo em oração, fazendo a ação de graças pelo milagre de sua conversão.

Por volta das oito horas, no refeitório da comunidade, ele tomou café com as religiosas. Disse-lhe, então, a Ir. Dulce Maria:

- Pedro, hoje você não vai trabalhar na horta e nem na carpintaria. Vai ajudar a Irmã cozinheira a preparar um almoço. Um banquete. Vamos festejar a volta do filho pródigo à casa do pai com uma festa.

Aí, Pedro, ainda sob o impacto da graça divina, passou a manhã ajudando na cozinha, descascando batatas, colhendo alface, repolho, temperos, na horta. Ajudou a matar e depenar duas gordas galinhas, as galinhas das quais ele tratava com dedicação.

Festa inesquecível! Durante o banquete, a Superiora fez comovente saudação dizendo: Meu filho, hoje no céu há mais alegria pela sua conversão, alegria maior que poderiam dar 99 justos que não necessitam da conversão.

A religiosa declarou, ainda, que naquela sexta-feira a comunidade terminara uma novena ao Sagrado Coração de Jesus em prol da conversão daquele seu empregado.

Pedro também fez uso da palavra para agradecer toda aquela epopéia de bênçãos recebidas por graça das queridas freirinhas. Agradeceu com lágrimas nos olhos. Por fim, prometeu corresponder a tantas benemerências divinas, vivendo para levar a termo uma grande campanha em favor da recuperação das pobres vítimas do vício do alcoolismo...

De tarde, retornava feliz para sua casa, levando a alegria à sua Lenita e seus filhos, a quem abraçou e beijou chorando.

Hoje, Pedro, presidente da Associação dos Alcoólicos Anônimos – AAA, desempenha admirável apostolado em favor das vítimas do alcoolismo. Vive pregando o bem, enquanto se ocupa no belo emprego que obteve como diretor de vendas de importante indústria de móveis da cidade.





## **10 – PERSEGUIDO DE MULHERES**

Bélio Fiori, filho de Gabriel Fiori, é neto de Joaquim Fiori, um imigrante italiano que desbravou o sertão alpestre de Veranópolis. O Joaquim Fiori, avô de Zélia Fiori Brandalise, a primeira prefeita municipal de Vila Flores. Joaquim Fiori que morreu de emoção em plena cancha de bochas, após sensacional jogada...

Simpático, possante, gorducho, Bélio Fiori, dodo de uma voz encantadora dos sopranos da Itália, possui o dom de fascinar qualquer pessoa com sua conversa musical e atraente. Quando fala, parece que está cantando. Na descrição dos lances épicos, a sua voz levanta-se espontânea, sonora, que deslumbra eufórico, fascinante, dominador.

Sua garganta de ouro cascadeia a canção irisada dos rios, a melodia das florestas tropicais, com sua infinidade de cantos de pássaros. Por vezes, quando o assunto o exige, assume o tom grave e apavorante, como o rugido das feras. Na sua fala contagiante, soa a música das montanhas, das nuvens, dos jardins, das crianças...

E, nessa admirável harmonia de voz, vai cantando a volumosa antologia das emocionantes ocorrências de sua vida romanesca, para os atentos companheiros de viagem, encurtando o longo trajeto das horas de sacolejo das estradas sem fim.

\*\*

\*

Pois, ontem de noite, voltando de uma caçada de pombas carijós, em Capão Bonito, na granja tritícola de Raul Feijó e Néilson Berthier, Bélio, ao volante de sua poderosa Rokaford, vinha nos divertindo com a emocionante narrativa de suas façanhas.

Foi em Minas, na cidade de São Julião – principiou Bélio. – A história começou no trem, durante o jogo de cartas, e foi acabar na Polícia. Os caras queriam mas era o meu dinheiro. E então armou-se o rolo.

Eu gritei: Sou homem de coragem e não tenho medo de morrer. Sei muito bem que não posso contra todos vocês, mas que eu levo um na garupa, levo mesmo...

Eu trazia comigo o 44, que recebi de prêmio no exército por ato de bravura. Possuía a documentação em dia, inclusive o atestado daquele feito heróico e da respectiva recompensa.

Eles se acalmaram. Mas no hotel fui abordado pela Polícia. Quando apresentei minha identidade e viram que eu era gaúcho, nem lhes conto. Foi uma festa!

É gaúcho, é da terra do Getúlio, do nosso presidente. Só pode ser homem direito. Ninguém pode prendê-lo.

Era no tempo de Getúlio Vargas. Eu era adversário de Getúlio, mas fiquei bem quieto. Não ia estar a sair de uma para entrar em outra...

E, em minha homenagem, a turma improvisou um baile, ali no hotel. Passamos a noite na farrá. De manhã, havia ali mais de 700 garrafas de cerveja abertas...

\*\*

\*

Isto aconteceu durante minha viagem à Urucânia, onde fui pedir ao Pe. Antônio a cura de minha insuportável dor de cabeça.

Naquele tempo eu era meio largado e meio ateu. E lá me convenci plenamente da existência de Deus. Não há quem não se converta, vendo aquilo que eu vi. Eu vi milagres, vi milagres com meus próprios olhos. Muletas, então, havia montoeira que dava para assar o churrasco de cinco vacas.

Mas vi também a miséria que anda pelo Brasil. Quantos infelizes! Leprosos... Eu dormi num hotel junto com leprosos. Depois é que notei. Na cama cheguei a encontrar unhas entre os lençóis... Mas, graças à Deus, não me contaminei.

Admirei a fé do povo brasileiro, a fé cega, diria quase superstição. O Pe. Antônio Pinto não podia aparecer no meio do povo. Impossível! Por quê? Porque todo mundo avançaria nele para tirar um pedaço de sua batina. Haviam de deixá-lo completamente sem roupa, o coitado. E depois eram capazes de esfolá-lo, de arrancar-lhe a própria carne...

O padre limitava-se a aparecer à janela volta e meia, dando a bênção. Por meio de uma corda, a gente fazia a chegar a ele as cartas com os pedidos de graças. Eu também mandei a minha.

\*\*

\*

Era nas vésperas de natal. E apesar de ser época de a gente estar em casa com a família, havia lá mais de vinte e quatro mil pessoas...

Fazia um calor horrível, pois Urucânia fica lá num buracão, no meio de altas montanhas. Só se vê o sol ao meio-dia.

E desandou a chover. Chuva torrencial e contínua. Eu andava já completamente encharcado. Dos sapatos, ao caminhar, a água espirrava, plech-plech, plech-plech.

Em dado momento, aproxima-se de mim uma senhora. Uma senhora jovem e morena. Morena e bonita. Mas bonita de verdade. Ela estendeu o guarda-chuva para me abrigar junto à ela.

Eu, todo absorto no pensamento da bênção e na cura da minha terrível dor de cabeça, não pensei em nada. Ela falava, falava. Mas que papo o papo daquela morena bonita! Conversa de arrebatat a gente.

Vai até que eu caí em mim. Desconfiei de toda aquela prosa. Não tive mais dúvida. O que ela queria era o meu dinheiro. E eu andava com mais de quarenta contos no bolso, por causa da viagem.

Pedi licença e me retirei, à chuva. Ela veio de novo para o meu lado.

- Não – respondi. – Não preciso, obrigado. Já estou molhado.

- Ora, moço, não fique assim na chuva.

- Obrigado, mas eu não quero. Estou bem aqui.

- Vem cá, moço. Ficamos juntos. Aqui somos todos irmãos, recebendo a bênção do Pe. Antônio.

- A senhora desculpe, mas eu agradeço seu guarda-chuva.

Afastei-me uns passos. E ela sempre atrás. Já me incomodei e falei áspero e claro: Escute, quer saber de uma coisa? Eu não quero nada com mulheres. Ouviu?

E com esta me livreí da bicha. Fui ao hotel para mudar de roupa, estava toda molhada. Mas qual não foi o meu espanto? A roupa, toda a roupa molhada, que eu vestia, estava sequinha,

sequinha. Também os sapatos. Pensei comigo: Isto é um milagre de Nossa Senhora das Graças por meio do Pe. Pinto.

\*\*

\*

Mas a dor de cabeça continuava ali a me romper os miolos. Não melhorei, nada, nada...

Foi só três dias depois, no Rio de Janeiro, repentinamente. Um caso muito importante! Foi assim. Era domingo. Procurei uma igreja para ouvir a missa. Entrei no elevador do Convento de Santo Antônio.

E lá no elevador, outra mulher. Puxa! Como eu andava perseguido por mulheres! Uma mulher pedindo dois cruzeiros à todo mundo. De certo seria para uma obra de caridade.

Todos davam. Todos, menos eu. Ela recebia o dinheiro, e, em troca entregava um envelopezinho. Insistiu comigo. E eu, teimoso. Nada. Ao sair do elevador, fez outra tentativa inútil.

Eu me lembrava da morena de Urucânia. E com aquela dor de cabeça, eu não estava para histórias. Suportava aquela dor horrível com paciência, mas com muita raiva e vontade louca de <<bestemar>> .

Entre na igreja. Durante a missa, não é que me assalta violentíssima dor de barriga, a dor de barriga mais terrível que tive na vida. Já vi que iria me borrar todo ali na igreja.

Não queria sair a fim de não perder a missa. Pedi à Nossa Senhora das Graças que me valesse. Fiz um supremo esforço. Agüentei.

Assim que o celebrante disse: **Ite, missa est**, saí apressado. Lá fora, ninguém. Apenas a mulher, a mulher dos dois cruzeiros. E lá veio ela. Disse-lhe eu precipitadamente:

- Eu lhe dou os dois cruzeiros, mas a senhora me diga já onde existe um banheiro, porque eu não agüento mais.

Recebi o envelope, e, sem pagar, ganhei o banheiro, num prisco. Pois não é que naquele mesmo instante, ali no banheiro, a dor desapareceu de repente. Mas desapareceu de todo. Não senti mais nada e, interessante! Não fui aos pés.

Saí, entreguei os dois cruzeiros. Abri o envelope. Dentro havia um papel com uma mensagem muito linda. Mensagem que trazia uma grande lição para a vida.

E, então, naquele momento, ao ler a mensagem do bilhete, sumiu-se também toda a minha grande dor de cabeça. Sim, senhores, desapareceu completamente aquela terrível dor de cabeça que me atormentou durante anos. Desapareceu e nunca mais voltou. Nunca mais. Até hoje.

## **11 – O HOTELEIRO**

Daniel não precisava emigrar em busca de melhores negócios. Ganhava muito bem com o seu hotel, o melhor da cidadezinha de Lagoa Vermelha.

Lançara os fundamentos de sua obra, logo após concluído o Serviço Militar, com apenas dois cruzeiros no bolso. Mas o que lhe faltava em recursos financeiros e econômicos, sobrava-lhe em força de vontade, aliada a uma inteligência invulgar e um assombroso tino administrativo, em que pese a sua instrução primária.

Casou pouco depois com uma jovem que veio a ser a sua maior auxiliar de trabalho. Wilma era mulher simpática, incansável no serviço, admirável na delicadeza do trato, mas inflexível no cumprimento exato do seu dever. Inexorável mesmo, quando se tratava de justiça e honestidade. O hóspede era tratado regiamente. Mas hóspede ladrão tinha endereço certo – cadeia.

O Hotel Avenida criou fama. Difícil saborear melhor refeição em qualquer restaurante das grandes cidades. Aos domingos, famílias inteiras deixavam de almoçar em casa para fazê-lo no Hotel do senhor Daniel Bertelli.

Pois é, não precisava emigrar. Mas o coração do homem, na expressão lapidar de Santo Agostinho, inquieto, é insatisfeito. Sossega só mesmo quando repousar em Deus.

Daniel não podia parar ali. Ambicionava viver novas emoções, realizar retumbantes negócios. O sangue fervia-lhe nas veias como lava de um vulcão. Passava noites de insônia arquitetando mirabolantes castelos.

Foi, pois, com desbordante alegria que um dia recebeu convite de um irmão para montar hotel no norte do Paraná.

- Daniel, - dizia-lhe José – você não pode imaginar o que seja o alto Paraná. Verdadeiro país de fábula. A terra da promessa. O dinheiro rola ali como água da chuva. Em apenas cinco anos, a cidade tornou-se maior do que esta que é centenária. Nunca se viu progresso igual no mundo inteiro.

Não hesitou Daniel. Vendeu metade do Hotel Avenida ao sobrinho Antônio e azulou, causando imenso pesar em toda a sociedade local, que lhe votava extraordinária estima, por ser ele amigo de todo mundo.

\*\*

\*

Lá no norte do Paraná, construiu moderno e elegante hotel, que batizou de Veneza Hotel, em homenagem à Itália, terra de seus antepassados. Hotel de cinco estrelas, com cento e cinquenta apartamentos e várias suítes. Chegou a formar, nos fundos da propriedade, um lago artificial, em que havia sempre três gôndolas para divertimento dos hóspedes.

Mas Daniel possuía outra peregrina virtude, que o tornava extremamente simpático aos homens e aos céus. Tinha o dom de dar, de auxiliar os pobres, as obras sociais, as instituições de caridade, a igreja...

Confessava: Quanto mais eu dou, mais ganho. Eu sou realmente rico porque posso dar. Rico não é aquele que tem, mas aquele que dá. O milionário avarento parece rico, mas na realidade é pobre. Um miserável! Não dá porque acha que lhe faz falta. Se lhe faz falta é porque é pobre, não é verdade?





Sempre gostou de servir à igreja. Católico fervoroso, sentia prazer em colaborar com as iniciativas da paróquia. Era o braço direito do vigário.

Agora, entretanto, na terra das maravilhas e do ouro, não encontrou ele nem padre e nem igreja. Apenas uma capelinha de madeira, pequena e feia, onde aos domingos se reunia meia dúzia de mulheres para rezar o terço. Mais nada. Padre, só aparecia por lá, rapidamente, duas vezes por ano, a fim de fazer batizados.

Daniel revoltou-se contra aquela lamentável situação, contra aquele desleixo religioso, jurou vingança: Aqui há cinemas, há clubes, há de tudo-dizia. – Só não há igreja. Se este povo não me ajudar, eu sozinho quero levantar aqui a mais linda igreja.

Os habitantes da novel cidade eram quase todos aventureiros, procedente dos mais variados pontos do país e do estrangeiro, vindos todos em busca de fortuna. Só queriam dinheiro. Dinheiro e divertimentos. Isso de rezar, de ir à igreja, não era com eles.

Durante algum tempo, Daniel pregou no deserto. Riam-se dele. Chegavam a chamá-lo de carola, de visionário, de louco. Mas, aos poucos, o seu marcante fascínio, a sua irresistível simpatia, principiou a despertar a atenção.

Enzopereira, renomado arquiteto de Curitiba, apresentou-lhe uma planta de igreja moderna, estilo funcional, verdadeira revolução na arte sacra. Daniel colocou maquetes, colocou cartazes grandes e vistosos, nas vitrines de quase todas as lojas. Fez propaganda na rádio, no cinema, nos clubes e de casa em casa.

Argumentava, como velho advogado, que um templo artístico é a glória de uma cidade. Motivo de atração turística. Pode haver cidades sem muros – dizia citando Cícero – cidades sem moeda, mas não encontrarei jamais uma cidade sem igreja.

E o dinheiro principiou a chover, a chover. Dinheiro a rodo. Montanhas de dinheiro. Realizavam-se festas concorridíssimas. Quermesses. Sessões de cinema. Tudo em benefício das obras da igreja Matriz.

E, junto à praça principal, deu de erguer-se, então, para o alto, o lindo templo, construído com o mais eleito material da terra.

Rapidez fulminante! Em menos de um ano, a Igreja de Nossa Senhora das Graças estava de pé, imponente, dominando a cidade. Exímio pintor italiano, Emílio Zanon, completou-lhe o esplendor com artísticas decorações, com quadros bíblicos, de impressionante beleza. um encantamento!

\*\*

\*

Todos confessavam que fora milagre construir tão belo templo, da noite para o dia, no seio de um povo materialista e herege. Foi um milagre, Seu Daniel. Você é um santo!

Bom, o mais difícil está feito. Agora o mais fácil é trazer um padre para cá. Isto pensou Daniel. Mas pensou errado, muito errado. A igreja foi o mais fácil. O mais difícil, o difícil mesmo, o quase impossível, será o vigário.

Daniel foi ter com o Bispo Diocesano. O bondoso antistíte emocionou-se com a linda história que acabava de ouvir da boca do hoteleiro. Uma grande bênção para a diocese aquela nova igreja! Mais um redil para o seu numeroso e arredio rebanho. Mas, o bispo, com lágrimas na voz, respondeu:

- Meu filho, vocês são uns heróis! Construíram uma bela igreja num instante. Que maravilha, Seu Daniel.



- foi um milagre de Nossa Senhora, Seu Bispo. Todos dizem que foi milagre. Agora, excelência, eu estou aqui para pedir um padre para a nossa igreja.

- Mas você sabe, Seu Daniel, que um padre não se consegue assim tão fácil. Vocês construíram a igreja da noite para o dia. Para formar um sacerdote são necessários vinte anos. Sabe lá o que é isso, vinte anos?

- Excelência, será possível?

- Meu filho, tenho dez paróquias que esperam padre. E padre eu não tenho. Não disponho de um sequer. É uma lástima. Eu sinto imensamente não poder servi-lo, Seu Daniel. Eu sinto não poder servir àquele povo que vai continuar como rebanho sem pastor.

- pois é, Senhor Bispo, aquele rebanho não pode continuar sem pastor. Não pode. Custou-me convencê-lo a construir a igreja. E agora?... Mas, Excelência, se Deus fez o milagre de dar-nos a igreja em tão curto espaço de tempo, quem sabe se não vai fazer também o milagre de mandar-nos um sacerdote? Nem que seja do céu.

- poder pode, Seu Bertelli. A Deus nada é impossível, mas este milagre, viu, ninguém tem direito de esperar, a não ser diante de muita oração. Muita oração, Seu Daniel. Volte, pois, meu filho, e diga àquele bom povo, que se quiser um vigário sem demora, deve rezar. Rezar com fervor, continuamente. E veja se nos consegue umas vocações nos seios das boas famílias. Vocações. O problema das vocações, Seu Bertelli, é o mais grave de toda a diocese. Problema que me atormenta dia e noite.

No domingo seguinte a igreja de Nossa Senhora das Graças lotou-se de povo. Todos aguardavam com ansiedade, com impaciência, que o Seu Daniel chegasse com o Senhor Bispo para empossar o primeiro vigário. Foi, pois, com enorme espanto, que



viram chegar o hoteleiro desacompanhado, sozinho. Tragicamente sozinho.

Tomando, então, a palavra, Daniel, diante da multidão que lotava o vasto templo, repetiu com gravidade as palavras do Prelado. A seguir, acrescentou, com veemência:

- Vamos cumprir as ordens do Senhor Bispo. Vamos orar. A igreja aqui está linda, imponente, com a imagem da Virgem sorrindo para todos, abençoando a todos. Neste recinto subirão, de hoje em diante, preces fervorosas ao céu, todos os dias. Todos os dias.

Daniel, a fim de favorecer à piedade, à afluência de fiéis, instalou alto-falantes no recinto do templo. Adquiriu enorme e variada discoteca de músicas sacras. E, de tarde, todos os dias, a partir das duas horas, as naves da igreja vibravam ao som festivo do órgão, convidando à prece, à meditação.

Aos domingos, transmitia-se a missa da Rádio Aparecida ou da Catedral de Curitiba. Nas horas em que não houvesse transmissão de ofícios religiosos, o alto-falante tocava discos.

Era, então, muito raro, mesmo em dia de semana, não haver gente orando na igreja. O templo possuía fascínio irresistível. A majestade, a pintura artística, o altar com a linda imagem de madeira, maravilhosa obra do escultor português Aurélio Moreira da Silva, o piso de mosaico que parecia mármore, os bancos de madeira de lei. E, acima de tudo, aquela mpusica celestial, que, graças à aprimorada acústica, transformava o templo em ambiente de mistério, misticismo, impressionante, envolvente, arrastando instintivamente à prece. O povo sentia-se tão bem lá dentro! Que bela idéia teve Daniel! Se todas as igrejas fossem assim, nunca estariam desertas.

Mas, apesar disso, lamentava-se a ausência de Jesus Eucarístico, da santa missa. Que falta fazia um sacerdote! Daniel expandia-se com D. Wilma: Este fervor não pode continuar. Na

igreja falta o mais importante, o essencial. Falta o sol, o sol da Eucaristia...

Por isso, as preces da família Bertelli multiplicavam-se. Reunia-se o sr. Daniel com a esposa, os filhos, a Lédi, o Roberto, a Gládis e o César. Suplicavam. Suplicavam com lágrimas. Que Nossa Senhora não demorasse a operar o milagre.

Realmente, o céu, diante de tanta insistência, se comoveu e mandou um raio de esperança. Já na segunda semana, dois garotos se apresentaram a candidatos ao Seminário. Imediatamente, Daniel deu na igreja a confortadora notícia, declarando que encaminharia logo os dois rapazes ao sr. Bispo. Quem sabe – disse ele – com isso Sua Excelência se comova e nos envie logo um sacerdote formado.

\*\*

\*

Antônio Carlos tinha dez anos. Filho do Dr. Clóvis de Abreu, um exímio advogado da cidade, que tinha mais uma filha, a Maria Regina. Um lindo casal!

Na cidade ninguém sabia que o Dr. Clóvis era um ex-padre, naquele tempo um padre apóstata, excomungado pela Santa Sé, que, então, não permitia a laicização, a dispensa do celibato. Apostatara nos primeiros anos de ministério, casando civilmente com uma professora, Isomar de Souza.

Jogou a batina às urtigas, cursou a Faculdade de Direito e emigrou para o norte do Paraná, atraído pelo fascínio da terra do ouro. Abrira banca de advocacia fazia dois anos. Ótimo causídico! Entretanto, ninguém jamais suspeitou que se tratasse de um ex-padre. Ninguém, nem os filhos.

Antônio Carlos, rapazinho exemplar, inteligência precoce, ia quase todos os dias à igreja. Encantava-se com as belas melodias religiosas. Admirava-se, de modo especial, da missa irradiada, o sermão do sacerdote, ele que nunca vira padre.

Quando Daniel falava às crianças, dizendo que Deus esperava delas alguma vocação sacerdotal, o menino experimentava intensa vontade de se oferecer como candidato ao sacerdócio.

Um dia, o rapaz falou ao pai: Papai, eu gostaria de atender ao apelo do Seu Bertelli. Gostaria de estudar para padre. Depois eu venho trabalhar aqui em nossa igreja.

Impossível descrever o impacto que esta proposta inesperada causou no advogado. Atrapalhado e confuso, apenas pôde responder:

- Meu filho, você é muito criança.
- Não faz mal. Eu queria tanto ser padre.

O Dr. Clóvis ficou pensativo, arrasado. Deixou de trabalhar. Fechou o consultório. Foi para casa. Lá pelas seis horas, dirigiu-se à igreja. O templo vibrava aos acordes da Ave-Maria de Gounaud, cantada ao som do órgão por imenso coral de vozes mistas.

O esplendor da igreja, para cuja construção ele mesmo havia colaborado, a presença reverente de numerosas pessoas, e, especialmente, o canto da Ave-Maria, tocaram fundamente a alma do sacerdote apóstata. De joelhos, olhos fitos na imagem da Virgem, lembrou o passado, o tempo do Seminário, quando ele também fazia parte do coral. Recordou os primeiros anos do seu ministério, repletos de ardor apostólico e coroados de conquistas espirituais. Os sermões inflamados, arreatadores, triunfantes. Não pôde conter as lágrimas. Desandou a chorar perdidamente, feito criança.

Ao sair da igreja, foi abordado por algumas pessoas:



- Dr. Clóvis, também veio visitar a nossa igreja? Como é linda, não é? Como faz falta um padre, não é? O Dr. Clóvis, que é um bom advogado, poderia pedir ao sr. Bispo um vigário, pois não?

- Por quê? Então ele não vai mandar?

- Não, Dr. Clóvis. Diz que não tem padre disponível. Ele mandou rezar para que Deus faça um milagre de nos conseguir um vigário.

\*\*

\*

Aquela noite, o advogado não dormiu, só pensando no filho que queria ser padre. Pensando na falta do padre, na agonia daquele povo, como rebanho sem pastor. E, assomado e tempestivo por temperamento, desabafou logo com a esposa:

- Viste, Isomar? O Antônio Carlos meteu na cabeça a idéia de ser padre. Diz que depois pretende vir aqui trabalhar como vigário.

- Coitado! Não sabe o que diz. Não sabe o tempo e custo da formação de um padre.

- Pois é, Isomar, mas eu vou te contar outra coisa. Uma coisa espantosa.

- O que é, Clóvis?

- Espantosa, mas ao mesmo tempo muito linda.

- O que é? Diga lá.

- Hoje estive na igreja.

- A primeira vez, não é?

- Sim, a primeira vez, mas valeu por todas. Tive saudades do tempo em que eu vivia na igreja, saudade do tempo de padre...

- Decerto queres voltar agora?

- Sim, querida. Deu-me uma grande vontade de tornar a vestir a batina e vir aqui como primeiro vigário.

- Estás louco, Clóvis?

- E não achas uma bela loucura esta?

- Mas agora não podes mais.

- Como não? Sabes, Isomar, a graça me tocou, naquela primeira visita à nossa igreja. Para falar a verdade, estou cansado de andar assim tão longe de Deus, nesta minha apostasia. Eu quero voltar ao bom caminho, fazer penitência e passar o resto de meus dias servindo ao Senhor e a este povo.

- E eu, Clóvis?

- Tu? Tu deves também fazer penitência. Tu que foste a cooperadora do meu afastamento da vida sacerdotal.

- Por favor, Clóvis!

- Eu já resolvi, Isomar. Amanhã irei ter com o sr. Bispo.

E foi, realmente. Foi depois de haver exposto todo o seu drama ao sr, Daniel Bertelli. E juntos, foram ambos para a cúria diocesana. Chegando, diz o sr. Bertelli ao Prelado:

- Sr. Bispo, o milagre está realizado. O milagre que tanto pedimos a Nossa Senhora, o milagre de conseguirmos um vigário. Aqui trago o Pe. Clóvis, que Deus mandou para ser o nosso primeiro pároco.

O velho antístitem que tanto orara e esperara pela volta deste seu filho pródigo, levantou-se, abraçou apertadamente o Dr. Clóvis. Chorando, disse-lhe:



- Meu filho, seja bem-vindo. Eu tinha certeza de que você voltaria para a casa do pai.

- Perdão, sr. Bispo, - respondeu o advogado. – venho pedir-lhe perdão de meus desvarios, da minha apostasia. Dê-me o castigo que mereço. E, se me julgar digno, pretendo voltar ao exercício de minha vida sacerdotal, para ajudar aquele bom povo, para fazer penitência, salvar minha alma e levar outras para Deus.

- Deus seja louvado, Pe. Clóvis. Volte, meu filho, volte, que nunca é tarde para servir a Deus e trabalhar no ministério sacerdotal.

O Dr. Clóvis chorava, abraçado ora ao sr. Bispo, ora ao sr. Daniel.

- Perdão, sr. Bispo.

- Já está perdoado, meu filho. Deixe o resto por minha conta. Eu vou escrever a Roma. E, enquanto não vier a resposta, ficará no Seminário, orando, estudando, revendo a Teologia e fazendo penitência.

\*\*

\*

Daniel regressou à cidade delirante de contentamento, numa euforia incontida. Através do alto-falante e da rádio-emissora local, convidou o povo à igreja, na hora do terço, à noite, a fim de ouvir uma sensacional notícia.

Por volta, das sete horas, foi rezado o terço na matriz. A seguir, o sr. Bertelli agradeceu as orações, porque Deus acabava de atendê-las, realizando o suspirado milagre. E falou, emocionado:

- Meu querido povo, muito obrigado. As vossas preces operaram a graça de termos agora o nosso vigário. Trata-se de uma sacerdote que surgiu, como por artes de magia, do seio desta nossa sociedade. Ninguém sabia, mas é a pura verdade: o nosso exímio advogado, o Dr. Clóvis de Abreu, será o nosso pároco. Porque ele é sacerdote. Sacerdote, sim senhores, embora afastado do ministério. Agora, arrependido de sua apostasia, retorna para a casa de Deus, precisamente para ser o nosso primeiro vigário.

A população, depois de se refazer do abalo sofrido com a fantástica revelação, explodiu em transportes retumbantes de alegria, soltando foguetes, festejando o fantástico acontecimento.

Ao cabo de dois meses, o Pe. Clóvis, absolvido das censuras eclesiásticas, profundamente arrependido da apostasia, possar como primeiro pároco.

Naquele memorável domingo, realizou-se também soleníssima inauguração e bênção do novo templo, festa em que todos, católicos e não católicos, tomaram parte com enorme emoção e alegria.

O Pe. Clóvis, derramando lágrimas, proferiu impressionante oração, narrando toda aquela sublime epopéia de bênçãos que acabava de receber, por graça de Nossa Senhora, padroeira da paróquia e da cidade.

Zeloso, virtuoso, iniciava agora a sua nobre missão de pastor daquele rebanho, que, durante anos, não ouvia missa nem comungava. Grandes pecadores converteram-se. A paróquia passou a ser a mais florescente e fervorosa de toda aquela imensa diocese.

D. Isomar, volvidos alguns anos, abraçou a vida religiosa na Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Curitiba. Transferiu-se para a nova paróquia, onde, junto com o Pe. Clóvis, fundou o Colégio Nossa Senhora das Graças, do qual ela foi a primeira diretora.

A filham Maria Regina, já religiosa do mesmo instituto, cursava agora a Universidade, a fim de graduar-se em Pedagogia. Enquanto isso, Antônio Carlos vai concluindo seus estudos no Seminário Diocesano...

A população, não sabendo como agradecer ao sr. Bertelli aquela incomparável epopéia de heróica dedicação, resolveu imortalizá-lo em vida, erguendo-lhe soberbo monumento de mármore na praça, diante da igreja matriz. No pedestal foram gravadas estas palavras: <<Ao sr. Daniel Bertelli, heróico soldado de Deus e da Pátria, a gratidão eterna desta cidade>>.



## **12 – ARLETE**

Era a primeira vez que o Pe. Paulo visitava a cidade do Rio de Janeiro, quando ainda era a Capital do Brasil, no ano de 1947. Sacerdote gaúcho, jovem e simpático, realizava agora o velho sonho que o acalentara desde pequeno: Conhecer a Cidade Maravilhosa e seus encantos famosos, como o Corcovado, o Pão de Açúcar, o Maracanã, Copacabana.

Mas havia outro sonho conjunto que se transformava em realidade. Sonho muito mais arrojado. O Rio era apenas o trampolim para o maior de todos os saltos. Ele estava de viagem para a Europa. Iria conhecer o velho mundo, pois fora destacado para trabalhar em Portugal. Nada mais encantador para aquele jovem, sedento de conhecimentos e aventuras.

Demorou-se quinze dias, tendo podido correr a metrópole carioca de ponta a ponta, no automóvel do seu amigo e conterrâneo Armando Michelin, da cidade de Caxias do Sul, então atuando no comércio do Rio de Janeiro. No terceiro dia, já se orientava sozinho no meio daquele mundo trepidante de gente, ruas e praças, tendo apenas por bússola a imponente imagem de Cristo Redentor no pico altaneiro do Corcovado.

Naquela manhã, visitava as livrarias. Na Melhoramentos, foi atendido cordialmente por uma balconista extremamente cordial e carinhosa, de nome Arlete de Almeida.

- O senhor deve ser gaúcho, não é, padre?

- Como é que a senhorita sabe?

- Pelo sotaque. Eu estive ainda no Rio Grande do Sul, mas tenho lá um tio, em Santa Maria. Adoro o seu grande Estado... e também os gaúchos.



- Muito obrigado, carioquinha.

O sacerdote, contente com os elogios, falou com o riso na boca. Por fim, pediu os livros: <<Iracema>> de José de Alencar, <<Inocência>> de Taunay e <<Escrava Isaura>> de Macedo e mais alguns de célebres autores brasileiros.

- Como é seu nome, padre? – perguntou a balconista.

- Pe. Paulo.

Arlete pegou da pena e escreveu em <<Iracema>> esta bela dedicatória: <<Pe. Paulo, não se esqueça nunca da Arlete>>. Embrulhou todos os livros em papel celofane e entregou o pacote, declarando:

- Pe. Paulo, com sua licença. Isto é para o senhor. É uma pequena lembrança.

- Mas como assim, Arlete?

- Não repare, padre. São manias das cariocas.

Ficou tremendamente confuso o jovem sacerdote. Não sabia o que dizer. Por fim, os dois, já muito amigos, conversaram longamente, confiadamente, enamoradamente.

- Então veio conhecer o Rio, padre?

- Por acaso. Estou de viagem para Portugal.

- Vai sair do Brasil. Que pena!

- Fui destacado para lecionar num seminário na cidade do Porto.

- Quanto tempo vai ficar por lá?

- Não sei ao certo. Talvez cinco anos.

- É muito tempo, padre Paulo. Quero que me deixe o seu endereço. Vou escrever-lhe muitas vezes.

- Para mim, Arlete, será uma grande honra. Poderei assim, matar saudades do Brasil.

\*\*

\*

Arlete estava encantada. Digamos a verdade: Estava apaixonada. Nunca alguém a deixara tão feliz.

Morena, rostinho redondo, simpática, amorosa, envolvente. Órfão de pai, vivia com a mãe, que ajudava a sustentar.

Ganhava ordenado na loja e como cantora de rádio. Possuía o seu cartaz e um certo número de admiradores e pretendentes à sua mão.

O padre, diga-se a verdade, não se empolgara tanto como ela. Admirava-se de haver ele impressionado assim aquela linda morena carioca. Como pudera ele, um humilde provinciano, um sacerdote, atrair as atenções daquela jovem da Capital?

Ao entardecer, saindo da loja, Arlete foi visitar o padre na casa onde estava hospedado. Entregou-lhe uma caixa de finos bombons e outros livros.

- Pe. Paulo, - disse ela – estou muito triste porque o senhor vai morar tão longe. Desejava que não fosse...

Agora, durante uma semana, todas as tardes, Arlete visitava o sacerdote, ao deixar o serviço na livraria. E em todas as vezes, entregava um presente: balas, livros e dinheiro para ele gastar na viagem.

No dia do embarque, no cais de Mauá, Arlete saiu da loja para ir lá despedir-se, levando mais presentes e mais dinheiro. Muito chorosa, despediu-se com longo e apertado abraço. E não

arredou pé, até que o transatlântico <<Santa Cruz>>, de bandeira panamenha, a serviço de Portugal, partiu, já bem tarde da noite. Ficou abanando longo tempo com o lenço o mais sentido adeus. Derramou lágrimas. Copiosas lágrimas. Aquele pacote ia levando para longe o primeiro e o mais ardente amor de sua vida.

Curioso! Quando o Pe. Paulo, após cinco anos de permanência, quando partiu de Portugal, outra garota, uma portuguesinha, a Maria Avelina, chorou talvez mais que a morena carioca...

O Pe. Paulo, marinheiro de primeira viagem, encontrou a bordo muitas novas emoções. A vida airosa naquela cidade flutuante. Inesquecíveis amizades entre os oitocentos passageiros. A poesia incomparável do mar, ora encrespado, ora tranquilo. O espetáculo dos peixes voadores, um dos quais chegou a entrar na cabine através da janelinha do barco. A beleza estonteante do nascer do sol em pleno oceano. A silhueta de algum transatlântico na curva perene das ondas. Golfinhos e baleias surgindo à tona...

Esquecera quase por completo a morena da loja. Vai senão quando, no terceiro dia de viagem, já em alto mar, recebe ele com espanto um radiograma. O que seria? Notícia triste da família? Ou, quiçá, notícias da carioquinha da Livraria Melhoramentos? Abriu o envelope e, a tremer, leu. <<Saudades – Arlete>>.

Não há mais dúvida – pensava ele. – A carioquinha anda mesmo apaixonada por mim, loucamente apaixonada. Coitadinha, como estará sofrendo! Conheceu-me para amar e eu logo lhe fujo para tão longe!

Ao chegar em Portugal, uma volumosa correspondência aguardava o Pe. Paulo. Vinha do Brasil. Era da Arlete. Trazia a mais inflamada, a mais comovente declaração de amor. Grandioso poema de infinita ternura, de carinhoso afeto, tão sentimental como ele nunca vira em novela alguma.

<<Não sei explicar – dizia a carta a certa altura. – não sei explicar como o senhor me conquistou por inteira tão rapidamente. Já recebi muita proposta, muita jura de amor. Nunca me impressionei. E agora, à primeira vista, fiquei totalmente desnorteada, tão fortemente apaixonada, que não o esqueço um só instante. Tenho chorado tanto de saudade...

Eu quisera ser o único amor do seu coração. Amor puro e santo. Chego mesmo a pedir-lhe que não deixe ninguém ocupar o meu lugar... Quanto a mim, pode ficar descansado, pessoa alguma será capaz de afastar o senhor do meu coração. Ninguém, e aqui estarei todos os dias para servi-lo. O meu maior prazer é prestar-lhe algum auxílio>>.

\*\*

\*

Semanalmente, ele recebia carta da Arlete. Às vezes, duas por semana. Nelas vinha sempre todo o coração daquela garota impetuosa. Mandava-lhe livros, muitos livros. Pagou-lhe uma assinatura do <<Diário de Notícias>> do Rio de Janeiro, a fim de que ele estivesse sempre ao par dos acontecimentos da pátria longínqua. Um dia, mandou-lhe uma fotografia dela, foto recente, com sugestiva dedicatória de carinho.

O sacerdote, está claro, não mantinha por ela o mesmo estranhado amor. Mas dedicava-lhe sincera amizade, ardorosa simpatia e eterna gratidão. As cartas da garota eram sempre suave recordação da pátria estremecida, amenizando a saudade infinita do Brasil.

Durante cinco meses, a correspondência amorosa cruzou os ares sobre o Atlântico. Todas as semanas, impreterivelmente. Mas, lá um dia, surge, abrupta e misteriosamente, o mais completo



silêncio por parte da moça. O carteiro nunca mais entregou carta da Arlete. Nunca mais.

Que teria acontecido, meu Deus?! O padre escreveu, então, para a mãe de Arlete, escreveu para a loja onde ela trabalhava, numa estafante busca de notícias que esclarecesse aquele impenetrável mistério. Algo de grave deve existir. Tanto tempo sem nenhuma explicação... aguardou meses uma resposta. Debalde. O que terá acontecido? Talvez uma desgraça? E, quem sabe, talvez eu seja o causador? Deus me perdoe, nem quero pensar em coisas trágicas.

Volvidos alguns meses, certa noite, o padre, como de costume, deitou-se na cama com o <<Diário de Notícias>> na mão e o pensamento voltado para a Arlete. Abriu maquinalmente o jornal, ao acaso. Tinha diante dos olhos a página que nunca lhe interessava. A página dos anúncios. Centenas e milhares de anúncios. Mas ele olhava os reclames sem ver, perdido como andava mentalmente, pensando um mundo de coisas acerca da garota. Não lia anúncio algum, nem sequer reparava uma foto que tinha sob vistas.

De súbito, esbugalha os olhos, fixando-os vivamente no retrato. Será possível? Olhou, olhou. Sim, era aquela mesma foto que ele recebera de Arlete. A mesma foto sem tirar nem pôr. Arlete em carne e osso, o rostinho redondo, moreno, o mesmo penteado... Leu: Desaparecida: Arlete de Almeida.

Ele baixou as mãos, fechou o jornal. Tornou a abri-lo. Parecia incrível. Mas lá estava a notícia. A mãe procurando a filha, a Arlete... Aí está. Eu não disse? Desapareceu. Desapareceu nalgum abismo, pela certa. Talvez morta por minha causa. Será possível, meu Deus? Mas, quem sabe, posso estar enganado. Posso estar exagerando. O que devo fazer é indagar, perquirir. Preciso desvendar esse mistério cruciante, arrasador. Puxa, que pedra arranjei para o meu caminho! Talvez eu seja cúmplice, embora involuntário, de um crime, de uma tragédia...



Voltou a escrever para a loja, para a casa. Sempre em vão. Foi quando recebeu a carta da professora Naídes Bordini, sua conterrânea e grande amiga. A carta vinha do Rio de Janeiro, onde a professora se encontrava tirando um curso de aperfeiçoamento que durava um ano.

O padre não perdeu tempo. Colocou a amiga Naídes ao par de toda a história e mandou-a pequirir o paradeiro da Arlete, a quem remetia uma carta. Naídes não localizou Arlete, mas colheu informações a seu respeito, e a carta, por fim, chegou a seu destino.

Dois meses após, o carteiro entregou no Porto volumosa carta, com a bela letrinha em pé da Arlete. Graças a Deus! Até que enfim chegava notícia de que ela ainda vivia...

\*\*

\*

Vivia? Vamos ver... eram dez páginas, dez longas páginas, descrevendo o mais impressionante drama que se possa imaginar. Eis, em poucas palavras, em resumo, o conteúdo da carta:

<<Meu inesquecível Pe. Paulo! Escrevo-lhe com as lágrimas nos olhos, o coração despedaçado, sangrando. Fui jogada impiedosamente na rua da amargura. Não sei se mereço ainda o seu perdão, porque fui ingrata. Imploro-o de joelhos.

Vou contar-lhe a minha dolorosa história. Não tive coragem de fazê-lo até hoje. Nas férias do ano passado, como acontecia todas as vezes, fui a Nova Friburgo com minha mãe. Lá, uma tarde, eu passeava de bicicleta, quando fui abordada por um senhor de nacionalidade síria, de seus 25 anos, de nome Isaac. Conversou longamente comigo.



No outro dia, veio cedo à minha procura. Confessou que andava apaixonado por mim. Respondi dizendo que eu já estava comprometida. Mostrei-lhe o volume de cartas, que eu guardava ciosamente, amarrado com fita de seda. Ele viu pela dor dos envelopes aéreos que as cartas vinham do estrangeiro. Disse-me que deixasse de ser boba, que não perdesse aquela ótima oportunidade de casar com um moço honrado e rico. Mostrou-me sua identidade e documentos comprovando seu estado civil de solteiro.

A mãe não gostou. Revoltou-se, proibindo-me terminantemente a continuação daquele namoro. Mas eu não tinha mais sossego. A perseguição era contínua e implacável. A solução, a única solução era suspender o veraneio e voltar ao Rio. Foi o que fizemos.

Decorrida uma semana, retomei o serviço na livraria. Naquela mesma tarde, ao sair da loja rumo de casa, topo, surpresa e espantada, com a cara daquele turco.

Ninguém pode imaginar a cena que então representou ali na rua. Chorava, chorava perdidamente, como criança em desespero. Disse que andava apaixonado a ponto de não poder mais viver longe de mim. Se eu não o acompanhasse pelo menos naquele dia, ele se matava. Jurou que acabaria com a vida e que eu seria a responsável por aquele gesto tresloucado.

Tentei reagir, mas ele chorava cada vez mais. Diante de tantas lágrimas e de tantos juramentos, eu não pude continuar resistindo. E, só de pena, acompanhei-o. conduziu-me ao hotel. Jantamos. E, apesar de meus ingentes esforços, não me deixou voltar para casa.

Dormi no hotel. No dia seguinte, a mãe fechou-me a porta da casa... abandonada, não tendo onde me recolher, resolvi aceitar o casamento.



Preparei os papéis e fomos a Nova Friburgo a fim de realizar o enlace matrimonial.

Decorreram dias e semanas. E nada de casamento. Eu insistindo, insistindo sempre. Volveram meses. E eu sempre à espera do dia do casamento. Aí foi que minha mãe, ignorando o meu paradeiro, anunciou pela imprensa o meu desaparecimento.

Um dia Isaac saiu e não voltou mais ao hotel. Deicou-me sozinha, sem dinheiro, em vésperas de ser mãe.

\*\*

\*

E agora? Que fazer? Para onde ir? Lembrei-me dos bons amigos de Poços de Caldas, onde outras vezes estivemos veraneando. Cientes da minha desgraça, decerto se condoeriam de mim.

Suportando suprema vergonha, apresentei-me àquelas incomparáveis famílias da simpática cidade mineira. Contaram-me, então, quem era aquele turco infame que me desgraçou. Homem casado, e, apesar disso, deixou filhos por todos os cantos, infelicitando numerosas jovens incautas e inexperientes como eu.

Entretanto, minha mãe foi informada. Teve pena de mim. Compareceu em Poços de Caldas e quis levar-me para casa. Foi uma luta. Aquela boa gente, generosa gente, não queria me deixar partir.

Enfim, regressei para casa, onde minha filha nasceu, carioca como sua mãe e sua avó.

Perdi o emprego, perdi a honra, a estima, o casamento, tudo, tudo, aos caprichos deste mundo perverso e mau.



Hoje, do mais profundo abismo da minha desgraça sem fim e sem nome, eu levando o mais violento e impressionante protesto contra a hedionda caterva de homens e moços malditos e depravados que escravizam e degradam a inocência das jovens.

A minha vida, em plena flor da idade, vida de supremo infortúnio, é candente libelo contra esses monstros infames, esses carrascos sem moral e sem piedade, que, gargalhando satânicos escárneos, nos precipitam no abismo sem fundo dessa inominável desgraça.

Deste abismo da minha eterna vergonha, em meio aos escombros da minha inqualificável tragédia, eu ergo o grito lancinante de alarma para as moças da minha terra contra a onda avassaladora de corrupção que assoalha a espumarada lúrida de podridão e de lama.

Do seio deste abismo, onde gemo dia e noite, expiando o crime da minha inexperiência, a falta de minha personalidade e de minha virtude, o opróbrio do meu grande pecado, eu clamo em altas vozes para a mocidade feminina do Brasil, a fim de que abra os olhos para o abismo que se escancara diante de seus pés e a cuja orla viceja redolente e sedutora a flor da tentação.

Mergulhada no oceano de pestíferos miasmas deste abismo, eu reconheço agora – ai, tarde demais! – que só não rolará no precipício a moça que envergar a couraça inquebrantável da fé e da virtude, a moça esclarecida e corajosa, capaz de rir às gargalhadas das lágrimas de crocodilo e dos cantos de sereia deste mundo corrompido e corruptor.

Meu inesquecível Pe. Paulo! Como eu fui ingrata para o senhor! Faltando à palavra dada com tanta veemência, desprezei um amor legítimo, puro e santo, para me abraçar a uma estercorosa paixão avilante e dissolvente.

Fraquejei covarde e vergonhosamente. Já não mereço o seu perdão. Peço-lhe apenas um sentimento de piedade para este



mísero trapo humano que a sociedade, num gesto de nojo, arremessou no monturo como pútrida carniça que o mar rejeita e quebra sobre truculentos fragaredos.

Esta compaixão, tenho certeza, fará com que o senhor peça a Deus força e coragem a fim de que eu carregue resignada até o topo do Calvário a pesada cruz que meu grande pecado fabricou para meus frágeis ombros. Adeus, meu caro Pe. Paulo. Adeus>>.



## **13 – PESCADOR DE CORUJA**

Todo mundo conhece o seu Daniel de Oliveira Barreto. O popularíssimo Daniel Barreto, agropecuarista e promicultor da localidade dos Barretos, a dez quilômetros da cidade de Lagoa Vermelha.

Um gaúcho autêntico e buenacho, que não conhece inimigos. Amigo e colaborador de toda a vizinhança. Sempre de botas e bombachas, simboliza o legítimo gaúcho da região.

Inteligente e vivo, em que pese sua instrução primária. Deixou de estudar em pequeno, por causa da teimosia do professor Pimentel, que o expulsou sumariamente da escola por causa de uma briguinha de guris. O garoto Daniel lamentou profundamente aquela injusta expulsão, ele que nascera com vocação de estudar e ser doutor.

Chorou por não poder continuar os estudos. E fez solene juramento de que haveria de formar todos os filhos em curso superior. Hoje sente-se orgulhoso de ser pai de dois advogados e de duas professoras. Advogados e professoras brilhantes. Duas diretoras de escola estadual, a Delci e a Daisy.

Daniel Barreto tem fama de ser o campeão de tiro da paróquia. O maior atirador de revólver, um legítimo Schmidt 32, com o qual pratica façanhas de humilhar um Dr. Assis Brasil. Aí vão umas façanhas, apenas como exemplo.

A trinta metros de distância, com uma bala do seu revólver acende dois pauzinhos de fósforos, postos um ao lado do outro, em cima de um palanque... A mais de trinta metros, apaga uma vela. Acerta no ar uma moeda que vem caindo. Não erra uma vez o fio do telégrafo ou da rede de luz elétrica. Arranca o fundo de

uma garrafa, metendo a bala pela boca. A cerca de 40 metros, fez pontaria para um socó, declarando que iria atingi-lo na cabeça. Dito e feito.

Ainda há poucos dias, na época, 1986, fez uma aposta com o genro Hélio Vieira, abastado fazendeiro do Capão Grande, em Vacaria. O genro Domingos Magro, dono de um pomar com as melhores maçãs da região, segundo parecer de um técnico argentino, então, arranhou uma caveira de boi, fez um sinal a lápis bem no centro da caveira e colocou a 40 metros de distância, diante da casa. Pois o Seu Daniel colocou a bala bem na mosca. O projétil ficou dentro da caveira.

Agora, o sinal do tiro do genro ninguém viu. Mas ele esclareceu que a bala passou pelo buraco aberto da bala do sogro...

\*\*

\*

Mas o Seu Daniel Barreto, numa pescaria, durante o Carnaval, praticou a maior façanha da história. Pescou uma coruja. Sim senhores, uma coruja.

Foi às margens do rio Forquilha, que agora batizaram com o nome impolutar de Inhandava. Pois o Forquilha é um rio genuinamente lagoense. Nasce em nosso município, engrossa com afluentes também nascidos em Lagoa Vermelha e vai desaguar no Uruguai.

Recebe o Passinho Fundo, o histórico Passo Fundo dos tropeiros paulistas, rio que deu o nome aos Campos do Passo Fundo e à cidade de Passo Fundo. Recebe o Lajeado dos Ivos, o antigo Lajeado do Engenho, engrossado pelos arroios Ratiel e o Quebra-Dentes e pelo antigo Lajeado dos Ivos, nome que acabou



tomando o nome de Lajeado do Engenho. E ainda o arroio Barreiro, o Passo Ruim e outros.

Pois a pescaria foi há mais de uma dezena de anos, lá no Paim Filho. Para testemunhar o caso estão aí o Dr. Daniel Júnior de Melo Barreto, a professora Daisy, que eram crianças, e a própria D. Gessi Melo Barreto, esposa do seu Daniel.

Não era propriamente uma pescaria. Era uma farra na beira do rio. Um carnaval, comendo, bebendo, contando causos.

Peixe, nenhum. De tardezinha, o Seu Daniel resolveu armar uma espera para a noite, na gana de pescar uma traíra. Jogou a linha com uma isca de carne no anzol.

Foi infeliz. O anzol, sem que ninguém visse, em vez de cair na água, ficou dependurado nos sarandis, balançando...

Convencido de que o anzol caíra na água, o Seu Daniel, depois de tomar umas cervejas, baratinhas naquele tempo, foi dormir. Dormiu e sonhou com uma bela traíra, presa no seu anzol com isca de carne.

De manhã, levantou e disse para os companheiros: Acho que a coruja está pelada. Vou buscar a traíra.

Mas, a coruja não estava pelada; estava, isto sim, pescada no anzol, balançando, já sem vida, coitada!

\*\*

\*

Depois de haver escrito esta história em 1986, é preciso contar que o Seu Daniel Barreto sofreu o mais duro golpe de sua vida. Uma tragédia.

No dia 30 de junho deste ano de 1991, o seu Domingos Magro, forte produtor de maçãs e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Vermelha, foi envolvido, sem culpa, num horrível acidente de trânsito, em que perdeu a vida, num violento encontro de veículos na BR-285, proximidade do rio Passinho Fundo, a três quilômetros da cidade.

Teve morte instantânea, enquanto sua esposa, a professora Daisy Barreto Magro, diretora da escola estadual dos Barretos, sofreu fratura da perna esquerda. Domingos, que teve um funeral concorridíssimo, dada a sua bondade e posição social, tinha 43 anos incompletos, tendo nascido em 13-1-1950, no município gaúcho de Ipê, do qual seu irmão é Secretário Municipal da Agricultura.

Domingos deixou cinco filhos menores.

\*\*

\*

## **14 – PESCARIA A DINAMITE**

Iriam na fubica do Firmino. Ótima condução para pescaria. Camioneta das antigas. Fordeco de 1929. Por isso mesmo, coisa muito indicada para excursões pelas bibocas do rio Forquilha, que deságua no rio Uruguai.

Firmino Rovani, genro do forte comerciante Amadeu Scalabrin, casado com a Honorina, responsável pela contadoria da firma. Firmino, um autêntico motorista. A sua fubica nunca fica na estrada. Nunca fica quando o chofer é ele, o artista do volante que sabe cuidar do seu carro.

O Bigode quis dar golpe no Firmino. Sabia que ele era caidinho por pescarias e caçadas.

- Firminom não quer fazer uma pescaria comigo e o Gentil?  
– arriscou o Bigode.

- Quando? Onde?

- Domingo. Saímos sábado de tarde. É no Forquilha. Pescaria de traíra. – e falando baixinho, ao ouvido: Vamos soltar dinamite.

- Pois não.

O Gentil Gazola era cunhado do Firmino, casado com a professora Corina Scalabrin. O filho, Dr. Idelso Gazola, médico, é o proprietário e diretor do Hospital São Paulo.

Bigode continuou:

- Mas, Firmino, você vai entrar com a condução, não é? Nós entramos com o churrasco.

- Só você e o Gentil? Mais ninguém?

- Só.

- É pouca gente.

- Então, quem poderemos convidar mais?

- O Joaquim, o pedreiro. Ele é vaqueano velho naquelas bandas. Conhece o rio a palmo. Incansável e ótimo churrasqueiro.

- Então tá.

\*\*

\*

Sábado de tarde, a fubica fonfonava, cortando a cidade. Na frente, o Firmino, ao volante. Ao lado, o Bigode, chefe do passeio. Atrás, dentro da carroceria, sobre a bagagem, lona, redes, pelegos e caixotes, o gentil e o Joaquim. E ainda o Corisco, o cachorro do Bigode. Cachorro de lei. Ensinado como gente.

- Escute, Bigode – perguntou Firmino. – Mas você vai soltar dinamite de verdade?

- É claro. Por quê?

- É proibido.

- Ora, quem é que vai saber, Firmino?

- Cuidado, Bigode! Eu por mim não largaria, sabe?

O que é proibido nunca dá certo. Conheço muito caso triste acontecido com pescadores de dinamite.

- Não rogue praga, Firmino. Comigo nunca aconteceu nada de mal. Você vai ver que pescaria. Traíras de dez quilos. Só mesmo com dinamite.

- Você nunca viu pescar traíra com laço, Bigode?



- Com laço?!

- Sim, com laço. Lacinho de matéria plástica. A gente coloca na ponta de uma vara. Durante as horas mais quentes do dia, com sol forte, quando as traíras estão lagarteando à tona d'água, a gente chega, enfia o lacinho pela cabeça, dá um soco e pronto, está laçada a traíra.

- Esta não, Firmino.

- Não escapa uma, Bigode.

- Esta não. Então a traíra vai deixar meter o laço na cabeça nomais?

- É só não fazer barulho. Ela não acorda.

- Bom, hoje aprendi mais uma. Quero fazer experiência.

Disse que ia fazer experiência para dizer, para agradar ao companheiro. Imaginem se vou perder tempo para laçar uma traíra. Eu vou mas é soltar dinamite. Vou pegar todas as traíras do poço. Aquele poço grande, perto do acampamento. Vamos lotar a fubica. Não tem dúvida.

O Firmino, como adivinhando os pensamentos do companheiro, falou:

- Mas, Bigode, você vai mesmo soltar dinamite?

- Por quê?

- Isso é um crime. Eu sei que ninguém fica sabendo, mas o prejuízo é nosso, dos pescadores. Dinamite acaba com todos os peixes, grandes e pequenos.

Aquela insistência já doía. Bigode, para tirar da cabeça do amigo aquela idéia teimosa, sabendo-o endendido no assunto, perguntou:

- Escute, Firmino, você que entende: Por que é que dinamite mata os peixes?



- Mata com a explosão dentro da água. Água é ótimo condutor de som, muito melhor do que o ar. Você já experimentou meter a cabeça dentro da água e depois chocar com força duas pedras?

- Não. O que acontece?

- Você toma um soco nos ouvidos. Se você estiver debaixo da água quando explode a dinamite, você pode morrer ou ficar surdo. Aquilo arrebenta os tímpanos da gente.

- Que interessante!

- Pois é, Bigode, a água é excelente condutor de som e de corrente elétrica também. Você não precisa largar dinamite no rio para pescar. Você liga um fio de arame na linha elétrica de alta tensão e mergulha na água. Os peixes tomam violentíssimo choque e morrem.

- Sabe, Firmino, que lá na usina a gente podia fazer experiência?

- Mas, Bigode, você é mesmo cruel com os peixinhos.

- Ora, Firmino, peixe é pra gente comer.

\*\*

\*

No Passinho Fundo, o Fordeco deixou a faixa federal, a BR-285, e dobrou à direita. Trepou o repecho da sanga e lá em cima, alinhou pelo corredor, alarmando os chanchãs grudados nos palanques da cerca de arame. Pinheiros, muitos airosos pinheiros, agrupados nas coxilhas, ilustravam pitorescamente aquela página verde da campina gaúcha. O gado colocava pontos de reticências naquele capítulo bucólico do livro da natureza.

Lá adiante, o terreno descambava para o vale do Forquilha. Em baixo, a larga faixa negra coleava sombreando as margens do murmuroso rio. Longe, pelos campos, granjas com trigo maduro, em ondas de ouro, pejudas de pão.

No engenho, pararam. O Bigode perguntou se o caíque estava lá no rio. Estava sim. Só meio esburacado. Cada pouco a gente tem que tirar a água. Dá trabalho, mas serve.

A estradinha, já encoberta por vassouras e samambaias, mergulhou no mato. O carro foi abrindo caminho, devagar, bufando. Desceu, numa curva, roçando nos galhos das árvores. O Bigode, feito bobo, dentro da cabine, abaixava a cabeça como se as árvores pudessem tocá-lo. Andaram perto do rio, rio acima. Cinquenta metros adiante, surgiu o local do acampamento.

Bonito lugar, debaixo de imensas árvores. Chão limpinho, batido. Restos de velha fogueira. Cinza e carvão. Varas fincadas para assar o churrasco, junto à fogueira extinta. Latinhas vazias. Bem em frente, o poço, numa curva do rio, logo abaixo da cachoeira, que roncava sombriamente.

Firmino parou o carro. Apeou, dizendo:

- Isto me agrada. Aqui apetece mesmo acampar. Que maravilha!

- Eu não disse, Firmino? Olhe ali o poço das traíras. Traíras e jundiás. Jundiás de quilo já pesquei aqui.

E o Bigode foi distribuindo ordens:

- Gentil, você que é bom no anzol, vá pescando lambaris para iscar os espinhéis.

- Eu vou ajudar – disse Firmino.

- E eu também – acrescentou o Joaquim.

- Então vão todos, que eu faço fogo para assar o churrasco.

Pescaram muitos lambaris. Iscaram os espinhéis. Armaram no rio. Depois comeram o churrasco. E, ao escurecer, todos de anzol pescando jundiás, rio acima e rio abaixo.

Retornaram ao acampamento. E, ao redor do fogo, tomando chimarrão, cada qual contou o seu causo.

O Joaquim narrou o último: Foi neste mesmo rio, lá mais abaixo. No ano passado, estávamos pescando, eu, o Ari da Ford e o Valdir da Chevrolet. O morador lá do outro lado do rio dissera-nos que nos grotões daquele mato tem um leão. Mas não leão baio, leão dos grandes, africano. Já lhe comeu uma porção de reses. Ninguém de nós acreditou. Onde se viu? Aqui não é lugar de tigre e muito menos de leão.

Mas, meu caro, de tardezinha ouvimos um rugido medonho, que nos enregelou o sangue nas veias. Num instante estávamos todos trepidos nas árvores. E sem demora o bicho cruzou a uns cinqüenta metros distância. Mal e mal deu para enxergar o vulto entre as árvores. Ninguém de nós trazia arma. Esperamos cerca de meia hora encarapitados nas árvores. Depois, de orelha em pé, viemos embora.

- Mas, Joaquim, isso é anedota.

- Verdade, Bigode, pura verdade. Até o repórter do <<Diário>> andou por aqui depois, mas não viu nada.

- E agora onde anda esse leão?

- Não se sabe. O morador disse que ele aparece aqui durante uns meses do ano, mata vacas e depois desaparece.

- E se a fera batesse aqui esta noite, hem?

- É só deixar a fogueira acesa.

- Mas eu não acredito em leão por aqui.

- Eu também não.





Mas o caso foi que naquela noite pouco se dormiu no acampamento. Era só atiçando a fogueira, fumando, tomando chimarrão. A cada latido de guaraxaim ou chiar de coruja, era um grito que se ouvia na barraca de lona.

De manhã, todos contentes porque ninguém morreu nos dentes do leão, recolheram os espinhéis. Não foi lá muito farta a pescaria, mas sempre rendeu uns 15 quilos de jundiás e algumas traíras.

\*\*

\*

Tomaram café. Bateram um papo. Trataram de assar na casca um tatu-mulita que o cachorro caçara de tarde.

- Este cachorro é um portento – declarou Bigode. – Pode vir até leão que ele não tem medo. É capaz até defender todo mundo.

E, assobiando, o Bigode chamou: Corisco, vem cá. Toma, isto é para ti. E atirou-lhe um pedaço de carne. E acrescentou:

- Hoje, Corisco, vais defender a todos nós contra o leão e pegar outro tatu, não é? Ou vais fazer outra façanha mais interessante, hem?

O cão, com a cabeça, parece que respondeu assim:

- Hoje, Bigode, eu vou te mostrar quem sou. Vou te ensinar a pescar de dinamite.

E Bigode: Agora, minha gente, vamos tratar de largar a dinamite. Depois, todo mundo no rio. Vamos começar porque o serviço vai longe hoje.

Foi, pegou do explosivo, já preparado, com três palmos de estopim. Agarrou no monte de lenha um pedaço de galho seco. Cortou com a faca, alisou.

- Vou amarrar este pau para a dinamite não afundar.

As traíras não param no fundo.

Corisco terminara de engolir o naco de carne. Lambia os bigodes, enquanto, meneando a cabeça, contemplava atento o trabalho do Bigode. Olhava para a dinamite. Cachorro ensinado, sempre que o dono jogasse na água algum objeto, ele ia buscar e entregava nas mãos do Bigode. Agora, Corisco olhava, olhava seu patrão, pensando: Decerto vai jogar no rio e eu devo ir buscar, como sempre faço.

O cão pensou. Mas quem não pensou foi o bobo do Bigode. Ele, o malvado, só pensava no montão de peixes que mataria com aquela grossa carga de dinamite.

E, sem perder mais tempo, acendeu o estopime jogou a dinamite no meio do poço. O cachorro, rápido como corisco, de que lhe veio o nome, atirou-se à água.

- Pára, Corisco, pára! Ai, meu Deus, que desgraça! Ele vai agarrar a dinamite pra entregar à gente. Pobre do meu cachorrinho!

Todo mundo gritando. Uns davam risada. Outros lamentavam. Ficaram olhando. O cachorro abocanhou o pedaço de pau que boiava com a dinamite presa por um cordão. E veio vindo para a margem.

- Agora, salve-se quem puder!

O Firmino, rápido como lebre, num instante sumiu no meio do mato. Joaquim agarrou a estrada, rio abaixo. Gentil, rio acima. E o Bigode, proferindo blasfêmias em italiano, meio manco como era saiu andando um tanto apressado.

- Ai, o meu pobre Corisco! Coitado do meu cachorro! Que triste sorte!

O cão, já em terra, não viu mais ninguém. Mas ouviu a voz do dono que se lamentava. Para lá se dirigiu com a dinamite entre os dentes.

O Bigode, tropeçando e caindo, foi trepando a pirambeira e se escondeu atrás de enorme pedra. Ai, o meu cachorrinho!

De repente, a explosão sacudiu a mata, lançando migalhas do pobre bicho por todos os lados...

Foi um alívio geral. Todos temiam que o cão lhe chegasse perto, procurando entregar a dinamite.

Gargalhadas sonoras ecoaram pelo vale. O Firmino chegou, então, perto do Bigode e desabafou:

- Eu não disse que a coisa iria acabar mal?

- Pois é, Firmino, a tua praga pegou, desgraçado!

\*\*

\*

## **15 – LAGOA VERMELHA – 110 ANOS**

**Dr. José Antônio de Andradde**

Rebusquei na memória a inspiração para homenagear esta terra no dia do aniversário do Município. Ouvi casos, contos e estórias que fizeram e fazem a própria História de Lagoa Vermelha.

Rebusquei nas histórias juvenis contadas por minha mãe, filha de um capataz da Fazenda da Inhanhã, Faustinião José Damasceno. Estórias de touros bravios e de mato assomgrado, onde ainda hoje se ouve o ronco de louros bugios, ao fim da tarde; são os motivos para homenagear esta querência, que é para mim o incêndio da alvorada, os lances do minuano bravio, as cargas do pampeiro, a charla, o mate amargo, a carne chamuscada, o pingo, a recolhida do gado e o fogo do tropeiro...

Querência da Estância Velha, és para mim o estalo da queimada, o tranco do boi manso, a cisma da tapera abandonada, o campo em flor, a estrada solita, o pialo, a marcação e os causos dos campeiros. Querência que é gente buena, a china cor de terra, o rancho no topo da coxilha, o chão que modulou o pulso forte do campeiro, que não fugiu ao combate mais rude em defesa deste chão...

Foi da miscegenação das luas andarilhas que fez-se o plasma nativo em cuja essência verde há sombras avoengas a varar coxilhas num bárbaro ritual de amor pela querência, misturadas raças do velho mundo: os Moojens, os Ferreiras, os Pereiras e tantos outros bandeirantes que se misturaram aos primitivos latino-americanos, que se tornaram <<bugres mansos>>, ao lado dos franceses, portugueses e espanhóis...



Olhando a tua rudeza na bênção pagã da brisa, ao livor das madrugadas, evoco a imagem do pampa no profeta João Maria; vejo a terra ainda virgem saída das mãos de Deus e por Ele predestinada a legendas imortais...

Nas noites de inverno, parece Alma Penada da ronda das horas mortas, enquanto o vento soluça na tabuinhas dos berais, trazendo vozes fantasmas de lá do fundo das eras...

E, por isso, minha Estância Velha – Vilinha dos Ingleses – quando miro a tua imagem, o sino da inspiração bimbalha em mim o poema das gerações que passaram, dos filhos que se foram: João Anselmo Ferreira, João Jorge Moojen; Maria Luísa Nunes, TIMÓTEO FEIJÓ, avô do Presidente Jânio Quadros; Dona Inhá, irmã da mãe do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, sua tia, integrante da família Berthier; a esposa do desembargador Manuel André da Rocha era neta de João Jorge Moojen; Alexandre Pato, patrono do CTG; Rubens Ludwig, ex-Ministro da Educação, que esteve conosco no Centenário do Município; Ana Amélia Lemos, embaixadora de Lagoa Vermelha em Brasília; Augusto Borges Berthier, ex-secretário do Governo Estadual; Deputado Idivar Francisco Appio; Vereador Octacílio Merib e tantos outros filhos ilustres desta terra...

\*\*

\*

O amargo chimarrão que sorvo tem o perfume da mata molhada pelo sereno, e a cuia, seio moreno que passa de mão em mão, traduz em seu chimarrão, em sua simplicidade, a eterna hospitalidade da gente deste rincão...

Traz na lembrança o sabor selvagem da mística beberagem do feiticeiro Caiagangue, que traduz o perfil da espada

fina e da lança nua que, encravada na coxilha, apontou firme a trilha por onde rolou a história empoeirada de glória da tradição desta gente.

Neste aniversário que festejamos, a gaita está louca de amargura, que chora como um coração partido nas mãos morenas dos gaiteiros da Estância Velha: Tio Pedrinho Vieira, Dirceu Andrade e Carlinhos Moreira... Dói uma dor profunda em seu gemido, quando a gaita se abre toda, o homem parece crucificado, implorativo, doloroso, depois se curva, ondula, vai e vem, lembra o campo, o mar, lembra o passado cruciante na tortura de gritar... A Estância Velha grita pelos filhos que partiram, fulgurantes nos céus da Pátria, de Maximiliano de Almeida, Alberto Berthier, Jorge Moojen, Gibrail Tigre, Augusto Berthier, Rubens Ludwig, Gustavo Berthier, Ana Amélia Lemos e os não menos brilhantes anônimos que levam no peito o orgulho de permanecer nesta terra.

Na evocação do passado e no presente de lutas, de esforços cotidianos para vencer obstáculos mil das primitivas famílias que aqui fizeram o apogeu primitivo do município, e político, restou-nos o exemplo de ser seguido por todos. Por maior que seja o desafio, nunca devemos esmorecer. Precisamos estar unidos e lutar pelo que acreditamos, embora exaustos, às vezes...

A Estância Velha quer ficar, a Estância Velha fica, disse eu recentemente na Câmara de Vereadores... Olho a Estância Velha e vislumbro ao longe a trilha que nos leva ao Barracão. Vejo o Lajeado dos Ivos e misturo na memória a imagem do Tio Anastácio, um negro velho já tordilho, diz o poeta que mui quebra em potrilho, hoje pobre e despilchado, de tirador remendado, num petiço douradilho. Quem visse a Estância Velha, via o Tio Anastácio, num bolicho de campanha, golpeando um trago de canha, oitavado no galpão, tinha logo a impressão que aquele mulato sério era o Rio Grande gaudério, fugindo da evolução...

A figura do Tio Anastácio se mistura com a história do meu avô, com a história da gente simples como os índios eeses que se



encontram nos galpões, e ao derredor dos fogões falam aos moços com a paciência de quem aprendeu na existência, ao longo dos corredores, alegrias, dissabores, curtidos pela existência... Tio Anastácio pra cá, Estância Velha pra lá, lutando mesmo que um piá, por toda esta redondeza, nos remendos da pobreza, entrando e passando inverno, como num trono de cerno, pelegueando a emancipação... Por isso, me dizem em todo o bolicho, onde se alegram bebendo, como se fosse uma sangria séria, em cada remendo da velha bombacha gaudária, querendo levá-la embora e, este pedaço de pago, não se vai e fica de trago em trago, pra morrer na miséria...

E, até parece mentira, minha Estância de valor, que alguém vizinho te queira morta num corredor, como matungo sem dono... Tu não estás no abandono, temos muitos companheiros que te estendem um baixeiro para o sono derradeiro. E agora que estás vivendo este momento de luta, engraxa bem teu sovêu e atira uma armada grande, pede ao Patrão Velho Buenacho, que tem seu queixo roxo e mora lá no Planalto, que olhe aqui pra baixo, onde moram estes xirus e não nos deixem abandonados como o velho Tio Anastácio, entre a ponte do Barracão com suas obras paradas e, no Lajeado, a ponte quebrada. A BR-470 precisa acontecer... E tu, Estância Velha, és nossa e nós te pertencemos. Vamos cruzar os janeiros e lutar pelo progresso e desenvolvimento de nossa terra.

Salve os 110 Anos de Município e a nossa Estância Velha.

( Discurso pronunciado em Clemente Argolo (Estância Velha) durante as comemorações dos 110 Anos de Lagoa Vermelha).

\*\*

\*





## 16 – QUINZOTE

Embora a pecuária representasse o esteio exclusivo da economia dos primitivos fazendeiros dos Campos de Cima da Serra, a agricultura teve sempre papel saliente em todas as fazendas, não para fins comerciais, mas para consumo doméstico.

Como ainda não existissem possibilidades para implantação da lavoura mecanizada, com adubação química, em toda a região dos campos gaúchos, as lavouras limitavam-se às de banhado e roças de mato.

Além do quintal e do pomar, todas as fazendas dispunham de uma pequena roça de mato, fechada por cerca de rachão ou taipa de pedra. Com adubo orgânico proveniente do esterco bovino, cultivava-se feijão, batata doce, moranga, aipim e até trigo. Este era malhado e mangual ou a pata de cavalo, no terreiro, recamado com esterco de gado e cinza.

Havia, ainda, em quase todas as fazendas a lavoura de banhado, fechada por valo profundo, destinada quase exclusivamente ao plantio do milho e batata doce, sendo pouco indicada para o feijão, em virtude da umidade do solo.

Entretanto, quase todos os fazendeiros dos Campos de Cima da Serra possuíam roça na região da serra. Serra do Pelotas, Serra das Antas, Serra do Carreiro, Serra do Forquilha...

O fazendeiro requeria posse de certa área da mata e mandava demarcar. A posse na serra em geral, tinha dupla finalidade: a cultura agrícola e o inverno do gado.

Em abril, formava-se uma comissão de peões, que seguia para a serra conduzindo uma tropa de cerca 12 cargueiros, transportando mantimentos e roupas. Iam tocando tropas de gado,



de cavalos, de porcos, que passavam o inverno na mata da serra, onde ficavam ao abrigo do frio e alimentando-se de pinhão, naquele tempo quando a floresta era um grosso pinhalão de araucárias sem fim.

No final da temporada do pinhão, os suínos, fechados em encerra, estavam bem gordos, aptos para o abate. Carneava-se ali mesmo, para fabrico de banha, lingüiça, charque... Tudo era depois transportado para a fazenda e ali consumido durante o resto do ano.

O gado, cavalos e mulas, por sua vez, findo o inverno, retornavam à fazenda gordos e reluzentes, prontos para o mercado, quando no campo, muitas vezes, morriam por falta de pastagens e pelo frio.

Na primavera, fazia-se a roça na serra. Construía-se um paiol, por vezes uma estrebaria, ao lado. Derrubava-se a mata e plantava-se o milho, não raro o feijão. O cereal crescia viçoso e abundante. Colhia-se, guardava-se no paiol e, aos poucos, ia sendo transportado em cargueiros para a fazenda.

O produto da lavoura da serra destinava-se ao consumo doméstico. Representava fator importante para a economia do numeroso pessoal da fazenda, pois, naquele tempo, tanto o campo como o gado tinham pouco valor.

A posse da serra era, muitas vezes, destinada mais tarde para algum peão que desejasse tornar-se autônomo. Após a abolição da escravatura, muitas famílias de cor iniciaram sua vida independente, livre, nessas posses de seus antigos senhores. Na atual cidade de Ipê, por exemplo, formou-se um povoado com tais famílias, dando origem à cidade, entre Vacaria e Antônio Padro.

Na imensa posse de Francisco Felipe de Paula (Chico Felipe), surgiram as cidades São José do Ouro e de Cacique Doble, fundadas por imigrantes das velhas colônias italianas. Na

posse de José Bueno de Oliveira, formaram-se as cidades de Sananduva e Ibiacá.

\*\*

\*

Joaquim Antônio Fernandes, mais conhecido pelo apelido de QUINZOTE, que residia no Turvo, no atual município de André da Rocha, tinha sua roça de serra precisamente no local onde surgiu a cidade de Veranópolis, que a princípio se chamou Roça Reiúna e, depois, Alfredo Chaves.

Filho de José Antônio Fernandes e Genoveva Luísa de Jesus, paulistas, Quinzote casou em 22-8-1852 com Maria Nunes da Silva, filha de José e Donaciana Borges Vieira Nunes, irmã de Bárbara Borges Vieira Pimentel, casada com João Mariano Pimentel, cuja família e fazenda de São João foram assaltadas pelos índios Coroados em 5-9-1851, orientados por um negro conhecido por João Grande.

José Nunes da Silva, o sogro do Quinzote, dono da fazenda São José, no Turvo, com uma área de 110 milhões de metros quadrados, teve dez filhos, conhecidos pelo apelido de Chiquitus. Dois deles tiveram morte trágica: José e Antônio.

José Nunes da Silva Filho apaixonou-se por uma filha da família fogaça, da vizinha fazenda de Sarandi, também conhecida por Fazenda Velha. O namoro não foi bem aceito e acabou em tragédia. José Nunes da Silva Filho foi assassinado e seu corpo foi encontrado oito dias depois no Poço Redondo do rio Turvo.

Para fugir da vingança, que naquele tempo era lei, a família Fogaça mudou-se para Cima da Serra, São Francisco de Paula, permutando sua fazenda com a de Ismael Nunes de Mesquita. E foi assim que em São Francisco de Paula surgiu a grande e ilustre

família Fogaça e em Lagoa Vermelha, a não menos numerosa e ilustre família Mesquita.

Alguns membros da família Nunes da Silva casaram com descendentes da família Mesquita, como aconteceu com o abastado pecuarista Demétrio Nunes da Silva que se consorciou com Ilza Lourenço Mesquita.

Antônio Nunes da Silva, por sua vez, por ocasião da partilha da herança, como filho mais novo da família, recebeu uma partilha que lhe pareceu pequena e injusta; por isso tratou de lutar a favor de seus direitos.

Naquele tempo, o juiz decidia a partilha na própria casa dos herdeiros. Antônio Chiquitu era um gigante. Alto e gordo, pesava mais de cem quilos. Forte como um touro, derrubava um boi como se fosse um guaiepeca.

Irritado com a decisão do juiz, com aquela força monstruosa, desferiu violentíssimo murro sobre a mesa de mármore, que se partiu. A seguir, entrou a surrar o magistrado e seus acompanhantes, que não tiveram outra volta senão fugir correndo, extremamente humilhados. A mesa depois o Chiquitu consertou com uma placa de prata, naquele tempo em que prata era moeda corrente. Tudo era de prata, desde os talheres até os arreios de montaria.

Está visto que as coisas, aquela surra tremenda, aquele vexame, não iriam ficar impunes. Então, um dia, partindo da vila de Vacaria, saiu uma escolta de soldados, junto com o delegado de polícia, a fim de prender o valente Chiquitu.

A escolta, andando a cavalo, durante todo o dia, só chegou à Fazenda do Barreiro, onde morava Antônio, altas horas da madrugada. Bateram na porta do rancho. Antônio levantou da cama; olhando por uma fresta, reconheceu os guardas armados.

- Quem vai lá? – perguntou.

- Gente amiga, Seu Antônio.
- Que é que vocês querem?
- Queremos falar com o senhor.
- Está bem, quando clarear o dia, eu abrirei a porta.

Antônio sentou-se à mesa, ao lado do lampião, fumando e tomando chimarrão, enquanto sua esposa, por sua ordem, continuava na cama.

O rancho era de barro. Os guardas resolveram abrir um buraco na parede. Foram abrindo com a faca, devagar, sem ruído.

Quando, pela fresta, viram o Chiquitu à luz do lampião, sentado de costas para eles, roncou o fuzil...

Fi assim que no dia 18 de fevereiro de 1883, veio a perecer o mais forte gaúcho dos campos de Lagoa Vermelha, contando apenas 35 anos de idade.

\*\*

\*

Morte igualmente trágica sofreu o Quinzote, degolado pelos maragatos durante a revolução federalista de 1893, que o prenderam a caminho da sua Roça Reiúna, juntamente com o filho Sátiro.

Quinzote, que se escapou de morrer nas garras de uma fera, pereceu às mãos das feras humanas. Um dia, andando a cavalo em seu campo no Turvo, deu com uma onça que perseguia seu gado. Como se encontrava desarmado, resolveu laçar o felino. Bom laçador, não errou a armada.

Preso, a onça investiu contra o laçador e seu cavalo. Este, dizem que por instinto de defesa, deitou-se ao solo, para evitar que

o tigre montasse a cavalo, e, montado, fugisse para longe do perigo.

Por sorte, dois cachorros da fazenda, que andavam por perto, vendo o risco que corria o seu patrão, lá se vão em sua defesa. Briga feia, que foi terminar no mato, logo que Quinzote desapresilhou o laço dos arreios.

Quando os revolucionários prenderam e degolaram o Quinzote e se preparavam para degolar o filho, este, o Sátiro, conseguiu desprender-se das amarras e deitar a correr, sendo atingido por um balaço numa perna.

Pois o Sátiro deu um grande homem, deu um capitão. Foi ele que introduziu em Lagoa Vermelha o gado Devon, trazendo-o da Fazenda Pedras Altas do Dr. Assis Brasil. Foi, ainda, quem introduziu em Lagoa Vermelha o banheiro carrapaticida, sendo, a princípio, combatido por isso. Introduziu também as primeiras sementes de eucaliptos.

Sátiro, escapando de morrer degolado pelos revolucionários, só veio a findar seus dias em 1948, com a avançada idade de 93 anos. Morreu em sua nova Fazenda de Santa Cecília, então município de Passo Fundo e hoje município de Tapejara.

Deixou numeros e ilustre descendência. Seu neto, o Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, hoje residente em Porto Alegre, foi consultor jurídico do Banco Central e do Banco do Brasil em Brasília.

Advogado, pecuarista e granjeiro, possui uma vasta e linda fazenda às margens da BR-285, no atual município de Ciríaco, entre Lagoa Vermelha e Passo Fundo.

\*\*

\*





## **17 – OS GUADAGNIN**

No dia 5 de maio de 1991, no ginásio de esportes da Associação Móveis Rodial, em Lagoa Vermelha, a família Guadagnin promoveu o 1º Encontro de todos os seus membros, em especial dos descendentes de Giácomo Guadagnin.

Giácomo, filho de Serafim e de Judite Calzavara Guadagnin, nasceu na Itália, na localidade de Trebaseleghe, província de Pádua, em 25 de agosto de 1871. Emigrou para o Brasil em fevereiro de 1889, estabelecendo-se no atual município gaúcho de Vila Flores.

Casado com Cecília Morelo, teve 17 filhos: Luís João, Serafim, Luísa, Judite, Onorata, Páscoa, Antônio (+ com três dias), Helena, Francisca Romana, Teresa, Pedro, João, Otília, Andréa, Carolina, Osana e José.

Os Guadagnin integram a legião de artífices que colaboram expressivamente no desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Rodial Francisco Guadagnin ponteia a indústria moveleira no município gaúcho de Lagoa Vermelha, como fundador e diretor presidente do poderoso Grupo Rodial, constituído de uma dezena de empresas, operando em vários Estados.

Filho do João Guadagnin, fixou residência em Lagoa Vermelha no ano de 1960, iniciando-se na indústria como empregado de Elpídio Carlos Michel. Em 1967, associou-se com Edgar Luís Stefani, fundando a firma Móveis Mobilar.

Em 1973 funda a firma Móveis Rodial Ltda., marco inicial do Grupo Rodial. Em 1974 transfere-se para o distrito Industrial, onde, em poucos anos, a empresa toma vulto, transformando-se



em gigantesco empreendimento, que conta até com um Ginásio de Esportes, o Rodialito.

Móveis Rodial Ltda. Tem como supervisor João Guadagnin, diretor industrial Heitor João Trevisol, diretor administrativo João Maria Hoffmann da Silva, diretor financeiro Ricardo Guadagnin, contador Ivan Trevisol, Ademir Trevisol (vendas).

Ao lado da matriz de Móveis Rodial Ltda., encontra-se instalada a firme Antônio Spode, firma fundada em 1966. Seus sofisticados produtos são exportados para vários continentes.

Outra firma instalada na Área Industrial I, de Lagoa Vermelha, é a GRADANY DO BRASIL S. A., sucessora de BONOTTO S. A.; Fabrica compensados e móveis, com comercialização no Brasil e no estrangeiro. A empresa Bonotto foi fundada em 2-1-1961 por Júlio César Bonotto e filhos. Em 1984, iniciou atividades sob a razão social de GRADANY DO BRASIL S. A., com admissão de novos sócios, continuando o poder acionário com a família Bonotto. São sócios, continuando o poder acionário com a família Bonotto. São sócios da GRADANY S. A.: Valtuir Ângelo Bonotto, Vítor André Bonotto, Dr. Bruno Bittencourt, Dr. Hermes Bittencourt, Edu Hoffmann Paim, Rudimar Durante e Nestor Pozza.

Na Área Industrial II, encontra-se instalada a ARTANY MÓVEIS ARTESANAIS LTDA., fundada em 1990, por Vilmar Agostinho Durante, Rudimar Luiz Durante e Dr. Ademar Antônio Bonotto.

Fundadas há mais tempo, funcionam em Lagoa Vermelha outras fábricas de móveis, entre as quais se destacam: GOMERCINDO MANENTE, ISMAEL DAL CASTELLI e PEDRO GOBBATO.

Em 1989 surgiram mais duas indústrias moveleiras: DURANTE MÓVEIS ARTESANAIS, fundada por Valdecir Durante



(diretor administrativo) , Armando Cervo (diretor financeiro) , José Alves das Chagas (gerente de vendas) , Maria do Carmo Catto (gerente de compras) , Marinês Bortolini Toledo (gerente financeiro), Josmar Belusso de Oliveira (departamento de pessoal) e Pedro Neves de Souza (gerente de produção). A empresa possui cerca de 100 funcionários e comercializa seus sofisticados artigos em quase todo o Brasil.

A segunda empresa, esta fundada em 29 de julho de 1989, é a primeira a se instalar na Área Industrial II: MOVEZAN – INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÓVEIS LTDA. Tem na direção geral o sr. Pedro Zamboto. Cerca de 50 funcionários. Produção de duas mil mesas por mês, que são comercializadas em vários Estados do Brasil.

\*\*

\*

Antônio Guadagnin remonta ao período épico das carretas de terno, êmulo de Bernardo Índio, Bordó e milhares de outros heróis anônimos que escreveram um soberbo canto da dramática epopéia das barrentas e íngremes estradas da serra do rio das Antas, que durante várias décadas ouviram gritos e blasfêmias...

Antônio Guadagnin, em 1960, com 64 anos de idade, contou ao autor a sua história, a história de sua vida dramática, da qual aprendeu, baseado na própria experiência, que <<ninguém morre de mal>>. A filosofia de certo determinismo da vida, uma espécie de fatalismo. Ninguém morre de mal, de doença ou de briga, dizia ele. Se não chegou a hora, a gente não morre. E acrescentava: E não existe ninguém melhor do que outro, mesmo que seja o mais valente do mundo, ele pode morrer estupidamente, covardemente. Basta que seja a sua hora.



\*\*

\*

Era no mês de dezembro de 1916. Eu carneava um porco. Escapou-me a faca da mão e deu em cheio no tornozelo interno do pé esquerdo. Penetrou até o osso. Mas eu não me importei. No dia seguinte, lá fui carrear para Carlos Barbosa.

Passados três dias, pousei no rio das Antas, no hotel Bresolin. O pé inchou e doía barbaridade. A perna, preta até o joelho. No tornozelo, redonda mancha amarela. Febre muito forte.

Deitei-me sobre os pelegos, na sala. Deram-me uma garrafa de petróleo para derramar na ferida durante a noite. Altas horas, a dor e a febre aumentaram de tal forma, que eu não suportava. Pensei até que ia morrer.

Comecei a gritar, a gritar, por socorro. Chamava alto: Paulo (que era o peão). Ampílio. Caetano. E outros carreteiros que dormiam no hotel no andar de cima. Ninguém acordou. Até fiquei danado com eles, no outro dia.

A febre me devorava, me queimava. Uma sede infinita. Principiei a arrastar-me de costa, para abrir a porta da cozinha e lá tomar água. A porta estava fechada a chave. Notei que a porta da frente tinha uma fresta. Aproximei-me para tomar um pouco de ar.

Por fim, não pude mais resistir de beber a meia garrafa de petróleo. Devorei-o todo, com sofreguidão... de manhã, a dor e a febre continuavam. Então, telefonaram para Bento Gonçalves, chamando o Dr. Tachinni. Ele chegou de automóvel. Foi o primeiro automóvel que eu vi. No carro vinha também o Dr. Galeazzi com a esposa, de Alfredo Chaves.



O médico examinou o pé. Examinou a perna. Abriu a ferida. O osso branqueou. Da junta saía água. O Dr. Tachinni, que devia ser então o maior médico do Brasil, disse:

- Guadagnin, eu vou agora a Alfredo Chaves levar o Dr. Galeazzi. Na volta, você irá comigo para o hospital. Devo amputar-lhe a perna abaixo do joelho. De outra forma, você terá 48 horas de vida. Isso aí é gangrena.

Fiquei pasmado. Pensei e resolvi comigo: Andar saltando com uma perna só, desgraçado, o resto da vida? Não mesmo. Prefiro morrer. O doutor não me cortará a perna, não. Isso nunca.

Daí a pouco, chegou o Marasca, irmão do revolucionário Antônio Marasca. Bombeou o pé, a perna. Contei-lhe a conversa do doutor.

- Antônio, - disse ele. – Você quer escutar um conselho? Isso aí não é gangrena nenhuma. Aposto. Isso é erisipela. Vou fazer experiência.

Pedi ao hoteleiro farinha de milho, água fria e um pano branco. Amassou e colocou na ferida: Se for gangrena – esclareceu – a farinha preteia. Se ficar amarela, é erisipela.

Não preteou. Veja – disse ele – é erisipela, no duro. Você vai a Monte Bérico. Fale com a velha Bragagnolo. Diga-lhe que chame a velha Scarpini, que mora atrás do Todeschini. Ela vai curar a erisipela em pouco tempo. E não seja bobo, indo atrás do que diz o doutor e perder a perna.

Os carreteiros mexiam com o Marasca, dizendo: Este é o Tacchini número um. O doutor é Tacchini número dois.

Chegou o médico: Então, Guadagnin, vamos?

- Doutor, - respondi – resolvi esperar um pouco. Depois eu irei de carreta.

Foi bom mesmo, porque de noite o doutor ainda estava lá no alto do morro com o carro encrocado.

O médico, no entanto, deu-me um bom remédio, que me aliviou as dores. Mandou colocar um preparado de miolo de pão fervido com leite e azeite do bom. Mudar a cada duas horas e lavar com água e creolina.

Pedi um cavalo branco e manso a um colega. Fui a Monte Bérico. A velha Bragagnolo confirmou que era erisipela e mandou chamar a curandeira Scarpini, uma velhinha de 80 anos.

Ela rezou, benzeu três vezes com aliança de ouro, vela benta, oliveira e sal. Colocou sobre brasas e defumou. Depois, mandou fazer banhos de café preto, durante três dias. E, com isso, fiquei bom. E aqui está a minha perna, que já deu muito salto e dará ainda, de Deus quiser.

\*\*

\*

Alguns anos mais tarde, vinha eu carreando. Lá pelas tantas, ao chegar na Canhada Funda, principiei a sentir dor de cabeça e febre. Parei na casa do Montemezzo. Mandei soltar os animais. Deitei-me sobre os arreios, em companhia de mais sete doentes.

Era a terrível gripe <<espanhola>>, que seguiu a primeira Grande Guerra. Passei 40 dias deitado no soalho. Criei calos e feridas nas costas. Só tomava uma canequinha de leite quente ou água misturada com vinho e açúcar, sempre quente.

Todas as manhãs vinham ver se tinha algum morto. Em quase todas as casas, era aquela tragédia. Morreu muita gente, lá por 1918.



Eu sentia dores incríveis. Pensei que ia morrer. Varava a noite rezando o Pai-Nosso, a Ave-Maria e a jaculatória: Jesus, Maria e José, eu vos dou o meu coração e a minha alma. Era só o que eu sabia de orações.

Uma noite, não agüentei mais o ardor da sede. Deixei esfriar o leite. Tomei-o frio para me refrescar. Foi pior. Deu-me uma fortíssima reação. Variei o resto da noite. Revirei os aperos. Fiz o diabo. Fecharam a porta para que eu não saísse.

Por fim, comecei a botar sangue pelo nariz. Botei tanto, que enchi uma lata de sardinha de dois litros e ainda o sangue corria pelo assoalho. Diziam: O coitado vai morrer. Mas foi a minha salvação. Melhorei. Fiquei bom. Perdi todos os cabelos, as unhas das mãos e dos pés.

Outra ocasião, numa carreteada, adoeci com febre. Pousei. Estava com fome, imensa fome. E não havia o que comer. O açougueiro, com dois negros, tentava derrubar uma vaca muito xucra para carnear. Mas não podiam derrubá-la.

Eu disse: Esses negros não prestam pra nada. Se me derem um pedaço de carne, eu já lhe sangro a vaca.

Naquele tempo, eu era ligeiro e valente. Peguei duma faca afiada. Avancei. A bicha se veio contra mim. Desviei-me das guampas. Mergulhei por baixo e cravei a faca bem no coração.

O animal berrou e tombou, nomais. Levantei uma ponta de couro e arranquei um naco de carne entre as costelas.

Assei o churrasco e comi. Aquilo me ficou no estômago. Passei muito mal. Deitei-me. Veio o farmacêutico Petinelli. Examinou, viu as unhas pretas e sentenciou: Você está com tifo preto.

E receitou banhos frios. Foi quando chegou o carreteiro Caetano Crestani: Tifo nada, Seu Guadagnin, - disse ele – você tem é cataporas.

E era a varíola mesmo. Se eu tomasse os banhos frios receitados, arrebentava em seguida... Sofri barbaridade. Enchi o corpo de bolhas. Aindaguardo as cicatrizes no rosto. Passei 16 dias sem poder caminhar, por causa das bexigas debaixo dos pés. Desta vez também perdi todos os cabelos e todas as unhas.

\*\*

\*

Duas vezes fiquei debaixo da carreta a segunda foi a última, porque larguei mão de carretear. Disse: Se é pra morrer de desastre, não será como carreteiro. Abandonei aquela infeliz profissão e fui trabalhar na roça. Até hoje.

Eu tinha, naquela vez, quebrado o breque. Numa descida, amarrei as rodas da carreta com uma corrente. Carregava apenas meia dúzia de sacos de trigo, por sorte. Com os solavancos da estrada horrível, cheia de grossas pedras, a tampra dianteira do caixão saltou entre as patas das mulas.

O burro que eu montava deu um pulo que me derrubou. Fiquei dependurado, preso com o pé esquerdo no estribo. Fui arrastado por mais de 150 metros, a regeira na mão, batendo com a cabeça e o corpo no chão, nas pedras, no barranco. As mulas corriam com tanta velocidade, que eu chegava a levantar-me até a altura do burro.

Por fim, rompeu-se a correia do estribo. E caí. A carreta passou por cima do meu corpo com as duas rodas. Arrebentei-me por dentro e por fora. Botava sangue por tudo, pela boca, pelo nariz, pela urina...

Fiquei uns dias de cama e depois andei a cavalo 40 quilômetros para me tratar no hospital.

\*\*

\*

No final da primeira festa em Cascais do Araçá, o quarteirão, já meio embriagado, disse: Os sócios dessa Capela não valem nada. Qualquer dia, eu tiro os santos da igreja e faço dela uma estrebaria para animais.

Não gostei da palavrada e protestei: Eu não devo nada a ninguém e nem à igreja.

- Eu não falei com você – respondeu.

- Mas eu também sou sócio e você me ofendeu com essas besteiras.

O comissário pegou o copo, encheu-o de vinho e tomou. Chegou a minha frente, quebrou o copo em cima da mesa, gritando: Quero ver qual é o desgraçado que me insulta.

Não aguentei. Vibrei-lhe violentíssimo soco na cara, abrindo-lhe um corte na face direita, abaixo do olho, e derrubei-o no chão. Depois agarrei-o pela barriga, reaguei-lhe a camisa, cravando-lhe as unhas na pele. Ia levantá-lo, mas ele se agarrou na mesa.

Pra quê? Nossa Senhora! Começaram a voar copos e garrafas na minha direção. Corri pra fora a fim de pegar o facão nos arreios da minha égua. Espocaram tiros, as balas sibilando sobre a cabeça...

Retirei o facão às pressas. O animal se assustou e largou-me dois coices. Mas não me acertou, porque me deitei.





Aí a turma caiu em cima de mim, acalcando. Um meteu-me a adaga. Eu gate-ei com o corpo. A lâmina passou raspando a perna, rasgando a calça de cima à baixo.

Vibrou de novo a adaga. Com movimento rápido, me defendi. Mas rasgou a outra calça. Terceiro golpe rasgou-me a camisa no braço.

Até que atingi o adversário com o facão, abrindo-lhe um talho numa perna. Levantei-me, distribuí outro golpe certo na mão de um parente do quarteirão, derrubando-lhe a pistola no chão.

Balas continuavam zumbindo no ar, eu me defendia atrás de um moço parado no meio do entrevero. Uma bala passou raspando a bota. Mas não recebi uma ferida sequer. Nem um arranhão. Nada.

Depois desta, eu me convenci de que, não sendo na hora, é bobagem, a gente não morre. Não é mesmo?

## **18 – O COMBATE DA ENCRUZILHADA**

O Dr. Borges de Medeiros, <<após 20 anos de governo obscuro e ineficiente>>, foi reeleito com fraude, derrotando o Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil. A reação tornava-se imperiosa e urgente.

Imperando no Rio Grande do Sul o espírito beligerante da Revolução Federalista de 1993, criava-se agora ambiente para implantação de novo movimento revolucionário. A revolução teve início em Passo Fundo, no dia anterior à posse do Dr. Borges de Medeiros, que retomava as rédeas do governo no dia 25 de janeiro de 1923.

Foram nove meses de revolução, que passou para a história com o nome de Revolução de 23. Nela repetiram-se os desmandos e degolas da Revolução de 93. Feriram-se sangrentos combates, sendo o principal o da ponte do Ibirapuitã, em Alegrete onde o General Governista Flores da Cunha ordenou a degola de mais de uma centena de inocentes. No dia 13 de setembro, no Combate da Fazenda dos Quatro Irmãos, na região de Getúlio Vargas, as Forças do Gen. Felipo Portinho fizeram mais de uma centena de vítimas.

Outro sangrento combate ocorreu no dia 21 de setembro de 1923, na localidade hoje conhecida de São Sebastião, perto da casa Comercial de Flamínio Moreira Leite, há 12 km da cidade de Lagoa Vermelha.

Neste confronto, pereceram quase 100 legalistas, sendo que 35 foram degolados.

Terrível armadilha fora organizada por Portinho, contra o Gen. Francisco de Paula Feijó, comandante do Corpo Provisório de Guaporé, acampado na Extrema, no atual município de Esmeralda.

O Gen. Firmino Paim Filho, comandante governista do Nordeste do Estado, depois do combate de Quatro Irmãos, partia em perseguição de Portinho, que marchava à frente de 1200 revolucionários, rumo à Vacaria.

Ao atingir a localidade de Três Pinheiros, Manoel Fabrício Vieira, da força de Portinho, da casa do comerciante Pantaleão Cardoso de Aguiar, telefona ao Gen. Feijó usando o nome de Paim Filho, pedindo que atacassem um piquete de maragatos mal armados que seguia rumo de Vacaria.

Ao atingir a Encruzilhada, Portinho oculta a cavallhada nos matos adjacentes e manda um piquete de 40 homens, armados apenas de revólveres, a fim de provocar os legalistas de Feijó.

Estes, vendo aquele frágil punhado de maragatos armados só de revólver, investem furiosamente, caindo na emboscada, recebidos por violento fogo de metralhadora e fuzil, por trás de taipas, matas e barrocas.

Foi uma chacina! A certa altura, Portinho mandou cessar fogo, para não liquidar com cerca de 150 soldados de Feijó.

Este foi ferido e seu filho, um capitão, caiu prisioneiro, junto com 40 soldados, todos filhos de colonos de Guaporé. Então, João Maria Balen, obteve de Portinho permissão de soltar aqueles bons rapazes. Deu a cada um 1 espeto de churrasco e um pão, ordenando que voltassem a Guaporé Via Turvo e Nova Prata.

\*\*

\*



O autor entrevistou vários ex-combatentes da Encruzilhada, de ambas as facções. Os irmãos Ramiro André Hoffmann Godinho, de muitos capões, incorporaram-se na força de Feijó.

Ramiro, que era um poderoso criador de gado Charolez, declarou: <<no combate, o Gen Feijó ficou ferido. Aí retirou-se. Foi a nossa sorte. De outra forma, nós morreríamos todos. Feijó retirou-se e nós corremos todos em debandada, acossados por uma linha de frente que se formou na hora>>.

André Hoffmann Godinho, o Deco, disse: <<no dia 20 de setembro, de tarde, estávamos na Extrema, todos a cavalo. O Gen Feijó disse então que queria 150 voluntários para combater. Pediu que apeassem. E nós, uns 150 rapazes, apeamos. E seguimos rumo da Encruzilhada. Passamos a noite no capão do falecido Biriba.

Quando anoiteceu (é pra ver como o bicho adivinha) toda aquela animalada relinchava a noite inteira, e as mulas orneavam sem parar, a noite inteira. Parecia que soubessem que no dia seguinte iriam morrer quase todos>>.

Diz André que por pouco não morreu. Chegou mesmo a ver quando um maragato de Lagoa Vermelha degolou um prisioneiro, tendo-lhe antes queimado a barba. Aquela cena o revoltou.

Perdeu o cavalo e voltou para a casa a pé, atalhando pelos campos e mergulhando pelas águas do rio até o pescoço e segurando o fuzil com as mãos levantadas.

\*\*

\*

Maurício Alves Hoffmann (1891-1977) nos conta: <<O capitão Felipe Barreto, sogro de Crescêncio Ferreira, disse à mim e a meu cunhado Basílio Lima: Olhem vocês vocês vão atender a chimangada morta que tem por lá. Lá ficou muito chimango morto. Vão sepultar pros bichos não comer.

Aí fomos sepultar os mortos. Eu e mais um rapaz vizinho meu, e um homem velho, o João Maria, tio do Amantino Nunes, que é meu genro. Meu cunhado Basílio não quis vir. Era homem muito nervoso.

Na encruzilhada, no campo, à direita de quem vem de lá, tinha quatro mortos. E um pro lado de cima. O primeiro que nós achamos, um negrão muito grande, o cabo Amorim, degolado.

Mais pra cá um pouquinho, tinha outro, um sargento, o sargento Firmino Grande, também degolado. Depois um mocinho bem louro, que tratavam de Polaquinho.

Tudo que estava ferido, os carrascos degolavam. Degolavam sem o Portinho saber, que ele não deixava. O carrasco, o rei dos bandidos, era o Paes Leme. Outro era do Butiá Grande, um tal de Pinheiro Machado.

Então estava lá o Firmino Grande ferido. Chegou o Ramiro Moreira Leite, irmão do Flamínio e mais velho, diz Firmino Grande:

- O senhor me varia. Estou baleado, não posso caminhar. Me defenda da morte.

E o Ramiro: O que é que vou fazer, amigo? Me dá o seu revólver (era um 38 muito lindo).

- Mas o senhor me acuda? Por favor, me atenda.

- Sim, eu já atendo. Eu já volto. Eu te acudo.

Nisto vem o carrasco e diz: O que é que está fazendo aí, vizinho?

- É, tou baleado, não posso caminhar.

- Bom, isso nós já curamos.

- Não, por amor de Deus, não me mate.

- Deus agora está no céu, não está aqui com nós. Você vai ter que estar descansando.

- Mas então, pelo leite de sua mãe, que o senhor mamou, não me mate.

- Ah, meu amigo, eu fui criado guaxo, não sei que gosto tem leite de mãe.

Ele estava sentado. Derrubou assim. Virou de bruços. Pegou os cabelos com uma mão e com a outra degolou...

No fundo da casa do Nei Lourenço de Lima, tinha outro tenente, Manoel Camargo, de Bom Jesus. Não estava degolado. Mas estava sem roupa, apenas uma cuequinha. Aquela gente estava toda sem roupa. Tiravam os sapatos, as perneiras, botinas, meias, tudo.

Mais adiante, tinha mais cinco. Tinha um pra cá do portão na fazenda do Seu Amândio Nunes, um capãozinho. Tinha um morto na estrada. No subir da coxilha, pra cá do cemitério, tinha dois.

Na ponta do capão do cemitério tinha mais um, dentro do mato, bem na beiradinha. E pra lá da fazenda do seu Amândio, tinha mais um. Adiante, tinha mais cinco.

Na frente da casa do Seu Ramiro, agora me parece, não quero dizer, mas parece que achamos nove ou onze. O Flamínio Moreira arrumou mal o Sargento Manoel Camargo, de Bom Jesus. Os bichos estavam comendo. Daí veio o irmão dele, de Bom Jesus. Veio para matar o Flamínio, mas com a intervenção de amigos, pra cá, pra lá, não mataram. Mas aconselhou:

- Vocês arrumem ele bem direitinho, senão nós voltamos aqui. E nós voltamos aqui, vai dar revolução.

Eu até estava lá, eu e o vizinho, o falecido Raimundo Mendes, quando eu vi aquele projeto de piquete armado, um tenente ou sargento, irmão do morto, eu disse: Isso não vai prestar. E o velho Raimundo: É, parece que não vai mesmo.

Aí rapemos. Ele arrumou bem, com pedacinhos de grama tipo tijolo, um jazigozinho, muito bem.

Vi as forças do Governo marchar na frente, metidas em três fogos, queimando campo para não enxergarem. Uma vanguarda dos Maragatos, atirando atrás e outra do lado.

Cada pouco ficava um cavalo encilhado. O cavaleiro onde está? Foram pros matos ou batendo em casa dos fazendeiros. Daquele corpo provisório de 300 homens, dizem que sobrou trinta e poucos.

O Flamínio não apareceu lá para enterrar os mortos. Era eu e o Fortunato, um índio velho que ainda vive adiante do Capão Bonito. Esse foi que me ajudou.

O enterro era lá onde estava o morto. Um por um. Deu trabalho. O dia inteiro. Instrumento ruim. Um que estava meio ajeitado, perto de uma barroca, nós deitávamos lá dentro. Pegava uma vara, rachava pelo meio, fazia uma cruz e fincava lá, provisória. Ainda estão por lá. Os proprietários do campo não se importavam. O que estava no campo do Amantino se enxerga na coxilha do cemitério.

Os que estavam sepultados nas barrocas, quando chovia ficavam logo descobertos. Vinham os corvos, os porcos, e comiam. Então os vizinhos iam deitar umas pazadas de terra.

O filho do General Feijó foi preso. Portinho, antes de entregar ao pai, no Hotel Gasparetto, em Vacaria, levou na casa do velho Antoninho França, tio do Amantino Nunes, lá onde mora o Seu Balduino Nunes. Entregou dizendo:

- Me atenda este moço. Atendam bem, que é pessoa de futuro.

- Não tem dúvida – respondeu o Seu Antoninho. – está garantido.

O capitão Felipe Barreto apresentou então o general Portinho à mulher do França, uma velha caipira:

- Aqui lhe apresento o general Portinho.

Ela, admirada, olhou o general da cabeça aos pés, muito alto, e disse:

- Ah, sim senhor. Muito bonito, general Portinho! Mas é um Portão!...>>

\*\*

\*

Quando, no dia seguinte ao combate, o Gen. Portinho, num gesto de admirável cavalheirismo, foi ao Hotel Gasparetto, onde estava hospitalizado o Gen. Feijó, conforme nos relatou o fazendeiro André Hoffmann Godinho, que estava presente, quando entregou o filho, o general legalista, como para se desculpar do frustrado ataque, que desfalcou o Corpo Provisório de Guaporé, puxou do bolso um telegrama do general Paim Filho, ordenando a atacar um piquete mal armado de maragatos. Exibiu então ao chefe revolucionário aquele documento.

Como sabemos, tratava-se do falso fonograma que dos Três Pinheiros Manuel Fabrício Vieira expedira em nome de Paim Filho.

Conforme contou ao autor o ex-combatente revolucionário João Carpes Ferreira (1920-1973), após o combate sepultaram os



mortos em número de 38 num forje grande que ainda existe na Encruzilhada e que foi fechado com uma cerca de arame.

Severina Lourenço de Lima Bonaldi depôs para o autor: <<A briga começou de manhã e foi até às 11 horas. Na frente da casa da minha mãe, ficaram 12 mortos. Uns duzentos cavalos mortos, empilhados...>>

Como sabemos, no dia 22 de setembro, Maurício Alves Hoffmann sepultou quase 40 corpos, sendo 35 degolados. Com isso, no combate da Encruzilhada pereceram cerca de 80 legalistas, enquanto os revolucionários tiveram apenas uma baixa, um rapaz de 15 anos, Alcino Borges, que ficou ferido e foi morrer em casa de sua mãe, em Coxilha Grande, Vacaria.

Um célebre historiador, que fazia parte do Corpo Provisório de Guaporé, escrevendo a história da Revolução de 23, declara que no combate da Encruzilhada houve apenas 15 mortos...

\*\*

\*

## **19 – GRANJEIRO MODELO**

O poema de esmeralda que canta festivo sobre as coxilhas de Lagoa Vermelha e de seus municípios vizinhos, vai-se transformando numa ridente epopeia de ouro – a epopeia bíblica dos trigais. Mais alguns anos nesse ritmo de transformação dos campos, e o nordeste gaúcho será uma imensa lavoura, uma sucessão pitoresca de quadros de ouro ondulante, lindamente emoldurados pelos capões de negros pinheiros e pelas restingas de mata que ensombram rios e sangas.

Resolvemos penetrar hoje nos segredos de uma das tantas granjas tritícolas que, no tempo da colheita, circundam de um cinturão dourado a cidade serrana de Lagoa Vermelha.

Dia 26 de maio de 64 era um domingo de sol, convidando para a festa da padroeira do povoado de Capão Bonito, Nossa Senhora do Caravágio. Capela fundada por famílias de origem italiana, vindas de Caxias do Sul, tendo à frente Bolsonello, Boff e Seben. Meia dúzia de famílias que integram o lugarejo fundado por tropeiros paulistas. Anísio Vieira, o festeiro, elegantemente trajado, ao lado de sua linda esposa, dir-se-ia um dos fazendeiros mais ricos destas bandas. Entretanto, quem era esse ativo e simpático festeiro? Nada mais do que um simples empregado de uma granja tritícola, empregado do sr. Raul Feijó.

Capão Bonito, a 20 quilômetros da cidade, é um garrido povoado, lindo como o seu nome, que se origina do capão que negreja perto, hoje todo cercado de lavouras de trigo da granja desse vereador, criador e triticulor. Povoado de passado convulso, teatro de rudes entreveros revolucionários, pitoresco e florido povoado, onde há jardins, presídios pelo jardim mais florido do município, o jardim de D. Laura Feijó, esposa do quidiário em



estufa, este povoado ergue-se senhorilmente sobre a campina ondulada, semeando seu casario de madeira por entre a régia esbelteza de negros pinheiros-araucárias.

Durante o churrasco da festa, um dos sanfoneiros, o sr. Pedro Vieira, o rei da gaita de botão, ao par do Sr. João Alexandre de Góis Vieira, diz-me: Capão Bonito é um encanto. Um povoado simpático e unido, que vive alegre e feliz. E sabe porquê? Porque aqui reside um líder, que é o sr. Raul Feijó. Raul Feijó, vereador, criador, patrão do CTG <<Alexandre Pato>>, mora aqui, no Capão Bonito, há mais de 20 anos. Faz dez anos deu início a uma pequena granja de trigo e ao cultivo de pastagem artificial.

Principiou com um trator, auxiliado pelo cunhado Nelson Berthier. De ano em ano, sua empresa foi se agigantando, possuindo hoje (1964) seis tratores, duas colheitadeiras automotrizes, caminhão, carroções, camioneta, automóvel, cinco arados, três grades, três plantadeiras de batatas, uma colheitadeira destas, quatro sulfatadeiras, uma máquina seletora de trigo, moinhos, galpões...

Na última safra, colheu 3300 sacos de trigo, 5000 de trigo mourisco, mil de cevada, 9000 mil caixas de tomates, 2000 sacas de batatas; cenouras, repolhos, cebolas, flores...

No corrente ano, está semeando 600 sacos de trigo, numa de mais de 500 hectares, com uma despesa superior a 60 milhões de cruzeiros velhos (na época), sendo 30 milhões em adubo, 18 milhões em semente e o restante em combustível, mão de obra, máquinas...

\*\*

\*



Mas, tudo isto não é lá tão raro e admirável. O que faz com que Raul Feijó seja um granjeiro modelo, digno de ser apresentado ao Brasil e ao mundo inteiro, é o seu extraordinário comportamento cristão e patriota diante da questão social. Ele traduz na prática as incíclicas papais **Mater et Magistra e Populorum Progressio**, demonstrando que detém as características profissionais de um autêntico homem de empresa – honestidade, sólida competência e sentido social.

Excluindo os dez empregados que trabalham em sua granja sob as ordens de dois japoneses, mediante notável contrato de parceria agrícola, Raul Feijó possui cinco operários que labutam com ele desde o início de sua empresa.

Eram todos solteiros, pobres, sem meio algum de estabilidade, não tendo sequer onde morar. Casando, receberam do seu patrão, doação por escritura, terreno de cinco hectares, casa de moradia e tudo o mais de que necessita uma família para viver bem, não faltando a assistência médica e a instrução dos filhos. O senhor Anísio Vieira, do qual falamos, tem um filho estudando em Pelotas.

São 60 pessoas dependendo deste patrão, patrão que podendo viver no conforto da cidade, prefere continuar morando no campo, no meio de seus operários, que se sentem felizes e confiantes com a presença contínua de tão atencioso chefe. Não houve até hoje uma só desistência de seus operários, nenhum deles foi despachado, nenhuma questão trabalhista, o que faz com que novos candidatos se apresentem continuamente a este granjeiro. Os empregados que moram na casa do seu Raul Feijó, comem na mesa do patrão. Estão sempre contentes, embora o trabalho seja duro e sem descanso. Apesar do apuro do serviço, entretanto, na granja nunca se trabalhou em domingo e dia santo.

\*\*

\*

Todavia, não é sem aborrecimentos e insônias que o nosso granjeiro vai levando a sua empresa avante. Diz o senhor Raul Feijó que a Carta de Brasília é algo maravilhoso que abre perspectivas promissoras para o homem do campo. Entretanto, os benefícios preconizados por ela ainda não começaram a chegar.

O granjeiro, é verdade, pôs a mão a obra, adquiriu trator e demais implementos, graças ao financiamento do Banco do Brasil. Não existisse essa providencial medida governamental, nossa agricultura mecanizada encontrar-se-ia na estaca zero.

Mas a política agrária precisa completar sua colaboração aos triticultores, para debelar o monstro inflacionário que devora anualmente cerca de milhões de dólares.

Vejamos o que se passa com o senhor Raul Feijó. Para corrigir a acidez do solo, ele necessita de calcário, na proporção de três quilos por hectare, isto é, 1500 toneladas. Pois bem, na última compra deste corretivo, de acordo com o plano do FUNFÉRTIL, o pagamento seria feito dentro do prazo de dois anos. Sabe-se agora que esta região não é mais possível adquirir calcário com pagamento de, pelo menos, cinco anos de prazo. Acontece, entretanto, que a cobrança foi-lhe executada no primeiro ano, logo após a entrega do cereal.

Raul Feijó adquiriu a última automotriz com financiamento de 70% e pagamento em cinco prestações, sendo a primeira, no prazo de um ano. No entanto, foi compelido a pagar a metade do valor no primeiro ano.

Entregou este ano cerca de cinco mil sacos de trigo mourisco à cooperativa, recebendo o pagamento de uma pequena parcela. O restante do pagamento, efetuar-se-à somente após a comercialização do cereal.



Agora veja o que acontece. O granjeiro necessita imperiosamente de muitos milhões para calçar seus tratores, reformar as máquinas, pagar adubo, combustível, semente. Não dispõe de financiamento na hora para saldar tantos compromissos.

Deve, então, lançar mão do empréstimo dos agiotas, pagando juros exorbitantes. Isto para não parar com sua empresa. E, assim, o lucro de anos de suores vai parar todo nas mãos desses aproveitadores.

Mais. O senhor Raul Feijó entregou à cooperativa mil caixas de semente de batata inglesa. A semente não teve comercialização. Uma deteriorou-se, outra voltou para o dono, causando-lhe um prejuízo de 10 milhões de cruzeiros.

Além das condições climáticas, que nos últimos anos têm castigado rudemente nossos tricultores, estes e outros percalços provocam dores de cabeça ao granjeiro. O senhor Raul Feijó, mais uma vez, pensou em diminuir a sua produção ou mesmo em para com sua empresa rural. Ele tem condições de parar. Ele pode parar. Mas ele pensa na economia nacional, pensa nos milhões de divisas resultantes da importação de trigo. Pensa nos seus operários. Pensa nas suas famílias, nas 60 pessoas que dependem dele...

Nenhum de seus operários, tendo mesmo 20 hectares de terra, trabalhando por seu braço, pode viver como vive agora, integrado como está na obra do seu bondoso patrão. Absolutamente, não pode.

Para acompanhar o ritmo sempre mais acelerado da civilização, do progresso, para não prejudicar seus operários, Raul Feijó sabe que não pode estacionar, pois seria retroceder. Por isso deve aumentar a produção todos os anos. Adquirir novas máquinas, mais terra, mais semente.

A semente que o senhor Raul Feijó adquiriu este ano por 30 cruzeiros, é a mesma que ele vendeu por 18. Teve, pois, sem

contar a despesa do transporte, um prejuízo de mais de 7 milhões de cruzeiros. Perguntamos: esta política é para ajudar a triticultura ou para prejudicar? Se o granjeiro não entrega a semente e não compra, não tem direito a financiamento.

Diz o senhor Raul Feijó: Nós vivemos na esperança de melhores dias. Confiamos que cheguem estes melhores dias.

(Correio do Povo 10-06-1964)

## **20 – GRANJA TRÊS PINHEIROS**

Eram três imponentes pinheiros, erguidos, regiamente, soberanos, no descampado da campina, em fulgurante missão decorativa.

Sozinhos, sem outro vulto arbóreo, gigantescos, seculares, dispostos em forma de triângulo, emprestavam à paisagem deserta, na amplidão do pampa, um sublime poema bucólico de fantástica beleza.

Da mesma altura, iguais no tamanho e na forma, o estípite reto, esbelto, sem nenhum galho perdido, a macular a impressionante formosura, o tronco caprichosamente torneado, a sombrinha da copa airosamente redonda, aberta lá no alto, os três pinheiros atraíam a atenção de quantos cruzassem por aquelas paragens.

Os bandeirantes que ocuparam estas vastas campinas, batizaram o lugar com o sugestivo e poético nome de Três Pinheiros. A fazenda, a imensa fazenda presidida pelas três soberbas araucárias, ficou até hoje conhecida por Fazenda Três Pinheiros.

Durante longos anos, os três pinheiros, expostos à inclemência das intempéries no seu isolamento do descampado, resistiram galhardamente à fúria iconoclasta dos tufões e dos temporais, até que, um dia, na década de 1950, um deles. Ficaram apenas os dois companheiros da paisagem deserta, os quais, todavia, imitando o exemplo do primeiro, foram tombando, não resistindo sozinhos, solitários, aos insultos selvagens da ventania desabrida, na amplidão da campina gaúcha.





Hoje, naqueles campos da Fazenda dos Três Pinheiros, já não pasta a gadaria, que também se alimentava, no inverno, dos pinhões da três araucárias. Nos seus campos, em todos os campos da Fazenda dos Três Pinheiros, atualmente, lourejam os triguais e verdejam as sojas e milharais.

Grande parte daquela antiga fazenda é ocupada pela Granja Três Pinheiros, a qual, como a fazenda, possui atraente história, que merece nossa atenção.

\*\*

\*

Antigamente, no tempo das Missões Jesuíticas, segundo consta, teria sido fundada na fazenda dos Três Pinheiros, uma Redução com o nome de Conceição, nome que se conserva até hoje na evocação da padroeira da Capela dos Três Pinheiros, dedicada à Nossa Senhora da Conceição.

Na volumosa obra <<A diocese de Vacaria>> deste mesmo autor, lê-se:

<<Segundo testemunho de antigos moradores da localidade de Três Pinheiros, atual município de Ibiaçá, conforme pesquisa do Padre Olímpio Pagnoncelli, que por vários anos prestou assistência religiosa à população local, existia aqui uma Redução Jesuítica, cujas ruínas podem ser vistas ainda hoje, nas proximidades do passo velho do rio Forquilha.

O nome desta Redução era CONCEIÇÃO, nome, aliás, da Capela dos Três Pinheiros. A Redução era de índios Guaianás, isto é, Caingangues. Entre o rio Forquilha e o rio Passo Ruim, existe uma bela e vasta região de campos nativos, cercada de matas, algo parecido com o Campo do Meio, que era o Potreiro Grande da Redução de Santa Teresa.



Esta redução parece condizer com a citada no livro de Ítala Irene Basile Becker <<O índio Kaingangue do Rio Grande do Sul>>. A autora cita Francisco S. G. Shaden em <<Índios, caboclos e colonos, páginas de etnologia, sociologia e folclore>> - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, da Universidade de São Paulo.

Eis a citação: <<No tocante à pacificação dos índios Kaingangues do RS, na época colonial, cumpre salientar, com um dos fatos mais importantes, o estabelecimento de uma redução jesuítica no alto curso do Uruguai. Ficava no território dos Guandanás e tinha o nome de CONCEIÇÃO. Diz-se existir ainda, perto do Forquilha, as ruínas deste estabelecimento fundado em 1630, no qual, segundo os cronistas se teria aldeado um total de 3000 índios. Não tivemos possibilidade de verificar a data em que deixou de existir esta grande redução>>.

Segundo declarações do Padre Olímpio Pagnoncelli, os antigos moradores de Três Pinheiros tinham exato conhecimento desta redução jesuítica, atendida por mais de um padre>>.

\*\*

\*

O primeiro proprietário da Fazenda Três Pinheiros, um vasto latifúndio de 158 milhões de metros quadrados, foi Francisco Alves do Amaral, major da guarda nacional, que, a seguir, vendeu-a ao alferes José Francisco de Oliveira, o popular e folclórico Jeca Cabeça, casado com Maria Filomena Xavier e pai do Cap. João Dalmácio de Oliveira e de Elias José de Oliveira, um dos membros da primeira Câmara Municipal de Vereadores, Que governou Lagoa Vermelha a partir de 26-1-1883.



De acordo com as declarações do seu parente Adão David de Oliveira a este autor, José Francisco de Oliveira marcava anualmente 4000 terneiros. Guardava o dinheiro de ouro e prata em barricas. Quando viajava para o comércio de mulas, que adquiria na região das Missões e vendia em São Paulo, na feira de Sorocaba, costumava transportar o dinheiro em canastras presas ao cargueiro. Disponha de senzala de escravos, com vários casais para criação de escravos, que vendia por uma libra o negro de perna fina e por uma onça o de perna grossa.

José Francisco de Oliveira vendeu, por 105 contos de réis, a Fazenda dos Três Pinheiros à João Fagundes de Souza.

Maria Fagundes de Souza, filha de João, era solteira e necessitada de cuidados médicos, quando o farmacêutico português Benjamim Leite Machado esteve em visita à família, no exercício de sua profissão.

Benjamim, antes de fixar-se no Rio Grande do Sul, exercera a profissão de farmacêutico na Marinha Portuguesa. Costumava, em geral, ministrar medicamentos preparados por ele mesmo.

Agora, tratando a filha do rico fazendeiro João Fagundes de Souza, acabou simpatizando com ela, com quem contraiu matrimônio.

Por morte da esposa. Dona Maria Fagundes de Souza, Benjamim herdou parte da Fazenda dos Três Pinheiros, uma área de 17.732. 000 metros quadrados de campo e mato, com muito pinheiro.

Benjamim, que veio à falecer no hospital de Sananduva, não tinha filhos, ficando seus bens para o irmão Boaventura Leite Machado, que era casado com Ermínia Botelho Machado, tendo vários filhos, entre os quais: Adriano, Fernando e José, os quais, com a morte do pai em 1958, tomaram conta da fazenda, transformando-a numa granja imensa.

Adriano casou com Alzira Lurdes Bonotto, que são pais dos filhos: Sérgio, Jorge, César Augusto e Adriana.

Sérgio consorciou-se com a psicóloga Simone Dolzan, filha do agropecuarista Pedro Dolzan, falecido no corrente ano de 1991. Dois filhos: Sara e Gustavo.

Jorge casou com advogada Olinda Grazziotin, tem um filho André e está em vésperas de outro.

César Augusto, finalista do curso universitário de agronomia, veio à falecer em 8-11-85, com apenas 23 anos.

Adriana, experiente supervisora da granja Três Pinheiros, tem curso de administração de empresas e é mãe de Diana e Henrique.

Fernando Castro Botelho Machado, filho de Boaventura Leite Machado, casou com Nilze Paim de Abreu, irmã do juiz federal Doutor Nylson Paim de Abreu. Filhos: Fernanda, Laurene e Alex.

Fernanda casou com Volmar Moresco, tendo os filhos: André Luís e Rafael. Laurene casou com Antônio Augusto Rodrigues Alves, tem o filho Paulo; Alex, solteiro, é estudante.

José Botelho Machado, filho de Boaventura, o popular Zeca, uniu-se em matrimônio com Selina Trentin Camargo; tem quatro filhos: José Augusto, Cristiano, Monique e Maitê.

Depois de trabalharem juntos na fazenda, Adriano, Fernando e José formaram firma própria com agropecuaristas. Fernando, exímio mecânico, aposentou-se como funcionário da Massey Ferguson.

Adriano e família fundou a granja Três Pinheiros Ltda., que foi se agigantando, transformando-se numa das maiores empresas da região, com produção, armazenagem e beneficiamento de sementes de trigo, soja e milho, comercializadas em vários estados do Brasil e no estrangeiro.



Possui dois conjuntos de armazéns graneleiros, um na fazenda e outro, mais recente, na cidade de Lagoa Vermelha, nas margens da BR-285. A firma conta com cinco fazendas nos municípios de Lagoa Vermelha, Sananduva e Ibiacá.

Adriano e família, proprietários da fazenda Três Pinheiros, depois de morar anos no interior, passaram a residir na cidade de Lagoa Vermelha, uma vasta mansão a mais sofisticada, onde não falta sequer uma piscina térmica.

Adriano e Alzira possuem uma história interessante, que este autor em 1961 no livro <<Semblantes de Pioneiros>>, há muitos anos esgotado. Vale a pena reler este belo conto.

\*\*

\*

Adriano imigrara de Portugal. Viera com os pais e dois irmãos, a convite de um tio, rico fazendeiro no Rio Grande do Sul. A fazenda de várias dezenas de milhões de campo nos Três Pinheiros, passaria a pertencer-lhes como herança.

Era um rapaz de estatura mediana, elegante, louro, rosto oval, 17 anos. Em Braga, sua terra natal, freqüentara o liceu. A partida para o Brasil provocou a suspensão dos estudos. Mas possuía já certo preparo cultural e fina sensibilidade. Inteligente. Poeta. Romântico.

Principalmente poeta. Amava apaixonadamente a natureza. Nas horas vagas, quando estudante, era visto a passear pela floresta do Bom Jesus do Monte. Sabia-lhe bem aquela sensação de frescura. A sombra dos pinheiros, dos carvalhos, das faias, das azinheiras, dos eucaliptos.

Às vezes, sentava-se numa pedra, sob a ramada do bosque, pensativo, escutando o silêncio da solidão. Um cuco soltava, de quando em quando, o seu canto onomatopaico. Pardais



chilravam... Entrevia, lá embaixo, a cidade de Braga, a Roma Portuguesa, com seus vetustos templos.

Uma tarde, notou ruído de automóvel, ao pé do monte. Uma batida de porta de carro. Adriano já sabia. Eram turistas que visitavam o Santuário. Subiam a pé a longa escadaria, a estrada do Calvário, com capelas, as lindas e enormes imagens que representavam as cenas das 14 estações da Via-Sacra.

Apurou o ouvido. Percebeu o sotaque brasileiro. Pensou no Brasil, no tio da Fazenda em Três Pinheiros. Lá também há pinheiros. Dizem que são maiores que os europeus. Vira-os em revistas em postais. Como serão mesmo os pinheiros do Brasil?

Três Pinheiros. Pinheiros... Como ele gostava dos pinheiros. Era a árvore da sua predileção. Amava os pinheiros de sua terra. E os pinheiros do Brasil? Quando os veria? Pensava na promessa do tio. Sim, ele iria para lá, conhecer aquelas terras, amar aqueles pinheiros do Rio Grande do Sul.

Numa dessas incursões pelo monte, Adriano, lá bem no alto, junto do Santuário do Sameiro, contemplava a amplidão. Panorama de rara beleza. Cidades, vilas e aldeias. Lavouras, vinhedos, olivais. Alongava olhar para o sul. Mal lobrigava tênue faixa escura à confundir-se com o céu. Era o mar. O mar lembrava-lhe o Brasil.

De repente, viu um carro grande, de luxo, que vinha se aproximando. Reconheceu a placa do Brasil. Leu: distrito federal. Era uma família que viajava pelo país. Um senhor, de terno claro, saiu do automóvel e dirigiu-se para Adriano.

- Por favor, moço. O santuário está aberto? Pode se visitar?

- Está, sim, senhor. Podem entrar. Vamos lá. Mas, ainda que mal pergunte, são do Brasil, não é?

- Somos do Rio de Janeiro. Vim trazer a família para conhecer as santas terrinhas. Eu sou natural de Viana do Castelo.

- Lá também – falou Adriano – tenho no Brasil um tio. No Rio Grande do Sul. É fazendeiro. Para lá irei um dia. Se Deus quiser.

\*\*

\*

Enquanto conversava, Adriano acompanhou a família na visita ao Santuário. Recordou-se da fazenda do tio. Sentiu vontade de perguntar o que seja uma fazenda. Não quis, todavia, mostrar-se ignorante das coisas de seu tio. Não possuía idéia exata de fazenda. Imaginava uma enorme propriedade rural. Uma espécie de Herdade. Um monte. Nada mais.

Ao regressar à casa, dizia consigo mesmo: Oxalá encontre hoje carta do tio. E encontrou mesmo. Os pais e os irmãos pulavam de contentes. Acabavam de receber, enfim, o tão suspirado convite, a tal carta de chamada, que lhes permitia emigrar para o Brasil para ficar morando lá.

Deveriam partir imediatamente. Dois meses de preparativos. E adeus, Portugal... A bordo do <<Vera Cruz>>. Muitas lágrimas, na hora do embarque. Lenços abanando. Um último olhar para Lisboa das sete colinas. O Castelo de São Jorge. A Torre de Belém. Estoril. Cintra. O castelo da Pena. A Ilha da Madeira. Baía. Rio de Janeiro. Santos.

O avião da VARIG levantou voo no aeroporto de Congonhas. Até Curitiba, tempo bom, céu límpido. Depois, nuvens, vento, chuva, até Porto Alegre. Uma pena! Não foi possível apreciar nada lá embaixo.

Três dias na capital gaúcha. Depois, o ônibus transportou os imigrantes para a cidade do tio – Passo Fundo.



Durante o percurso, Adriano prestava atenção à tudo. Fazia comentários. Achava coisas interessantes, outras, absurdas. Não via guardas nas cidades, como em Portugal. Os carros andando livremente, muitas vezes na contramão. Estradas horríveis, cheias de buracos. Nuvens de poeira. Tudo tão diferente de Portugal. Poucas lavouras. Terrenos imensos abandonados, sem cultivo. Muita vegetação. Árvores estranhas. Casas de madeira, de estilo esquisito...

Andava agora na zona colonial italiana, entre vinhedos. Pinheiros começavam a aparecer. Poucos e pequenos. Aumentaram quando atingiu a região dos campos de Cima da Serra. Que maravilhoso espetáculo! Via, deslumbrado, a campanha infinita, ondulada, povoada de gadaria. E, lá no meio, isolada, negra moita, dominada por enormes árvores eretas, umbela de guarda-chuva. Eram as araucárias. Eram os pinheiros. Os sonhados pinheiros do Brasil.

Pela estrada, gigantescos caminhões de reboque, carregados de tábuas. Disseram-lhe que transportavam madeira de pinho. Adriano exultava. Encontrava-se, finalmente, na terra de seus sonhos, no país do dinheiro, das maravilhas. Iria morar na zona dos pinheirais...

\*\*

\*

O tio residia na cidade, da qual a fazenda distava cerca de 100 quilômetros. A conselho do tio, resolveram fixar residência em Lagoa Vermelha, a apenas 30 quilômetros dos Três Pinheiros. Daqui se tornava mais fácil administrar a fazenda.





Começa aqui a nova vida do jovem e romântico poeta. Pouco trabalho. Passeios pela fazenda. A maior parte do tempo, na cidadezinha serrana de Lagoa Vermelha, <<Rainha dos Pinheirais>>. Integrou-se na vida daquele ambiente pitoresco. Aprendeu a andar a cavalo. Traje de gaúcho. Vida de Gaúcho Chimarrão. Churrasco. Ia aprendendo o linguajar e o sotaque dos rio-grandenses. Fazia disso alarde quando escrevia para Portugal. Citava expressões gauchescas: <<Apertado como rato em guampa>>. <<Solito que nem gato em tapera>>. <<Assanhado que nem cusco de lavadeira>>. << Extraviado como filho de perdiz>>...

As saudades da pátria distante iam diminuindo, aos poucos. A nova o encantava. Aqui estava plenamente à vontade, como peixe na água. Tudo porque a vida lhe rodava, agora, no ambiente ideal para o seu jovem coração de sonhador. Encontrava-se na capital do pinho, gozando a poesia sublime do pinheiro, a árvore de seu amor. A sombra dela desejava viver. Construir um ninho. Dormir o último sono...

A cidade cercada de pinheiros por todos os lados, formando esplêndida coroa. Milhares de pilhas de tábuas de pinho envolviam-na numa moldura curiosa. Casas de madeira de pinho. A única indústria – a madeira. O município possui cerca de 500 serrarias. Um colossal movimento de caminhões de reboque, trafegando o dia inteiro, com enormes carregamentos, rumo dos grandes centros...

Nos tempos do pinhão, Adriano, espingarda à tiracolo, lá ia pela mata, junto com alguns companheiros. Juntavam pinhões. Amontoavam grimpas. Despejavam em cima centenas deles. Deitavam fogo. Num instante as chamas lambiam o ar, as grimpas pipocavam. Algum pinhão espocava, saltando da fogueira. Depois de minutos, abafava-se o fogo com um feixe de carqueja. Esteava pronto a sapecada. Os pinhões, no ponto. Gostosíssimos!

Adriano, comendo-os, pensava nos seus parentes e amigos de além-mar. Se eles soubessem o que é o pinhão do



Brasil... Chegava a enviar-lhes pacotes, pelo correio. Dava instruções de como deviam preparar: Na chapa do fogão. Na água ou na brasa.

\*\*

\*

Nesses passeios pelos pinheirais, Adriano encontrou, um dia, o sr.Caetano Allegretti, que dava ordens aos operários, cortadores e arrastadores de pinheiros. Era um trabalho interessante. Praticavam um talho, chamado barriga, no lado para onde devia tombar a árvore. Depois cerravam, horas a fio, aqueles troncos de dois metros de diâmetro. Aos poucos, o gigante da mata começava a inclinar-se. Tomava velocidade. Arrastava consigo outras árvores. E tombava com fragor, acordando os ecos da encosta.

Agora, braços vigorosos vibram golpes de machado. Arrancam a grossa casca encarquilhada. O tronco ficou lindo, branco, liso. O serrote voltou a roncar. Uma tora. Duas toras. Três toras. Juntas de bois arrastam-nas até o trapiche. O caminhão encosta. As toras rolam sob o impulso da alavanca. Apinham-se no veículo. E lá vão para o engenho.

Adriano repara na devastação. Grande parte do pinheiro perde-se inutilmente. Em Portugal aproveitam até as carumbas. E, aqui, apenas a metade do tronco.

- Que pena, Seu Allegretti! – murmura. – Quanta madeira que se perde!

- É verdade, Adriano. Mas o que vamos fazer? É o nosso ganha-pão. A riqueza do nosso município. Aqui é assim. Mas isto não é nada. Há uns quinze ou vinte anos, vi tombar muito pinheiro apenas para fazer roça. Pagavam quatrocentos réis a um

trabalhador para derrubar. Hoje pagamos cinco mil cruzeiros por pinheiro em pé. Por esse interior, Adriano, tombou muito pinheiro em vão. Foi tudo apodrecendo. Aquilo, sim, que foi crime!

- E a resina, Seu Allegretti? Aqui não extraem a resina?

- Que “sperança”! Ninguém pensou nisto ainda, Adriano. Para quê?

- Pois, em Portugal, Seu Allegretti, onde a madeira é muito escassa e cara, a resina do pinheiro rende mais do que a própria madeira.

- Interessante! E que fazem com esta resina?

- É exportada para os Estados Unidos e outros países, onde é industrializada.

- E qual o processo da extração?

- Pratica-se um talho no tronco, aplica-se uma tigelinha como se faz para extração do látex da borracha das seringueiras. A árvore sofre um pouco, mas o rendimento é extraordinário.

- Veja só, Adriano. E no Brasil, até hoje, ninguém se importou com essa riqueza. Estamos ainda muito atrasados. Nem sequer aproveitamos o nó de pinho. O nó de pinho é outra riqueza. Duro e resistente como osso, é o melhor combustível que existe. Antigamente fazia-se carvão. Cavavam buracos de dois ou três metros de profundidade. Enchiam-se de nós. Punha-se fogo. Cobria-se com terra. Depois de vários dias, estava pronto o carvão. Melhor do que o carvão de pedra.

\*\*

\*

Durante os meses do pinhão, no inverno, os bicho engordam. As pacas, as cutias, as capivaras, os macacos, os porcos, as vacas. As pinhas debulham e o chão fica um tapete vermelho de tanto pinhão. Os papagaios chegam em bandos, enchendo os ares de harmonias e de cores. Nuvens. Milhares, milhões de papagaios, ao cair da tarde, ou de manhã, cruzam os céus e se abatem sobre os pinheirais, numa algazarra ensurdecedora.

Adriano extasiava-se ante ao espetáculo surpreendente. Gostava dos papagaios. Conseguiu um para alegrar a sua casa. Mandava para Portugal, pelo correio, dentro de envelopes, lindas penas multicores dessas aves paurradoras. Lamentava não poder mandar um papagaio vivo.

O seu Antônio Dalmolin, velho morador do município, abastado fazendeiro e forte madeireiro, contou, um dia, à Adriano da história do desenvolvimento da cidade.

Há dez anos – dizia o seu Dalmolin – havia aqui apenas algumas dúzias de famílias. Os criadores moravam quase todos no interior, em suas fazendas. Surgiu a indústria da madeira, e tudo se transformou, como por encanto. Vieram madeireiros de muitos municípios. Grandes empresários da madeira, exportadores. Muitos de origem italiana como eu. Então, a população aumentou espantosamente. A cidade centenária dormia na sua inatividade. O pinheiro operou o milagre da transformação. Foi a vareta mágica que acordou a bela adormecida. A madeira, Adriano, é uma das maiores fontes de renda do estado e do Brasil. Exportado para a Argentina, Uruguai, Inglaterra...

\*\*

\*



Aumentavam os conhecimentos de Adriano acerca do pinheiro. Crescia sua admiração, seu amor. Quase todos já sabiam desse fraco do jovem português. E um dia, a pedido do Pe. Paulo, professor do Ginásio Duque de Caxias, compôs Adriano uma vibrante saudação ao pinheiro, que foi declamada nos festejos do dia da árvore. Ei-la:

<<No dia consagrado à árvore, a mocidade estudantil da capital do pinho presta sincera homenagem à rainha das árvores – o pinheiro, orgulho de nosso estado, símbolo a altivez do gaúcho, riqueza do nosso município.

Pinheiro, - vulto majestoso da flora brasileira, eu te saúdo quando pompeias coberto qual gigante altaneiro, dominando o negror das florestas virgens da nossa terra.

Pinheiro, - eu te saúdo na expressão sublime do teu simbolismo, quando nas coxilhas do pampas, tronco ereto, braços e peito rijo, enfrentas impávido as rajadas inclementes do minuano - retrato perfeito da pujança indômita do gaúcho, a flor da raça brasileira.

Pinheiro, - eu te saúdo quando te contemplo em atitude mística, qual torre de campanário demandando o infinito, o qual gaúcho de braços abertos, num hino perene de gratidão e na prece incessante que implora a bênção protetora do céu sobre nossa pátria.

Pinheiro, - eu te saúdo qual taça gigantesca e airosa que a terra brasileira oferece, constantemente, numa saudação de saúde ao estrangeiro que nos visita.

Pinheiro, – eu te saúdo na riqueza da tua madeira, base do progresso do nosso estado, com a qual o homem constrói templos ao seu criador e moradias a suas criaturas.

Pinheiro, – eu te saúdo quando te contemplo na orla doirada do horizonte, traçando a silhueta sacrossanta da cruz da

nossa redenção, que, ao pôr-do-sol, entedes, qual bênção divina da tarde, sobre o repouso da nossa gente laboriosa.

Pinheiro, – eu te saúdo na poesia bucólica que derramas liricamente sobre nossas campinas, nas tardes quentes do verão, ou refrescas a fonte de água cristalina dos rincões e protege solícito a casa humilde do nosso sertanejo.

Pinheiro, – eu te saúdo quando te perfilas nas restingas negras, contemplando a amplidão da campanha povoada de gadaria ou o oceano de verde-louro dos trigais que ondulam na beleza infinita de nossas campinas.

Pinheiro, – eu te saúdo quando no rigor da invernia qual taça de champanha branca, transbordas nas espumantes alvura da neve que se derrama sobre a mesa colossal dos campos.

Pinheiro, – eu te saúdo quando, às vezes, gemes ao sopro do vento, acompanhando o sofrimento do gaúcho ou cantas a sua alegria secundando o violão agreste e a canção selvagem de nossas cascatas.

Pinheiro, – eu te saúdo quando com teu fruto saboroso nos trazes a maravilhosa harmonia policrômica das nuvens de papagaios canoros e lindos.

Pinheiro, – eu te saúdo, beleza incomparável e simbólica de nossa pátria.

Pinheiro, – por que vais desaparecendo tão rápido das nossas vidas? Que o machado dos homens te poupe. E continues a ser o encantos e a bênção perene do nosso querido Brasil>>.

Esta declamação foi o número mais aplaudido da festa do dia da árvore. Chegou mesmo a ser publicada num jornal da cidade – O Eco Lagoense.

\*\*

\*

Adriano sentia prazer em visitas as serrarias da cidade e conversar com os madeireiros. Quase diariamente ia à serraria do Seu Atílio Bonotto, uma empresa vigorosa e a que ficava mais perto de sua casa. Admirava aquela curiosa lida do beneficiamento da madeira. As toras rolando do depósito para junto da serra, movida pela máquina à vapor. Colocadas no carro, avançavam lentamente. O serrote perpendicular subia e descia vertiginosamente. E as tábuas saíam brancas. Lindas, cheirosas de resina. Milhares de dúzias. Adriano chegava a auxiliar os operários, carregando os caminhões. Só de prazer.

Alzira era filha do senhor Atílio. Moça loira, 16 anos. Aluna da escola técnica de comércio Duque de Caxias. Fazia parte do time feminino de voleibol. A mais hábil jogadora. Uma autêntica atleta. Inteligente. Viva. Sempre bem trajada. Gostava de pintar. Ofereceu um mimoso quadro pintado por ela ao seu professor de português, Pe. Paulo.

Quase todos os dias, Adriano via passar guiando o luxuoso Ford do pai, o carro mais vistoso da cidade. Às vezes, conversava com ela. Não sei se por causa da estima que o jovem português consagrava aos madeireiros ou se por simpatia pela filha do grande empresário, o senhor Atílio. O caso é que surgiu nos dois ardentes corações a centelha do amor.

Quem sabe, pensava Adriano, que a realidade venha a superar a imaginação. Casaria com a filha de um madeireiro. Era o ideal. Dizia: Foi o pinheiro que trouxe esta família para cá. O pinheiro ainda fará a minha felicidade.

O namoro principiou de rijo. Uns meses apenas e já se falava em casamento. Na casa da moça, no entanto, reinava certa oposição. O rapaz era estrangeiro. Não tinha emprego fixo... A mãe

de Alzira era intransigente. Pediu até que acabassem logo com aquele namoro.

Alzira sofria. Consultava o Pe. Paulo. Este aconselhava calma, confiança e muita oração. Deu-lhe novenas de Santa Rita, do Pe. Réus. A moça, muito religiosa, rezava, fazia promessas.

A princípio, as coisas pareciam piorar. Ela já não podia sair para os treinos do jogo, a fim de não manter encontros com o rapaz. Começa, então, a corresponder-se. O Pe. Paulo era o intermediário dessas cartas amorosas e secretas.

\*\*

\*

Por esse tempo, surge uma luz no fim do túnel. Reinava então extraordinário interesse pela cultura do trigo. Negócio rendoso. O gado andava em crise. Gordo, sobrava nos campos, a míngua de compradores. Os campos principiavam por isso, a ser transformados em lavoura mediante à mecanização, prática insipiente e promissora. Enormes trigais deram então, de enfeitar as coxilhas com trajes de ouro. O município já produzia cerca de 100 milhões de toneladas do Cereal-Rei.

Um dia, o seu Boaventura, pai de Adriano, palestrava com o seu Atílio e o seu Fiorindo, genro deste. A conversa descambou para o trigo. Era necessário abraçar o negócio. Abraçar a ocasião. Veio, então, à baila a Fazenda dos Três Pinheiros. Poderiam organizar uma granja de trigo. Em sociedade. O assunto apaixonou. Ao cabo de poucos dias, a ideia da granja triunfou.

Agora, a oposição ao namoro desapareceu como por artes de magia. Todos acabaram apoiando o namoro e que o casamento se realizasse o quanto antes. Alzira, radiante, correu a transmitir a



sensacional novidade ao Pe. Paulo e mandou publicar a graça nos jornais, cumprindo a promessa.

Terminado o ano letivo, a moça anunciou a sua desistência na continuação dos estudos. Iria casar. Três meses apenas e a participação do contrato de casamento chegava às mãos dos parentes e amigos. O enlace se daria dentro de poucos meses.

Os preparativos marchavam à jato. Em casa de Alzira, as moças trabalhavam dia e noite na tarefa de preparar o enxoval. Em Três Pinheiros, onde a família de Adriano tomava conta da granja, vinha sendo construída linda casa de madeira de pinho. Devia ser de madeira de pinho.

\*\*

\*

Um sábado de tarde, Alzira aparece na Escola para falar com o Pe. Paulo. Vinha bufando, nervosa.

- Padre, - disse colocando as mãos sobre o peito e soltando fundo suspiro.

- Que há, filha? – perguntou o padre. – tudo azul?

- Reze por mim, Pe. Paulo. Preciso muito.

- Mas o que que há Alzira?

- Agora, padre, é ele. Chegou hoje de granja mal humorado. Resmungou umas palavras e foi embora.

- Isso não é nada, minha filha. Sossegue. É por causa da ausência. Com a graça de Deus, você vencerá esta crise. Não perca a confiança. Não tenha dúvida. Reze. Reze muito. Santa Rita não pode falhar, ouviu?

Novas novenas. Promessas. Missas. Comunhão diária. E, no sábado seguinte, o noivo apareceu manso como cordeiro. Alegre e carinhoso. Havia pássaros cantando na lama dele e... Na alma dela. No domingo, Adriano ao volante do carro do futuro genro, passearam todo o dia, juntamente com a ondina, acadêmica de medicina, irmã da Alzira e mais a Maria, a Lourdes, e a amiguinha Clevi, filha do prefeito municipal, senhor Adolfo Stella.

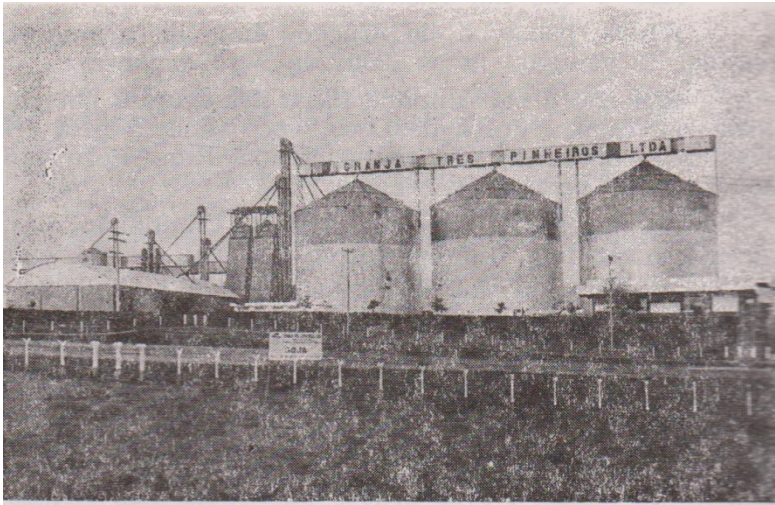
O resto do noivado decorreu às mil maravilhas. Promessas foram pagas. Novas graças publicadas nos jornais.

O casamento foi dos mais pomposos da cidade. Pe. Paulo, celebrante, expressamente convidado, notou a profunda emoção dos noivos, naquele momento solene, ao pé do altar. Alzira chegou mesmo a apresentar a mão esquerda na hora de receber a aliança e a teimar com o padre que era a direita...

Era o dia 13 de julho de 1957. O templo lotado. Todos admiravam o lindíssimo vestido da noiva. A mãe dela não pôde conter as lágrimas ao ouvir do celebrante estas palavras: <<Que a vossa vida seja o reflexo da vida honrada de vossos queridos pais. Continuai a conservar a gloriosa tradição das vossas famílias modelares e operosas. Será a maior recompensa para ele e penhor de vossa felicidade>>.

Não houve viagem de núpcias. Na mesma noite, após o grandioso banquete na casa do senhor Atílio Bonotto, o simpático e jovem casal rumou para os Três Pinheiros. A casa estava prontinha, linda, à sombra dos pinheiros, onde os papagaios cantam o triunfo desta batalha de amor. A cem metros, uma serraria, que o pai de Alzira acabava de adquirir, ronca o dia inteiro, serrando os pinheiros da fazenda da família portuguesa.

Estava realizado mais um sonho. E, hoje, à beira do trigal, ao lado do engenho, à sombra dos pinheiros, ouvindo o tomo dos pinheiros no capão vizinho, numa casa de madeira. – Vive feliz o romântico rapaz, o enamorado dos pinheiros, o jovem Adriano, ao lado da sua querida Alzira, à espera dos herdeiros.



**Um dos armazéns graneleiros da Granja Três Pinheiros, de Adriano e Alzira Bonotto Machado e filhos**

PERSEGUIDO DE MULHERES é o Bélió Fiori, de Vila Flores, RS, quando esteve em visita a Urucânia, Minas Gerais, a fim de pedir graças ao Pe. Antônio Pinto.

O HOTELEIRO Daniel Bertelli iniciou sua profissão em Lagoa Vermelha, sendo atualmente um dos maiores hoteleiros da fronteira. Católico fervoroso praticou a comovente façanha desta história.

ARLETE – Uma jovem carioca que se apaixonou pelo autor deste livro.



PESCADOR DE CORUJA narra as façanhas de atirador do sr. Daniel Barreto, que um dia pescou uma coruja no rio Forquilha.

PESCARIA A DINAMITE aconteceu com vários pescadores lagoenses, entre os quais o comerciante Firmino Rovani, casado com Honorina Scalabrin.

LAGOA VERMELHA – 110 ANOS – recorda, na palavra do Vereador José Antônio de Andrade, ex-aluno do autor, as glórias da Estância Velha (Clemente Argolo), berço materno dos dois presidentes do Brasil: Jânio Quadros e Juscelino Kubitshek de Oliveira.

QUINZOTE – um dos fundadores de Lagoa Vermelha, que um dia laçou uma onça e foi degolado pelos maragatos durante a Revolução de 1893.

OS GUADAGNIN de Lagoa Vermelha e demais fabricantes de móveis e uma linda história de Antônio Guadagnin.

O COMBATE DA ENCRUZILHADA – um dos mais sangrentos de toda a Revolução de 23.

GRANJEIRO MODELO Raul Feijó dá um exemplo de como devem ser todos os grandes empresários em relação aos seus empregados.

GRANJA TRÊS PINHEIROS – histórico de como a família de Adriano e Alzira Bonotto Machado construiu o maior estabelecimento de produção e comercialização de cereais da região.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



